

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ISABEL COLUCCI COELHO**

**INTERNET E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES INSPIRADAS  
PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS ARTICULADOS EM REDE  
PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS**

Florianópolis, SC  
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ISABEL COLUCCI COELHO**

**INTERNET E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES INSPIRADAS  
PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS ARTICULADOS EM REDE  
PARA A FORMAÇÃO DE SUJEITOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação e Comunicação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Andrea Brandão Lapa, Dr<sup>a</sup>.

Florianópolis, SC  
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

COELHO, ISABEL COLUCCI

INTERNET E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES INSPIRADAS PELOS  
MOVIMENTOS SOCIAIS ARTICULADOS EM REDE PARA A FORMAÇÃO DE  
SUJEITOS / ISABEL COLUCCI COELHO ; orientadora, Andrea  
Brandão Lapa - Florianópolis, SC, 2015.  
188 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Educação e Comunicação. 3. Cultura  
Digital. 4. Formação Crítica. 5. Tecnologias Digitais de  
Informação e Comunicação para Educação. I. Lapa, Andrea  
Brandão. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido em um ambiente em que sempre prevaleceu a harmonia, a colaboração e a alegria por construir em conjunto. É fruto desses preciosos momentos e oportunidades na vida em que encontramos solo fértil para crescermos. E é assim que venho agradecer hoje: profundamente feliz por constatar o desenvolvimento, não só acadêmico, mas também pessoal, que a realização deste mestrado me proporcionou. Assim, agradeço, antes de tudo, à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrea Brandão Lapa, por ter idealizado, construído e mantido o lugar de onde me situo para olhar para aquilo que sempre me intrigou. Agradeço por seu entusiasmo, parceria e incansáveis dedicação e comprometimento; pelo apoio e corresponsabilidade ao me incentivar a buscar o desconhecido e enfrentar o incerto.

À banca examinadora, registro meu profundo agradecimento por toda disponibilidade e atenção minuciosa com este projeto, que vem recebendo contribuições desde a etapa de qualificação.

Aos amigos do projeto **Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento** Andreson Lopes Lacerda, Vinicius Ramos, Simone Leal Schwertl, Giliane Brun, Cesar Smaniotto Jr., Jean Carlos Pantoja, Vânia Koerich, Nilza Gomes, Sabrina Kons, Jaisson Ramos, Marília Bergamo, Robson Fernandes, Jane Bauer e Arisnaldo Cunha, meu muito obrigada pela participação direta de cada um de vocês neste projeto. Agradeço também aos amigos do Grupo de Pesquisa Comunic, pelo crescimento que todas as discussões de texto me proporcionaram.

Registro meu agradecimento também a toda **Rede de Políticas Públicas para Educação**, coordenada pela , Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tamara Egler/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, por elevar nossa pesquisa a um riquíssimo contexto de troca e construção e pelo financiamento deste projeto, por meio do edital Obeduc/Capes. Gostaria também de agradecer pelo conhecimento inestimável transmitido pelos professores deste PPGE e a todos aqueles que na graduação em Jornalismo semearam as inquietações que me trouxeram até este programa (em especial às Prof<sup>as</sup>. Dr<sup>as</sup>. Gilka Girardello, Maria José Baldessar, Valquíria John, Daisi Vogel e Gislene Silva).

Foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho a parceria do Laboratório de Estudos da Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (LABIC/UFES), coordenado pelo Prof. Dr. Fabio Malini, que nos guiou em nossas primeiras

aproximações metodológicas para o estudo de redes sociais. Estendo este agradecimento aos alunos membros do Laboratório, em especial a Marianne Malini e Nelson Aloysio, pelo auxílio direto que nos prestaram.

Agradeço também à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Baldessar, por um dia ter me perguntado "por que você não faz mestrado na Educação?" e por toda parceria que desenvolvemos desde então.

Aos meus pais e meu irmão, agradeço profundamente pela formação que recebi, orientada à valorização do conhecimento, e por todo incentivo para a conclusão deste mestrado. Ao Dani, companheiro de vida, pelo amor, cumplicidade, paciência e apoio, indispensáveis não só à realização deste projeto. À Maria, pelo carinho de suas mãos pequeninas, pela vivacidade de seus olhinhos e por todas as vezes que me tirou o foco - importante ensinamento. À Lara, pela companhia constante e deliciosa nestes últimos oito meses. Aos meus sogros e cunhada, pelo carinho, dedicação e cuidado, comigo e com a Maria.

Muito obrigada!

## RESUMO

A presente dissertação insere-se no contexto da linha de pesquisa Educação e Comunicação com o objetivo de analisar elementos que possam contribuir para a formação crítica de sujeitos nos espaços sociais virtuais. Para isso, empreende uma investigação sobre a ação política promovida por movimentos ativistas nas redes sociais para identificar elementos relevantes para a formação de sujeitos nesses espaços públicos educadores. A pesquisa se constitui por meio de uma análise qualitativa, realizada a partir de mensagens trocadas na rede social Twitter durante os protestos nacionais contra o aumento das tarifas de ônibus, deflagrados pelo Movimento Passe Livre (MPL), entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015. Este trabalho desenvolve a sistematização de uma revisão bibliográfica em busca de fatores e circunstâncias que contribuem para o empoderamento de sujeitos; cria um desenho de pesquisa para análise qualitativa de big data; e, finalmente, analisa as categorias analíticas pré-determinadas pelo marco teórico, a pluralidade e o agir comunicativo, em suas condições de existência na ação política promovida por movimentos sociais na internet. Como resultados, destaca a importância da exposição à diversidade de ideias; o conhecimento de estratégias usadas por usuários de destaque (autoridades) para o acolhimento dos demais membros da rede no debate; o comportamento que permitiu a usuários comuns ascender à condição de autoridade no grupo; e a identificação de elementos de exposição de ideias que estimulam a construção coletiva de consenso.

Palavras-chave: 1. Educação e Comunicação. 2. Cultura Digital. 3. Formação Crítica. 4. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para Educação. 5. Ação Política



## **ABSTRACT**

This work is part of the Education and Communication research line and aims to analyze elements that can contribute to critical formation in virtual social spaces by undertaking an investigation of the political action promoted by activist movements on the internet. A qualitative analysis was held based on messages exchanged on the social network Twitter during the Brazilian nationwide protests against rising bus fares - triggered by the Movimento Passe Livre (MPL) in January-February, 2015. This work develops a literature review in search of elements that contribute to the empowerment of individuals; creates a research design for qualitative analysis of big data; and, finally, examines the analytical predetermined categories (plurality and communicative action) in a moment of political action promoted by a social movement on the internet. The analysis carried out highlights the importance of social network users' exposure to diverse ideas; strategies used by featured users to welcome other users in the debate; the behavior that led ordinary users to ascend to the a distinguished status among network peers; and the identification of idea exposition elements that improve the collective construction of consensus.

**Keywords:** 1. Education and Communication. 2. Digital Culture. 3. Critical thinking. 4. ICT for Education. 5. Political Action



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Classificação de investigações com a internet .....	84
Figura 2. Grafo da rede de <i>retweets</i> da <i>hashtag</i> #Vemprarua entre 15 de junho e 30 de outubro de 2013. ....	91
Figura 3. <i>Wordcloud</i> das mensagens retweetadas pelo <i>cluster</i> ativista da <i>hashtag</i> #Vemprarua. ....	92
Figura 4. Página da exibição de <i>tweets</i> filtrados pela categoria de espaço de possibilidade Confluência <i>on-line/off-line</i> .....	116
Figura 5. Imagem postada por usuário mostra o desenvolvimento da manifestação.....	127
Figura 6. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Diálogo.....	137
Figura 7. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Integração Social.....	138
Figura 8. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Confluência <i>On-line/Off-line</i> .....	139
Figura 9. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Outros.....	139
Figura 10. Visualização da rede de <i>retweets</i> nos <i>datasets</i> estudados ( <i>Datasets</i> 01, 02 e 03).....	145
Figura 11. Visualização do componente gigante (nós mais fortemente conectados) na rede de <i>retweets</i> estudados ( <i>datasets</i> 01, 02 e 03). ....	147



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sistematização das temáticas abordadas pela cobertura da Mídia Ninja entre 01 e 20 de maio de 2013. ....	94
Tabela 2. Sistematização de conceitos, indicadores e métricas para a análise de Espaços de Possibilidade.....	105
Tabela 3. Biblioteca de Termos da Mineração por Espaços de Possibilidade.....	108
Tabela 4. Sistematização de Pluralidade, categoria analítica de Processos Relevantes.....	110
Tabela 5. Sistematização de Agir Comunicativo, categoria analítica de Processos Relevantes.....	114
Tabela 6A. Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de Pluralidade.....	119
Tabela 6B. Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de PLURALIDADE.....	121
Tabela 6C. Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de Pluralidade.....	122
Tabela 7. Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de AGIR COMUNICATIVO .....	124
Tabela 8. Distribuição dos usuários por valor de autoridade (em Diálogo).....	142
Tabela 9. Distribuição dos usuários por valor de autoridade (em Integração Social).....	142
Tabela 10. Distribuição dos usuários por valor de autoridade (em Confluência <i>Online/Off-line</i> ).....	143
Tabela 11. Tipos de perfil de autoridade por categoria de espaço de possibilidade.....	143
Tabela 12. Proporção de usuários vinculados às principais comunidades da rede .....	145
Tabela 13. Proporção de usuários vinculados às principais comunidades do componente gigante.....	148
Tabela 14 - Dez principais autoridades classificadas de acordo com sua presença em cada um dos <i>datasets</i> estudados.....	149



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Troca contínua de mensagens I .....	164
Quadro 2. Troca contínua de mensagens II .....	165
Quadro 3. Troca contínua de mensagens III.....	166



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Grafico 1. Relação da interseção entre as categorias com "intenção de diálogo" .....	152
--	-----



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO I Formação Crítica na Cibercultura.....</b>	<b>29</b>
1.1 Por que falar de formação crítica?.....	29
1.2 Cultura digital e as mudanças na educação .....	41
<b>CAPÍTULO II Ação Política no mundo interconectado.....</b>	<b>51</b>
2.1 Em busca de um novo paradigma social .....	52
O direito à cidade .....	56
2.2 A internet (Web 2.0) como lugar de ação política.....	57
2.3 Entre o global e o local: os movimentos ativistas no mundo e no Brasil .....	61
Primavera árabe.....	67
2.4 Distinção teórica: movimentos sociais e manifestações.....	75
2.5 Fatores e circunstâncias.....	76
<b>CAPÍTULO III Um estudo de caso do ativismo nas redes sociais..</b>	<b>83</b>
3.1 Metodologia .....	87
3.1.1 <i>Pesquisa de perspectivas teóricas e metodologias de investigação qualitativa na web (métodos e instrumentos)</i> .....	88
3.1.2 <i>Observação inicial e identificação de casos de coletivos ativistas no Brasil</i> .....	92
3.1.3 <i>Definição de critérios de seleção</i> .....	95
3.1.4 <i>Seleção do caso</i> .....	97
3.1.5 <i>Delimitação do objeto empírico</i> .....	101
3.1.6 <i>Desenho da pesquisa</i> .....	102
3.2 Categorias e procedimentos aplicados a esta pesquisa.....	103
3.2.1 <i>Mineração por Espaços de Possibilidade</i> .....	104
3.2.2. <i>Mineração por Processos Relevantes</i> .....	109
3.2.3 <i>Detalhamento dos Procedimentos e Softwares</i> .....	116
<b>CAPÍTULO IV: A Pluralidade e o Agir Comunicativo nos atos #Contratarifa de janeiro e fevereiro de 2015 (análise qualitativa de dados) .....</b>	<b>125</b>
4.1 Análise de conjuntura: apontamentos sobre a leitura manual dos <i>datasets</i> .....	125
4.2 Apresentação e análise de dados: pluralidade .....	131
4.2.1 Acolhimento no grupo.....	131
4.2.2 Diversidades de perspectiva no debate.....	136
4.2.3 Espaço compartilhado de troca de ideias .....	141

4.3 Apresentação e análise de dados: Agir Comunicativo .....	150
4.3.1 Análise de <i>Intenção de Diálogo e Ideia Própria</i> .....	152
4.3.2 Análise de Compreensão do outro e Abertura .....	159
4.3.3 Análise das conversações .....	163
4.4 Considerações sobre os dados encontrados.....	168
4.5 Considerações sobre o método e o objeto:.....	169
<b>CAPÍTULO V Considerações Finais.....</b>	<b>173</b>
<b>Referências.....</b>	<b>181</b>

## INTRODUÇÃO

No mês de junho de 2013, o Brasil assistiu à tomada das ruas por milhões de pessoas em manifestações marcadas por características semelhantes a de outros movimentos políticos que vêm eclodindo mundialmente, tais como a recusa de lideranças; o apartidarismo; a não sistematização de pautas de reivindicação; e a utilização de redes sociais virtuais como ponto de encontro, debate, organização e divulgação. Em suas reflexões sobre esses protestos, o economista e sociólogo Carlos Vainer escreveu:

Pela rapidez com que se espalharam, pelas multidões que mobilizam, pela diversidade de tema e problemas postos pelos manifestantes, elas evocam os grandes e raros momentos da História em que mudanças e rupturas que pareciam inimagináveis até a véspera se impõem à agenda política da sociedade (...) (VAINER, 2013, p. 35).

Em um contexto anteriormente tido como de apatia política, as manifestações (que aconteceram depois de mais de dez anos de mobilização e trabalho constante do Movimento Passe Livre) mostraram que ainda há espaço e possibilidade de união e demonstração de insatisfação entre as pessoas e sugerem que uma nova forma de debate e deliberação se encontra em desenvolvimento.

Se assumirmos o conceito de Scherer-Warren (2006), uma rede de movimento social pressupõe “[...] a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113). A autora aponta que, nas sociedades globalizadas, as redes são multiformes e aproximam atores sociais diversificados, que, em diálogo (não isento de conflito), passam “[...] da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural” (idem, p. 116).

Inspirada nas tendências entre o social e a autonomia dos sujeitos, descritas por Touraine na crítica à modernidade (TOURAINÉ, 1994), sugere, em outro artigo (GADEA; SCHERER-WARREN, 2005), que a formação dos movimentos sociais depende *mais* dos elementos formadores de atores do que de condições objetivas. “Segundo parece, o que se sugere é um marco de análise que navegue a partir da combinação entre movimento social e as questões próprias da diversidade cultural, entre mobilização e identidade pessoal e social” (GADEA; SCHERER-WARREN, 2005, p. 41).

Um dos elementos que vêm sendo apontados como decisivo para a retomada dos movimentos sociais de grande escala é a internet, ou, mais exatamente, a consolidação da segunda geração de serviços *on-line* (chamada Web 2.0), que fez da rede, principalmente, um ambiente de interação entre seus usuários.

A partir da incorporação de recursos de interconexão e compartilhamento aos processos comunicacionais entre todos os membros conectados da sociedade, a internet vem possibilitando um paradigma comunicacional baseado em um modelo mais plural que o da mídia de massa. Assim, assiste-se à aparição do que o estudioso da sociedade no contexto da comunicação digital, Manuel Castells (2013), chamou de *espaço da autonomia* – um híbrido entre cibernética e espaço urbano, no qual as pessoas teriam poder de agência coletiva.

Nesse contexto, a inquietação que norteia esta pesquisa está nas mudanças sociais resultantes dessa alteração fundamental na forma de comunicação em sociedade. Elas criam, indubitavelmente, novos espaços de possibilidade para uma maior ação política, o que poderia ter desdobramentos férteis na educação (ou, melhor, na formação de sujeitos). Assim, pode-se estabelecer que este trabalho se situa no campo que emerge da inter-relação entre a Educação e a Comunicação e se soma aos esforços que vêm sendo empreendidos para a compreensão das transformações que se fazem necessárias às práticas educativas, a partir da presença, cada vez mais frequente, de elementos da cultura digital no cotidiano da população.

Parte-se da constatação, cada vez mais evidente, da existência de um hiato entre os processos atuais de mediação social e de construção de conhecimento, nas escolas e no espaço público contemporâneo – sob crescente influência de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) (MARTÍN-BARBERO, 2005, 2014; LÉVY, 1999; ORÓZCO-GOMEZ, 2007; BUCKINGHAM, 2007).

Os dispositivos de comunicação digital inauguram um modelo de comunicação que dilui a hierarquia da distribuição do saber. Sobre esse fenômeno, o semiólogo, antropólogo e filósofo Jesús Martín-Barbero escreve:

Os meios de comunicação e as tecnologias de informação significam para a escola sobretudo um desafio cultural, que deixa visível a brecha cada dia maior entre a cultura a partir da qual os professores ensinam e os alunos aprendem. Pois os meios de comunicação não somente

descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de *socialização*, de dispositivos de identificação/projeção de pautas de comportamento, de estilos de vida e padrões de gosto (MARTÍN-BARBERO, 2005, p. 67, grifo do autor).

Assim, em um momento em que as práticas de educação precisam ser ressignificadas, busca-se investigar se é possível extrair, da cultura e das formas de ação que emergem nos espaços sociais virtuais, novas maneiras de se promover a formação crítica de sujeitos. Propõe-se a realização de um estudo que tem por objetivo analisar as possibilidades que surgem a partir de um contexto comunicativo (caracterizado pela ampliação do potencial do público em difundir ideias e conteúdos por meio da internet) para a identificação de fatores e circunstâncias passíveis de serem apropriados e trazerem novas inspirações ao contexto educacional, com vistas à formação crítica.

É premissa deste trabalho a existência de uma relação indissociável entre a comunicação e a educação. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1979, p. 69). Ou, conforme o entendimento de Martín-Barbero (2005), a comunicação coloca, em comum, os sentidos da vida e da sociedade, e o ato de comunicar mobiliza, nas pessoas, capacidades de apropriar-se do mundo e dar-lhe sentido (MARTÍN-BARBERO, 2005).

Persegue-se, nesta pesquisa, o ideal de educação dialógica e transformadora de pessoas em **sujeitos**, proposta por Paulo Freire, que tem eco na concepção de comunicação de J. Habermas, o *Agir Comunicativo*, em que a linguagem é fonte de integração entre as pessoas e não meramente de transmissão de uma mensagem.

[...] a *ação comunicativa* surge como uma interação de, no mínimo dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabelecem relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do *entendimento* (PINTO, 1995, p. 80 - grifos do autor).

Encontra-se o entendimento de sujeito que se busca neste trabalho em Mendes Jr. (2010): um indivíduo consciente das condições postas pelo mundo em que vive, capaz de agir para transformá-lo em busca da sua liberdade e da sua identidade como autor de sua história, e não mero objeto da sua produção.

Acredita-se, portanto, que as formas de comunicação que emergem nos atuais espaços públicos de diálogo podem configurar um ambiente fértil para a investigação de referências para a potencialização da dialogicidade dos processos educativos, ou, pelo menos, devem ser profundamente compreendidas pelo campo da educação. Como enfatiza Martín-Barbero (2014, p. 10), "[...] estamos passando de uma sociedade com sistema educativo a uma sociedade educativa".

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), além de inaugurarem um modelo de comunicação, têm possibilitado uma nova forma de organização e ação autônoma em sociedade (CASTELLS, 2013). Os movimentos sociais, como amplamente discutido, vêm reconfigurando-se, nos últimos anos, em função das possibilidades de articulação encontradas na internet. Novas formas de ação política parecem estar surgindo nesse ambiente de comunicação autoral e não hierárquica, que permite outras formas de organização da sociedade civil para o compartilhamento de suas indignações, para a mobilização em protestos sociais e manifestações simbólicas, para o encaminhamento de ações coletivas em prol de políticas públicas e sociais.

Compreende-se que a *ação* é uma das atividades inerentes à *condição humana*, como postulou a filósofa alemã Hannah Arendt ainda no início da segunda metade do século XX. No entanto, a autora chama a atenção para o fato de que a forma com que o domínio público é constituído tem potencial para impedir que o objetivo da ação seja atingido. Em sua obra, Arendt clama que as sociedades modernas minam a qualidade da vida pública e democrática:

Ao invés da ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os seus membros, a fazê-los comportarem-se, a excluir a ação espontânea ou a façanha extraordinária (ARENDR, 2013, p. 49).

A filósofa estabelece, assim, que o domínio público é determinante para que a ação possa ser exercida em uma determinada

organização social, de modo que reforça a demanda de um estudo aprofundado dos espaços públicos contemporâneos.

Os estudos da comunicação, já a partir das primeiras décadas do século XX, com a Escola de Chicago e a Escola de Frankfurt, buscaram estabelecer a relação da participação dos meios de comunicação na configuração do espaço público. A Escola de Frankfurt, particularmente, construiu a base teórica para a perspectiva crítica, que dá início às reflexões sobre a relação do uso dos meios de comunicação para expansão do capital – prática que hoje se reflete na conversão do ciberespaço em instrumento de colonização pelos esquemas e pelas práticas da indústria cultural (RÜDIGER, 2011). É sobre essa perspectiva que esta pesquisa se ampara para reconhecer tanto a necessidade de consciência das condições restritivas (não neutras), dadas pelos meios técnicos, como a importância da comunicação no desenvolvimento de novas formas de associação e solidariedade para o surgimento de uma sociedade mais livre na cultura digital (FEENBERG, 2002; RÜDIGER, 2011).

Sendo assim, nesta pesquisa, pretende-se observar a ação política que acontece nas redes sociais. Busca-se o potencial formativo existente nesses espaços sociais virtuais a partir de uma perspectiva teórica que reconhece o papel desempenhado pelos processos de comunicação existentes em uma determinada sociedade no delineamento da forma e do funcionamento de seu espaço público. Entende-se que estudar a relação educação/comunicação, com vistas a contribuir para que a educação se configure como espaço de formação de sujeitos aptos à ação e à participação na sociedade, demanda a realização de esforços para a compreensão dos cada vez mais complexos processos de comunicação existentes no contexto social – e é precisamente esta tarefa que se propõe nesta pesquisa.

A presente proposta de dissertação integra o projeto **Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento**<sup>1</sup>, do qual a proponente desta dissertação é bolsista de mestrado. O projeto é desenvolvido por uma rede de núcleos de pesquisa radicados na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade Cândido Mendes (UCAM) e na Universidade Federal de Santa Catarina

---

<sup>1</sup> Desenvolvido pela Rede de Políticas Públicas para a Educação (RPPE) e contemplado pelo edital do Observatório da Educação/CAPES 2012.

(UFSC), na qual o grupo de pesquisa COMUNIC/UFSC<sup>2</sup> investiga o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento.

A equipe distribui-se em variadas dimensões de pesquisa: (1) a prática, com projetos de intervenção no ensino formal; (2) a teórica-metodológica, com investigação sobre aportes teóricos contemporâneos e novas metodologias de análise de espaços não formais de ensino e; (3) de desenvolvimento, com propostas de criação e articulação de ambientes educativos inovadores. Este trabalho insere-se na segunda dimensão, na observação da ação política em espaços sociais virtuais para a identificação de fatores e circunstâncias relevantes para a formação crítica.

A dissertação ora apresentada tem, como objeto de estudo, a atuação política deflagrada a partir da atuação do coletivo Movimento Passe Livre (MPL) durante o mês de janeiro de 2015, momento em que diversas manifestações eclodiram no Brasil em função de uma nova tentativa de aumento no preço das tarifas de ônibus, após os levantes de junho de 2013.

O momento selecionado para a pesquisa é aquele em que o Movimento passa a atuar oficialmente na rede, com perfil ativo no Twitter durante o período de manifestações para a divulgação de atos, de notas em resposta a comentários da imprensa e, também, para interagir com usuários das redes sociais – o que não aconteceu em 2013.

Enfatiza-se que o objeto de estudo não é a análise do Movimento Passe Livre enquanto movimento social, mas, sim, do processo que a atuação do Movimento incutiu na sociedade, que, por meio das redes sociais, se comunicou e participou da narrativa e da execução dos protestos.

Pretende-se construir o percurso desta pesquisa em cinco capítulos. No primeiro, buscar-se-á apresentar os entendimentos de educação, de ação política e de formação crítica de sujeitos que norteiam este trabalho. Refletir-se-á, também, sobre os desafios contemporâneos para suas aplicações em sociedade. O primeiro capítulo é, portanto, dividido em duas partes. Na primeira, serão feitas considerações sobre o distanciamento que o modelo político vigente impõe às pessoas das instâncias de decisão e o papel que se enxerga para a educação na alteração deste sistema. A segunda parte busca descrever os desafios que as mudanças sociais, geradas a partir da emergência do modelo de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8536025964124353>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

comunicação que se consolida a partir das tecnologias digitais, trazem para a ressignificação das práticas de educação.

Em seguida, no segundo capítulo, serão buscadas as referências para a educação transformadora em espaços nos quais, ao que parece, a ação política tem acontecido – serão procuradas as brechas de possibilidade. Para isso, pretende-se reconhecer as tensões que formam os desafios que a sociedade enfrenta nos primeiros anos deste século XXI; descrever como a internet vem apresentando-se como um campo político de disputas na construção de um novo paradigma social; refletir sobre as principais características das manifestações em que a internet tem papel central para a mobilização de milhões de pessoas ao redor do mundo; e apresentar os fatores e as circunstâncias, encontrados na revisão bibliográfica da pesquisa, necessários ao desenvolvimento da ação política.

No terceiro capítulo, será apresentada a pesquisa que se pretende desenvolver e o recorte empírico. Será demonstrado o percurso traçado até a seleção de uma ação política deflagrada pelo Movimento Passe Livre como objeto de estudo e a metodologia empregada para a compreensão dos processos de ação política e formação crítica de sujeitos junto a esse movimento social.

O capítulo seguinte será dedicado à apresentação dos dados encontrados na pesquisa, quando se buscará indicar elementos, a partir da realidade encontrada, para o uso crítico dos espaços sociais virtuais na educação.

O último capítulo tratará das considerações finais, por meio das quais se pretende contribuir para o conhecimento acerca dos novos espaços de mobilização social, no contexto comunicativo do século XXI, com vistas a futuras reflexões sobre o alinhamento da educação às formas emergentes de mediação entre os meios e a sociedade e, acima de tudo, de forma intencionalmente direcionada à formação crítica de sujeitos.



## CAPÍTULO I

### Formação Crítica na Cibercultura

Inicia-se este trabalho com o objetivo de apresentar aquilo que se entende por educação transformadora, ação política e formação crítica de sujeitos aptos a agir sobre a estrutura social em que estão inseridos. Compreende-se que o cenário atual se encontra em um momento potencial, em que se percebe a importância de se atualizar as práticas de educação em função do estabelecimento de um novo paradigma de comunicação em sociedade. Portanto, entende-se que esse momento se configura, também, como uma oportunidade para que essas práticas sejam construídas de forma a propiciar que a formação para o pensamento crítico se constitua como principal finalidade da educação.

Assim, divide-se este capítulo em duas partes. Na primeira, busca-se evidenciar como o modelo político vigente distancia as pessoas da atuação política e qual seria a concepção desejada de educação nesta pesquisa – aquela que teria, entre seus objetivos, o desenvolvimento da capacidade das pessoas em agir no mundo para transformá-lo. O pensamento será fundamentado no legado teórico de estudiosos como Norberto Bobbio, Marilena Chauí, Jürgen Habermas, Hannah Arendt, Patrice Canivez, Henri Giroux, entre outros.

A segunda parte busca descrever os desafios que as mudanças sociais, geradas a partir da emergência de um novo modelo de comunicação, trazem para a ressignificação das práticas de educação. Aqui, busca-se demonstrar o princípio que vem norteando a incorporação de TDIC às escolas (principalmente focado nos dispositivos), com base nos estudos de Orozco-Gómez; a influência dos meios de comunicação na constituição e na forma de funcionamento do espaço público, a partir, principalmente, do pensamento de Martín-Barbero, Manuel Castells e Pierre Lévy; e, finalmente, refletir sobre as implicações desses processos na educação, a partir do pensamento de Antonio Bartolomé e Nelson Pretto.

#### 1.1 Por que falar de formação crítica?

*Educar verdadeiramente não é ensinar fatos novos ou enumerar fórmulas prontas, mas, sim, preparar a mente para pensar.*

*(Albert Einstein)*

O modelo político que rege a sociedade contemporânea e que determina as regras de acesso formal ao poder e às instâncias de decisão foi descrito pelo economista tcheco Joseph A. Schumpeter, que, ao construir sua teoria democrática, rejeitou a noção clássica de democracia e buscou descrevê-la em um método teórico-analítico fiel à realidade (FELISBINO, 2009). Ao abandonar a perspectiva de como a democracia *deveria ser* e buscar analisá-la *como ela é*, sua obra tornou-se referência para a compreensão dos processos políticos contemporâneos e para a elaboração de propostas de outras teorias democráticas. O economista, em sua análise do modelo político encontrado, estabelece que a democracia "[...] significa apenas que o povo tem a oportunidade de aceitar ou recusar as pessoas designadas para governá-lo" (SCHUMPETER, 1984 apud FELISBINO, 2009), mas não aceita a ideia da democracia clássica, que compreendia o cidadão como um ser interessado e capaz de conduzir os processos políticos.

Em *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*, a filósofa Marilena Chaui (2011) postula que a teoria de Schumpeter é própria do momento em que a democracia passa a ser compreendida pela relação entre o Estado e a economia oligopólica (CHAUÍ, 2011). Nesse contexto, o Estado agiria como *sócio* e *interventor econômico*. A autora identifica alguns elementos tônicos que caracterizam o modelo democrático Schumpeteriano, entre eles, a limitação da democracia a um mecanismo para a escolha e autorização de governos; a conversão da política em uma questão de elites dirigentes, uma vez que aos votantes cabe apenas escolher as pessoas habilitadas a decidir quais são e como resolver os problemas políticos; e a configuração do sistema eleitoral como um rodízio dos ocupantes do poder, cujo objetivo é proteger a sociedade dos riscos da tirania.

Chauí (2011) apresenta, também, o entendimento do cientista político canadense C. B. Macpherson, que critica tal modelo e defende que, nele, a democracia é relacionada à capacidade do Estado em responder às demandas cidadãs: o cidadão é configurado como um consumidor e o Estado como um distribuidor, *enquanto a democracia confunde-se com um mecanismo de mercado*. Sua crítica contempla, ainda, o entendimento de que esse modelo de democracia busca o equilíbrio da pluralidade das forças elitistas e faz, dos mecanismos democráticos, formas de conservação da impossibilidade da efetiva democracia.

Em contraproposta ao regime de Schumpeter, Macpherson apresenta a "democracia participativa", que seria:

[...] um modelo piramidal com democracia direta na base e democracia por delegação em cada nível depois da base [...]. Assim prosseguiria até ao vértice da pirâmide, que seria um conselho nacional para assuntos de interesse nacional, e conselhos locais e regionais para setores próprios desses segmentos territoriais (MACPHERSON, 1978, p. 110 apud CHAUI, 2011).

Chauí (2011) adverte, no entanto, que, embora opostos, os modelos de Schumpeter e de Macpherson tomam a democracia como um sistema político apoiado sobre postulados institucionais que fazem com que o exercício democrático se manifeste apenas no processo eleitoral, na mobilidade do poder e sob caráter representativo.

A autora pontua que, se no pensamento democrático, democracia significa a) igualdade, b) soberania popular, c) preenchimento das exigências constitucionais, d) reconhecimento da maioria e dos direitos da minoria, e) liberdade, torna-se evidente a fragilidade democrática no capitalismo. Para Chauí (2011), a redução da compreensão da democracia à dimensão de um sistema exclusivamente político faz com que ela deixe de ser percebida como forma da própria *vida social*.

A filósofa elenca três condições sociais que fariam parte da expressão de uma sociedade democrática: a igualdade socioeconômica; a capacidade de acolher e conviver com conflitos; e a circulação de informações de qualidade entre a sociedade, com possibilidade de intervenção das pessoas sobre elas na condição de produtores de saber.

A abordagem do conceito de democracia impõe discorrer sobre as diferentes acepções acerca dessa palavra. O conceito é amplo e diferentes perspectivas teóricas buscam associar-se ao termo, embora tomando-o com significados distintos. Na teoria contemporânea da democracia, três grandes tradições de pensamento confluem – a clássica, a medieval e a moderna (BOBBIO, 2010):

- Teoria clássica: tradição aristotélica, na qual se distinguem três formas puras e três formas corruptas de governo, conforme a intenção do governante em agir em interesse próprio ou geral. As três formas puras seriam a monarquia (governo de um); a aristocracia (governo dos melhores); e a isonomia (governo popular). As corruptas seriam a tirania (governo de vantagem para o monarca); a oligarquia (conveniente para os ricos); e a democracia (favorável aos pobres). A democracia é listada entre as formas corruptas por representar os interesses de um grupo

social (ainda que mais numeroso) em detrimento de outro. A tradição das três formas de governo é a mais amplamente acolhida pela tradição do pensamento ocidental. A supressão da divisão entre formas puras e corruptas (que culminou com a associação do termo democracia ao governo do povo) deu-se com Hobbes, no século XVII, a partir do entendimento de que, para um poder soberano, não é possível estabelecer critérios para se avaliar o bom ou o mau uso do poder.

- Tradição Romano-medieval: os juristas medievais elaboraram a teoria da soberania popular, que estabelecia que, fosse qual fosse o detentor do poder, sua fonte originária seria sempre o povo, a quem caberia atribuí-lo. Assim, estabelece Bobbio (2010), abriu-se caminho para a distinção entre a titularidade e o exercício do poder.
- Tradição republicana moderna: conhecida como Teoria de Maquiavel, nasce com o Estado moderno, formado por grandes monarquias. As duas formas históricas de governo nesse momento são a república e a monarquia – a antiga democracia reduz-se a uma das formas de república (a outra seria a aristocracia), não mais vinculada à ideia grega de isonomia.

A partir desse cenário, Bobbio conclui:

O problema da Democracia, das suas características, da sua importância ou desimportância é, como se vê, antigo. Tão antigo quanto a reflexão sobre as coisas da política, tendo sido proposto e reformulado em todas as épocas. De tal maneira isso é verdade que um exame do debate contemporâneo em torno do conceito e do valor de Democracia não pode prescindir de uma referência, ainda que rápida, à tradição (BOBBIO, 2010, p. 320).

Na teoria política contemporânea, que prevalece nos países democrático-liberais, as definições de democracia tendem a esgotar-se em um conjunto de regras. Entre elas, o autor elenca:

- 1) o órgão político máximo, responsável pelas funções legislativas, composto de membros direta ou indiretamente eleitos pelo povo;
- 2) a existência de outras instituições com dirigentes eleitos para atuarem junto ao órgão legislativo (chefe de Estado, nas repúblicas);

- 3) a configuração de todos os cidadãos maiores de 18 anos como eleitores, sem distinção de sexo, raça, religião etc.;
- 4) a paridade do valor do voto de todos os eleitores;
- 5) a liberdade do eleitor de escolher em quem votar;
- 6) a existência de mais de um candidato para o eleitor escolher;
- 7) o critério de maioria numérica para a apuração dos resultados;
- 8) a não limitação de direitos de minorias em função da vontade da maioria; e
- 9) a confiança do parlamento ou do poder Executivo no órgão de governo.

Diante do conjunto supracitado, o autor identifica a questão central que faz da democracia atual um instrumento que distancia as pessoas da vida política:

[...] todas estas regras estabelecem como se deve chegar à decisão política e não o que decidir. Do ponto de vista do que decidir, o conjunto de regras do jogo democrático não estabelece nada [...] (BOBBIO, 2010, p. 327).

Desse modo, chega-se à questão da importância da comunicação, da ênfase nos processos comunicativos para debater e resolver “o que decidir”, para além da organização institucional que garante as formas de “como chegar à decisão”. Em J. Habermas, encontra-se o entendimento de democracia almejado nesta pesquisa. O autor defende um modelo **deliberativo**, uma política dialógica – realizada por meio de uma política instrumental –, em que as formas de comunicação institucionalizadas garantem a negociação de conflitos e a busca de consenso. “Seria preciso revitalizar a esfera da opinião pública até o ponto em que uma cidadania regenerada pudesse (re)apropriar-se, na forma da autogestão descentralizada, do poder burocraticamente autonomizado do Estado” (HABERMAS, 1995, p. 46).

Habermas (1995) entende que é imprescindível a existência de um espaço de diálogo permanente entre os entes de uma sociedade para que haja democracia. O filósofo postula que cidadãos configuram um corpo público quando se comunicam de maneira irrestrita sobre assuntos de interesse geral. O diálogo surge no pensamento de Habermas (1995) como uma possibilidade de organização do espaço público. A esfera pública é, então, um espaço que pode ser acessado por todos, de trocas comunicativas não coercitivas que visam a um entendimento comum. Para Habermas (1990), os tipos de interação distinguem-se, em primeiro lugar, de acordo com o mecanismo de coordenação da ação; é preciso saber, então, se a linguagem é utilizada apenas como meio para

transmissão de informações ou também como fonte de integração social. No primeiro caso, trata-se do que o filósofo definiu como *agir estratégico*; no segundo, do *agir comunicativo*.

O agir comunicativo distingue-se, pois, do estratégico uma vez que a coordenação bem sucedida da ação não está apoiada na racionalidade teleológica [dos objetivos] dos planos individuais de ação, mas na força racionalmente motivadora de atos de entendimento, portanto, numa racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido comunicativamente (HABERMAS, 1990, p. 72).

A forma como a sociedade moderna está organizada, sob os moldes dos Estados liberais, no entanto, dá pouca margem à constituição e à manutenção de espaços desse tipo, aponta o filósofo. Conforme colocado anteriormente, ele aponta a necessidade de revitalização da esfera pública e de uma cidadania regenerada.

Talvez esse alerta de Habermas (1995) sobre os desafios da existência de uma esfera pública no mundo contemporâneo encontre eco na crítica de Hannah Arendt sobre a distinção entre *ação* e *comportamento*. A filósofa alemã tece uma profunda análise sobre os desdobramentos da ação no espaço público moderno em seu livro *A Condição Humana*, publicado pela primeira vez no ano de 1958. Embora tenham origem em um contexto político compreendido no início da segunda metade do século XX, as reflexões da autora trazem uma importante contribuição a este trabalho, uma vez que apresentam um ideal de ação política e descrevem como ele vem sendo inibido em função da ordem social que se estabelece, em um processo contínuo, desde as sociedades antigas.

Com o intuito de compreender a natureza da sociedade, Arendt realiza uma análise fenomenológica das três atividades (trabalho, obra e ação<sup>3</sup>), que define como fundamentais na construção do mundo em que os seres humanos são inseridos. A ação, propõe a autora, é a atividade

---

<sup>3</sup> Trabalho: atividade que se corresponde ao processo biológico do corpo humano – ligado às necessidades vitais. Condição humana = própria vida.

Obra: atividade que corresponde à não naturalidade, “mundo artificial” de coisas (diferente do ambiente natura, produzido pela humanidade).

Ação: atividade que acontece entre os homens, sem a mediação das coisas. Atividade política por excelência.

política por excelência, que ocorre apenas entre os homens, sem mediação das coisas, por meio do discurso. “Ao agir e falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano” (ARENDT, 2013, p. 224).

Arendt busca, em seu pensamento, as origens e o exercício de uma ação pura, no estágio anterior aos seus desdobramentos, no que chama de *teia preexistente de relações humanas*, na qual todos os atos e as falas praticados estão, obrigatoriamente, inseridos.

Para a autora, agir, em seu sentido mais geral, significa tomar iniciativa, iniciar, como indica a palavra grega *archein* (“começar”, “liderar” e, finalmente, “governar”), ou imprimir movimento a alguma coisa – significado original do termo latino *agere*. O sentido de realização e condução vinculados à ação, originalmente, provém de outras duas palavras das sociedades antigas: *prattein*, do grego, e *gerere*, do latim.

Arendt identifica, no entanto, uma substancial alteração na ênfase em que se atribui a essas duas “etapas” da ação nas sociedades ocidentais modernas. A ação, postula, passou a estar vinculada à realização, enquanto que o processo iniciador da ação ganhou o sentido de liderar e governar, e não de *agir*. Assim, argumenta, dividiu-se a função de dar ordens e executá-las, criando uma cisão da ação não mais em dois momentos, mas entre dois tipos de sujeitos: líderes e súditos.

A organização da humanidade nos moldes das sociedades modernas é uma preocupação tônica de Arendt em relação às possibilidades de ação. Ao invés da ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo de comportamento, baseado em regras que têm por objetivo “normalizar” a conduta das pessoas, argumenta.

Arendt infere que, ao contrário do que acontecia na pólis grega – na qual a autora entende que ocorria a ação política por excelência –, na sociedade moderna, os processos da vida cotidiana foram canalizados para o domínio público. O novo domínio do social agiu para a transformação de todas as comunidades modernas em trabalhadores e empregados, concentrados imediatamente em torno da única atividade necessária para manter a vida. A preocupação central dos indivíduos tornou-se, então, sustentar suas vidas e suas famílias, assim, as atividades relacionadas à mera sobrevivência ocupam hoje o espaço público, sem que haja brechas para a transcendência de modos de pensamento, organização política e, conseqüentemente, para a transformação social.

O uso de estatísticas como principal forma de avaliação da sociedade contribui para a vitória do comportamento sobre a ação, salienta Arendt. A leitura do mundo por meio de estatísticas faz com que sua compreensão se dê pela valorização dos padrões e pelo descarte das fugas às tendências. Ou seja, os movimentos iniciadores de processos acabam por ser lidos como desvios irrelevantes, que não chegam a cumprir seu objetivo, em função dessa configuração social em que estão inseridos. Nas palavras da autora:

[...] aplicar à política ou à história a lei dos grandes números e dos grandes períodos equivale a obliterar voluntariamente o próprio objeto dessas duas; e é uma empresa inútil buscar o significado na política ou a importância na história quando tudo o que não é comportamento cotidiano ou tendência automática é descartado como irrelevante (ARENDDT, 2013, p. 52).

O modelo político desejado por Arendt é aquele em que qualquer cidadão pode participar das decisões que comprometem a comunidade. É importante, no entanto, trazer a compreensão de Canivez (1991) sobre a distinção radical que a filósofa faz entre a política e a administração dos assuntos humanos. Para Arendt, a ação política não compreende a gestão de assuntos relativos à sobrevivência privada no âmbito do domínio público.

Se essa concepção for recusada, chega-se a uma concepção oposta. Segundo esta, a ação política está ligada às soluções dos problemas econômicos e sociais, sem, entretanto, confundir-se com o mero tratamento "técnico" destes problemas (CANIVEZ, 1991, p. 145).

Tal concepção de ação política, centrada na transformação social; porém, sem ser compreendida como procedimento administrativo das coisas públicas, coloca a política em uma instância superior da vida em comunidade, estando baseada na transformação da sociedade, de algo que reduz os homens à sua função, para algo em que a comunidade seja aquilo que age sobre sua própria estrutura social.

Canivez (1991), embora reconheça a importância do pensamento de Arendt para as reflexões acerca da ação política, questiona se, ao separar a esfera política da gestão dos problemas econômicos e sociais, legando-os ao domínio da técnica, a autora não estaria fundamentada em uma espécie de positivismo. Nesta pesquisa, o entendimento de ação política de Arendt é incorporado à presente dissertação com a aceitação de sua tese de que a ação é parte da

condição humana e não se reduz a uma atividade de sobrevivência: tem a magnitude daquilo que os sujeitos realizam em vida comum pela transformação social. Aqui interessa, em Arendt, sua aprofundada análise dos empecilhos que a estrutura social impõe ao desenvolvimento da ação política entre os membros da comunidade, entraves que devem ser compreendidos para poder ser evitados.

A autora defende, em *A Condição Humana*, que é necessária uma substituição dos elementos constitutivos dos espaços públicos para que estes possam ser espaços de ação. No entanto, Arendt provoca quando alerta para o fato de que essa transcendência não poderia acontecer por meio da educação, uma vez que é uma prática intencionalizada, produto do modo de pensar da sociedade em que está inserida.

Os pensamentos da filósofa acerca da educação são expressos em seu artigo *A Crise na Educação*, publicado pela primeira vez em 1957. No texto, a autora aborda os problemas educacionais enfrentados nos Estados Unidos à época. Seu texto foca, principalmente, (1) em descrever as características da sociedade americana e seus impactos na construção de uma política educacional e (2) em criticar os métodos de educação que surgiam à época, os quais contestavam o modelo tradicionalmente estabelecido. Sobre esse último aspecto, a autora declara-se, inclusive, contrária à aprendizagem pelo fazer, hoje bem aceita pelos estudiosos da educação.

Os apontamentos que Arendt faz ao longo do artigo sobre a educação e suas possibilidades de transformação social, no entanto, contribuem para a análise que se pretende desenvolver nesta pesquisa. Ela sugere que a educação que tem por objetivo a formação de pessoas para a ação política não pode ser baseada na ruptura; deve contemplar as tradições e os saberes da sociedade já estabelecida. Defende, ainda, que não se deve pensar a educação transformadora como um meio de se construir um modelo de sociedade já imaginada. Para Arendt, isso significaria tolher o potencial inovador das novas gerações.

Quem quiser seriamente criar uma nova ordem política através da educação, quer dizer, sem usar nem a força e o constrangimento nem a persuasão, tem que aderir à terrível conclusão platônica: banir todos os velhos do novo estado a fundar. Mesmo no caso em que se pretendem educar as crianças para virem a ser cidadãos de um amanhã utópico, o que efetivamente se passa é que se lhes está a negar o seu papel futuro no corpo político pois que, do ponto de vista dos novos, por mais

novidades que o mundo adulto lhes possa propor, elas serão sempre mais velhas que eles próprios. **Faz parte da natureza da condição humana que cada nova geração cresça no interior de um mundo velho, de tal forma que, preparar uma nova geração para um mundo novo, só pode significar que se deseja recusar àqueles que chegam de novo a sua própria possibilidade de inovar** (ARENDDT, s.d., p. 4, grifo nosso).

Ou seja, a autora entende que não é possível fundar uma nova ordem social a partir de um de educação que desconsidere a transmissão de saberes a respeito de um mundo já edificado. Sua compreensão sobre a educação não poder realizar a transcendência do espaço público advém da percepção da educação como um processo contínuo entre gerações. Canivez (1991) traz uma elucidativa interpretação sobre o pensamento de Arendt:

A educação deve ser *conservadora* [não no sentido social, de manter as elites no poder, mas de conservar a herança de saber e a experiência recebida do passado], para que o mundo possa evoluir. A educação "revolucionária" ao romper com a cultura e as tradições, priva de fato as crianças do solo no qual elas podem apoiar-se para inventar (CANIVEZ, 1991, p. 143).

A educação, entende Arendt, está ligada à ação, e, nesse sentido, deve permitir que as jovens gerações encontrem seu lugar no mundo, *para nele comecem algo*.

O educador deve, pois, sentir-se responsável pelo mundo, descrevê-lo tal como é, assumir-lhe a realidade. Deve ensinar às crianças um mundo sempre mais velho, sempre mais antigo do que elas. Está encarregado de transmitir-lhes o saber, isto é, o conjunto de conhecimentos e de tradições que constitui a herança das novas gerações. É dessa relação com o passado, e do fato de ser capaz de assumir a responsabilidade do mundo, que ele recebe sua autoridade. Ao transmitir essa herança de saber e de tradições, ele não priva as crianças de sua capacidade de inovação. Ao contrário ele a preserva. Porque apresenta diante elas o campo de sua ação futura, sem procurar pronunciar-se sobre o que ela será nem sobre o que deve ser (CANIVEZ, 1991, p. 142).

Arendt (s.d.) e Canivez (1991) convidam a refletir não só sobre a importância dos adultos no processo de transmissão de conhecimentos sobre o mundo aos mais novos, mas, principalmente, sobre não se edificar um projeto para o futuro e buscar-se, por meio da educação, formar as pessoas aptas a construí-lo.

A educação que permitirá a ação política entre os membros da sociedade, defende a autora, será aquela que proporcionar, aos mais novos, o mais amplo conhecimento a respeito do mundo que os precedeu, sem predeterminar o futuro. Por essa razão, encontra-se apoio para seguir a presente investigação na educação de *perspectiva crítica*, na qual se compreende que há propostas preocupadas com a formação do sujeito para a ação política.

Busca-se o legado teórico de educadores desejosos em promover um modelo de educação que possibilite a interferência social e que, assim, trabalhem no sentido de conceber formas de educação que propiciem aos alunos o conhecimento, a compreensão e, conseqüentemente, o questionamento das contradições da ordem social em que estão inseridos.

O projeto de educação que contempla a intenção de formação de sujeitos aptos à compreensão questionadora do mundo é abraçado pela *pedagogia crítica*:

[...] o movimento educacional, guiado por paixão e princípio, para ajudar os alunos a desenvolverem consciência libertária, reconhecerem tendências autoritárias e conectarem conhecimento ao poder e à habilidade de tomar ações construtivas (GIROUX, 2010, p. 15B - tradução nossa)<sup>4</sup>.

A pedagogia crítica<sup>5</sup> parte do questionamento da noção de que as escolas são veículos de democracia e mobilidade social e busca

---

<sup>4</sup> "[...] the educational movement, guided by passion and principle, to help students develop consciousness of freedom, recognize authoritarian tendencies, and connect knowledge to power and the ability to take constructive action".

<sup>5</sup> O pensamento crítico no campo educacional desenvolveu-se a partir do pensamento marxista. A ideologia crítica marxista buscava meios alternativos de educação, a fim de preparar cidadãos para uma organização social mais progressista e socialista. A Escola de Frankfurt forneceu importantes bases teóricas para a apropriação do pensamento crítico no campo da educação, a partir das contribuições que prestou para a compreensão da importância da comunicação no desenvolvimento de novas formas de organização social. O pensamento do cientista político italiano Antonio Gramsci também foi

entender como elas reproduzem a lógica da sociedade capitalista (GIROUX, 1997). Para Giroux, as escolas não são simplesmente locais de instrução, mas, também, de política e cultura. É preciso, assim, compreender as relações entre conhecimento, poder e dominação. Para os pensadores da pedagogia crítica, o conhecimento transmitido na educação tradicional é uma representação da cultura dominante, "[...] um discurso privilegiado que é construído através de um processo seletivo de ênfases e exclusões" (GIROUX, 1997, p. 26). O entendimento é de que a cultura escolar vigente não só confirma e privilegia um conjunto de códigos e experiências das classes dominantes, como também insulta e invalida os das classes subordinadas.

A alternativa à cultura escolar reprodutora seria a conversão do modelo de educação estabelecido em um que propicie a formação crítica e a potencialidade de transformação social, que seria construído a partir do entendimento das escolas como *esferas públicas democráticas* e dos professores como *intelectuais transformadores*, defende o autor.

Em vez de definir as escolas como extensões do local de trabalho ou como instituições de linha de frente na batalha dos mercados internacionais e competição estrangeira, as **escolas como esferas públicas democráticas** são construídas em torno de formas de investigação crítica que dignificam o diálogo significativo e a atividade humana. Os estudantes aprendem o discurso da associação pública e responsabilidade social. Este discurso busca recuperar a ideia de democracia crítica como um movimento social que apoia a liberdade individual e a justiça social (GIROUX, 1997, p. 28, grifo nosso).

Ao discorrer sobre o papel dos professores nesse processo, Giroux (1997) estabelece que, na condição de intelectuais, os educadores podem propiciar habilidades e conhecimentos necessários para que os estudantes tenham condições de fazer uma interpretação crítica do mundo e mudá-lo quando necessário.

Lapa (2005) sistematiza as ações que Giroux (1997) define como requisitos para uma educação libertadora:

- a) quebra de rigidez disciplinadora e a criação de conhecimento interdisciplinar;

---

incorporado nas reflexões sobre a pedagogia crítica, a partir de seus modelos sobre hegemonia e contra-hegemonia (LAPA, 2005).

- b) questionamento sobre o poder na escola (marginal e centralizado);
- c) rejeição da distinção entre cultura nobre e cultura popular;
- d) compreensão do uso da ética para a definição do discurso usado para produzir práticas culturais particulares;
- e) promoção de valores coletivos e não os da competitividade e do consumismo intelectual; e
- f) manutenção das conexões com a comunidade e a vizinhança que os aprendizes pretendem servir.

Essas ações ganham novos significados no contexto atual, altamente permeado pelas TDIC. Diante do amplo acesso à informação e ao conhecimento na internet, o aprendizado ocorre, hoje, dentro e fora da escola de maneira interdisciplinar, customizada aos seus próprios interesses, relacionando sua própria bagagem a uma navegação particular, individual. Os desdobramentos desse cenário nas experiências escolares impõem uma quebra de rigidez, seja pela iniciativa do professor, seja pelo questionamento da hierarquia por parte dos estudantes.

O contexto descrito impõe questionar como a inclusão das TDIC – que hoje delinham a forma e a configuração do espaço público (MARTÍN-BARBERO, 2002; LÉVY, 2005) – nos processos de educação poderia acontecer de forma a promover a formação crítica.

## 1.2 Cultura digital e as mudanças na educação

*"O que faz, portanto, um verdadeiro criador, em vez de simplesmente submeter-se às determinações do aparato técnico, é subverter continuamente a função da máquina ou do programa de que ele se utiliza, é manejá-los no sentido contrário de sua produtividade programada."*  
(Arlindo Machado)

Os estudos da Comunicação, sob diversas vertentes, vêm edificando, desde o início do século XX, a compreensão sobre a influência que os meios de comunicação exercem na organização da estrutura social. O cerne da discussão foi sempre o grau de autonomia dos receptores em relação às mensagens que vinham dos meios.

Os últimos anos do século XX e os anos iniciais do século XXI são marcados pela inserção das práticas de comunicação digital no

cotidiano das pessoas, principalmente, as práticas advindas a partir do modelo de comunicação inaugurado pela segunda geração dos serviços *on-line*, a chamada Web 2.0. Mais do que uma combinação de elementos técnicos, a Web 2.0 proporcionou uma série de mudanças sociais importantes, uma vez que potencializou processos de trabalho coletivo, de produção e de circulação de informações e de construção social de conhecimento (PRIMO, 2006).

A principal mudança dos processos de comunicação na sociedade no contexto da Web 2.0 foi a incorporação de recursos de interconexão e compartilhamento, alicerces da "arquitetura da participação" (O'REILLY, 2005 apud PRIMO, 2006). *Sites* para o compartilhamento de vídeos, fotografias, textos, músicas e produções jornalísticas criados por usuários não vinculados a empresas de mídia, como o Flickr (de compartilhamento de fotos), o Youtube (vídeos), o Oh My News (jornalismo colaborativo), entre outros, marcam esse período, em que também se consagraram modelos de avaliação de conteúdo por usuários – isso a partir do *site* Digg, que inaugurou um modelo de exibição de notícias em que o destaque atribuído a cada conteúdo variava em função dos votos do público.

Dessa forma, se os estudos da comunicação vêm construindo uma trajetória de busca pela compreensão da relação dos meios de comunicação com a sociedade, a inclusão da internet nos processos comunicativos traz uma nova camada de complexidade a essa investigação.

Dados apurados pela pesquisa TIC Domicílios 2013, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, sobre os usos das Tecnologias da Comunicação e Informação pela população do país, demonstram que as ferramentas de comunicação digital estão cada vez mais incorporadas ao cotidiano do brasileiro: a proporção de domicílios com computador passou de 25% no ano de 2008 para 49% em 2013; o acesso à internet em casa mais que dobrou no mesmo período – de 18% para 43%; e a porcentagem de indivíduos que haviam usado internet no celular nos últimos três meses passou de 4% no ano de 2010 para 31% em 2013 (apenas entre 2012 e 2013, o percentual pulou de 20% para 31%). Ainda assim, é preciso ter em mente que mais da metade dos lares brasileiros não possui computador ou internet, como demonstram os números da pesquisa do CGI.

Há dez anos, Martín-Barbero (2005) escrevia que o mais grave dos desafios que a comunicação propunha à educação era a inserção daqueles que não tinham acesso às novas tecnologias e acabavam

excluídos do novo espaço laboral e profissional que a cultura tecnológica configurava (MARTÍN-BARBERO, 2005).

Esse cenário agrava-se, principalmente, quando se trata das escolas públicas, informam os dados da Pesquisa TIC Educação 2012, também realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil. Embora o Programa Banda Larga nas Escolas<sup>6</sup> tenha estipulado, no ano de 2011, o objetivo de conectar todas as escolas públicas urbanas com velocidade de conexão a partir de 2 Mbps, 58% das escolas públicas não atingem essa meta. Ainda segundo a pesquisa, 32% do total tem até 1 Mbps. É importante ressaltar que essa velocidade de conexão é compartilhada simultaneamente por mais de um computador. O relatório do CGI conclui:

Sendo assim, algumas atividades que exigem maior velocidade de conexão (como assistir / postar vídeos, músicas ou imagens e outras atividades que envolvam *download* ou *upload*) são limitadas ou até mesmo impossibilitadas. É importante destacar que apenas 8% das escolas públicas possuem uma conexão com velocidade superior a 8 Mbps, enquanto nas escolas particulares essa proporção atinge 36% (COMITÊ GESTOR DA INTERNET DO BRASIL, 2013, p. 158).

A questão do acesso, embora seja ainda crucial, divide espaço com a perspectiva de que as tecnologias vêm se tornando inegavelmente mais acessíveis. Assim, excluídos ou incluídos, vive-se hoje no contexto da cultura digital. Quando a Web 2.0 sedimentava suas bases, o sociólogo espanhol Manuel Castells escrevia que "[...] a Internet é o tecido de nossas vidas neste momento" (CASTELLS, 2005, p. 255). Ao descrever o que chamou de *sociedade em rede*, definiu a internet como "[...] o meio de comunicação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade que nós já vivemos" (CASTELLS, 2005, p. 256). Para o autor, uma das principais características dessa revolução tecnológica é a penetrabilidade, ou seja, o grau de inserção que as TDIC têm em todas as atividades humanas.

---

<sup>6</sup> Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE). Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=15808](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=15808)>. Acesso em: 22 out. 2014.

Ademais, o filósofo francês Pierre Lévy, autor de *Cibercultura*, defende que, em uma sociedade, "[...] a forma e o funcionamento do espaço público são condicionados pelo sistema dos meios de comunicação" (LÉVY, 2005, p. 368). O autor elenca alguns dos elementos que caracterizam esse meio: interconexão geral, desintermediação e um modelo de comunicação de todos com todos.

Nesse contexto de profundas transformações nos processos de comunicação da sociedade contemporânea e da aceitação da sua inevitável penetração e influência na constituição de espaços públicos, Mark Poster propõe que a pergunta central dos estudos da relação da comunicação com a sociedade deveria ser: "[...] como a teoria poderia dar conta desta guinada sobre uma tecnologia, a Internet, que aparentemente promove o discurso descentralizado?" (POSTER, 2001, p. 266). Segundo ele, é hora de indagar sobre a existência de uma nova política.

No campo da cibercultura, que pode ser entendida como o cultura marcada pelas tecnologias digitais, é recorrente, entre os autores, a ideia de ampliação da esfera pública e a inclusão da inteligência coletiva nas mediações culturais:

Nem os editores, nem os redatores-chefe de revistas e jornais, nem os produtores de rádio e televisão, nem os responsáveis por museus, nem os professores, nem os Estados, nem os grandes grupos de comunicação podem mais controlar as informações e mensagens de todos os tipos que circulam na nova esfera pública. Com previsível perda da influência dos mediadores culturais tradicionais, esta nova situação anuncia um salto sem precedentes na liberdade de expressão. (...) A intermediação clássica emergente no ciberespaço (...) organiza seleções personalizadas a posteriori, usando a contribuição da inteligência coletiva: laços, votos, citações, discussões nos fóruns eletrônicos, críticas (LÉVY, 2005, p. 371).

Benkler (2006) defende que a atual conjuntura configura uma *esfera pública interconectada*, a partir do entendimento de que a população hoje altera e interfere na agenda midiática, afetando a forma como as posições sociais são cristalizadas.

O atual momento, no entanto, revela-se como um período de constituição da base teórica para a compreensão desse novo espaço público. Rüdiger (2011) identifica diferentes tendências de abordagem dos efeitos das tecnologias digitais de comunicação sobre a sociedade: a

crente nas virtudes morais, políticas e econômicas do novo contexto comunicativo (tecnófila); de acusação política e moral de corrupção da sociedade (tecnófoba); e a de uma via alternativa (cibercriticista), que procura refletir sobre as conexões entre poder e cibercultura. Como o foco desta pesquisa está nos desdobramentos sobre o sujeito social, compactua-se com esta última. Acredita-se que sem a devida problematização para superação de visões ideológicas, corre-se o risco de impedir uma apropriação criadora do ciberespaço e o cultivo do indivíduo (RÜDIGER, 2011).

Martín-Barbero (2006) aponta um dos aspectos da complexidade da relação da cibercultura e o poder. Para o autor, a comunicação do início do século XXI vem configurando-se como uma *dupla perversão* e como uma *dupla oportunidade* estratégica.

A primeira perversão, defende, provém da conformação de algumas megacorporações globais (não somente as que dominam o mercado mundial, segundo ele: AOL-Time Warner, Disney, Sony, News Corporation, Viacom e Bertelsmann), cuja concentração econômica potencializa o controle da opinião pública. A segunda é resultado dos efeitos dos ataques terroristas de 11 de setembro, que, desde então, vêm legitimando a instauração de mecanismos de controle e ameaças às liberdades de informação e expressão, "[...] até o ponto de pôr em risco os mais elementares direitos civis" (MARTÍN0BARBERO, 2006, p. 52). Sem mencionar a perspectiva teórica proposta por Deleuze (1992) – a respeito da *sociedade de controle*, o autor alude à ideia de que as tecnologias digitais de comunicação são uma das principais formas de controlar a população<sup>7</sup>.

Já as oportunidades estratégicas elencadas por Martín-Barbero são o enfraquecimento da cisão entre o conhecimento dito racional (em texto) e o de viés emocional (composto de elementos simbólicos), em função da digitalização – uma linguagem composta de dados, textos e imagens; e a possibilidade de emergência de um novo espaço público de cidadania.

Castells complementa esse último aspecto ao afirmar que a internet:

[...] cria as condições para uma forma de prática que permite a um movimento sem liderança

---

<sup>7</sup> Essa perspectiva é bem desenvolvida em Machado (2013, p. 38): "[...] as novas tecnologias de comunicação e as redes informacionais são, antes de qualquer coisa, tecnologias e redes de controle".

sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. Ela protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento com a sociedade em geral na longa marcha da mudança social exigida para superar a dominação institucionalizada (CASTELLS, 2013, p. 167).

Ou seja, ao mesmo tempo que propicia o fortalecimento de megacorporações globais de comunicação e aumenta o poder de vigilância do Estado sobre a população,

“[...] a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico de seu desenvolvimento (CASTELLS, 2013, p. 168).

Certamente, essa reflexão exige avaliar o determinismo das tecnologias sobre as pessoas. Sobre esse aspecto, Castells (2013) pondera que o limite da primazia dos aparatos técnicos é justamente o sujeito, que faz do uso de uma tecnologia algo *imponderável*.

Dessa forma, entende-se que se, de fato, a internet propicia a existência de uma nova esfera pública, tal como defende Benkler (2006), essa perspectiva só se confirmará caso as pessoas assim dela apropriarem-se, no mapa de tensões que desenham as *perversões* e as *oportunidades* identificadas por Martín-Barbero (2006).

É nesse sentido que se enxerga o vínculo da possibilidade de construção de um novo espaço público de diálogo com a educação. No entanto, a incorporação das tecnologias digitais de comunicação às escolas não tem acontecido dessa forma, como será demonstrado a seguir.

### **A educação em um novo contexto comunicativo**

A incorporação desse contexto comunicativo (e, portanto, social) às escolas, no entanto, tem acontecido a partir de um viés tecnicista, que pensa a inovação "como um tipo de entidade isolada, desagregada de outros contextos e processos" (OROZCO GÓMES, 2007, p. 211). O entendimento que conduz o conceito de inovação tecnológica na educação tem sido constantemente associado à perspectiva do progresso, salienta o autor.

A inovação segundo essa perspectiva progressista equivale, então, a uma melhoria e se manifesta,

essencialmente, numa maior produção de consumo de bens. Desta perspectiva, inovar significa avançar << para cima e adiante>>, substituir e considerar obsoleto tudo aquilo que foi ultrapassado no tempo (OROZCO GÓMES, 2007, p. 210, grifo do autor).

O dispositivo costuma ser o elemento central a impulsionar a mudança de processos, quando a incorporação da educação aos novos processos de comunicação da sociedade é entendida dessa forma. "Hoje em dia, nos sistemas educativos nacionais dos países latino-americanos é senso comum considerar a tecnologia como uma forma de <<ser moderno>> e como solução viável para quase qualquer tipo de problema" (OROZCO GÓMES, 2007, p. 212, grifo do autor).

O abandono da ideia de progresso seria a primeira medida necessária para que a apropriação das TDIC na educação aconteça de forma criativa e crítica, defende Orozco-Gómes. É preciso entender as tecnologias em relação ao movimento das esferas sociais, culturais e políticas, e não como uma inovação técnica por si mesma, postula, apoiado por Martín-Barbero (2002, 1998). Essa postura requer o questionamento da aproximação da ideia de inovação a partir da perspectiva do mercado, uma vez que este não é capaz de gerar a "inovação social". Assim, o desafio da inserção das TDIC na educação está em tornar a inovação um fato social e culturalmente relevante. Para isso, é necessário reconhecer que as telas das tecnologias audiovisuais são, simultaneamente, uma instituição, uma linguagem, uma estética, um formato industrial e uma epistemologia que contêm uma lógica de produção, distribuição e consumo (OROZCO GÓMES, 2007 apud OROZCO GÓMEZ, 2001).

Sobre a inserção da educação nesse processo da sociedade, Lévy afirma que "qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea das relações com o saber" (LÉVY, 1999, p. 157). O autor defende que, mais do que usar tecnologias a qualquer custo, manter as práticas pedagógicas atualizadas implica em acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança da civilização (LÉVY, 2005).

As TDIC "[...] possibilitaram a construção de uma malha de conexão entre áreas do conhecimento distintas e a criação de uma dimensão por onde transitam ideias e conceitos díspares, permitindo à humanidade vivenciar novas experiências no saber, no fazer, no sentir." (SARTORI; SOARES, 2005, p. 1).

Como postula Bartolomé: "Se continuarmos pensando que tudo se reduz a utilizar blogs (ou Twitter) ou a ter um computador por aluno em sala de aula é sinal de que não entendemos a mudança que está se pronunciando na sociedade" (BARTOLOMÉ PINA, 2013, p. 80, tradução nossa)<sup>8</sup>. O autor chama a atenção para o fato de que comportamentos clássicos dos professores na educação contemporânea não são coerentes com a realidade da sociedade do conhecimento, tais como a presunção da ideia de que se estuda aquilo que é ensinado em classe; de que o currículo determina a autoridade acadêmica; de que o professor decide as atividades que os alunos devem realizar; de que todos os alunos devem realizar as mesmas atividades; de que todos os alunos devem ser avaliados da mesma forma; e de que os estudantes devem desenvolver trabalhos estritamente originais.

Sobre os desafios de educar na cultura digital, o estudioso brasileiro Nelson Pretto (2011a) constrói a tese de que, mais do que refletir sobre as melhores maneiras de incorporar as tecnologias da comunicação a processos pedagógicos, é preciso questionar a perspectiva pela qual se entende a educação. A mudança é, certamente, mais cultural e conceitual do que tecnológica, entende o autor. O ponto de partida seria a revisão da perspectiva pela qual se entende a educação, de algo singular para plural (PRETTO, 2011a).

O autor defende que a intensificação da implantação de redes de comunicação horizontal, a partir dos aparatos técnicos digitais contemporâneos, trazem à tona a ideia do pensar coletivo e a concepção de produção colaborativa de conhecimento. A inclusão dessas perspectivas à educação demandaria a revisão de uma série de práticas estruturadas, a começar pela aceitação da participação ativa dos alunos no processo de construção de seu aprendizado e da valorização do processo percorrido para aprender. A escola 2.0 – em associação ao conceito de Web 2.0 – pressupõe a compreensão de uma educação que considere múltiplas possibilidades.

Esse conjunto de relações leva-nos a pensar nos caminhos e no caminhar. **A pensar no labirinto, enquanto uma importante metáfora para os processos educacionais.** Pensar, quem sabe, na ideia de uma *escola-labirinto*, espaço com magníficas possibilidades de caminhos

---

<sup>8</sup> "Si seguimos pensando que todo se reduce a utilizar blogs (o Twitter) o a tener un ordenador para cada alumno en el aula es que no hemos entendido el cambio que se está produciendo en la sociedad".

diferenciados, onde o se perder é valorizado, porque possibilita uma enorme diversidade de caminhos e soluções; onde chegar a um lugar é importante, claro, mas sem que isso imponha a perda da riqueza do caminhar, do se perder e do experimentar as inúmeras possibilidades trazidas pelo próprio caminhar (e agora, navegar) (PRETTO, 2011a, p. 109, grifo nosso).

Pretto (2011a) defende que a incorporação das TDIC às práticas educacionais deve se dar, portanto, pela constituição de comunidades virtuais de aprendizagem, que promovam o diálogo entre manifestações culturais diversas, em processos que envolvam professores, alunos e a comunidade de forma horizontal, *com foco na colaboração e na generosidade entre as partes*.

Nóvoa (2014) entende que a atual conjuntura impõe que a educação passe a ser entendida como um processo que vai além dos muros das escolas. Defende o entendimento de um espaço público educacional, no qual muitas instituições e lugares são reconhecidos como espaços educacionais e têm responsabilidade sobre a educação. Para o estudioso, um contrato social pela educação que explore todas as possibilidades educativas da cidade e da sociedade deve ser formulado. "Desde meados do século XIX, a educação foi pensada a partir de uma matriz escolar. Hoje tem de ser 'descolarizada', tem de valorizar outros espaços sociais e culturais", afirma em entrevista à Revista Pátio, publicada em novembro de 2014.

Entende-se, então, que se está diante de uma mudança fundamentalmente cultural. Não se trata apenas de se buscar entender a melhor forma de integrar tecnologias a processos educativos (mudança que parece permanecer na superfície da questão), mas, sim, de repensar o que deve e o que não deve ser valorizado por uma educação que ocorre em um momento histórico em que se alteraram as formas de relação com o saber. Nessa reconfiguração da educação – segundo uma perspectiva acolhedora do processo percorrido durante o aprendizado, e não com prioridade ao conteúdo propriamente dito – é que se enxerga as possibilidades de mudança, que se abrem para a que a formação crítica seja abarcada pelo modelo educacional. Assim, chega-se ao próximo capítulo, no qual serão observadas as brechas que já vêm possibilitando a agência popular sobre a estrutura social.



## CAPÍTULO II

### Ação Política no mundo interconectado

A partir da intenção de buscar referências para a formação crítica na ação política que tem acontecido com a participação dos espaços sociais virtuais da contemporaneidade, o capítulo passado foi dedicado a estabelecer alguns marcos teóricos. O primeiro seria a democracia, nesta pesquisa almejada como um modelo deliberativo, de acolhimento da diversidade e minorias em busca de consenso por meio do diálogo. Busca-se refletir sobre a possibilidade de a internet influenciar a construção de um modelo democrático que reduza o distanciamento que as pessoas têm hoje das instâncias de decisão.

O ambiente propício é um elemento que, se acredita, só será apropriado para a inovação social se encontrar sujeitos capazes de agir no mundo para transformá-lo em busca da sua liberdade e da sua identidade (MENDES JR., 2010). Estes estarão aptos à ação política, aquela que, mais do que remeter aos procedimentos de ocupação do poder, se preocupa com *o que deve ser decidido*. Reconhece-se que os desafios contemporâneos dados pela imersão na cultura digital não são pequenos e, entre eles, inclui-se a educação, com o entendimento de que, se a escola pode ser o lugar da inclusão, ela, todavia, não tem promovido a formação para a ação política. Assim, a intenção é buscar referências para essa educação diferenciada em espaços nos quais, parece, a ação política tem acontecido – buscar-se-á as brechas de possibilidade fora da educação formal.

Portanto, tem-se, neste capítulo, o objetivo de reconhecer as tensões que formam os desafios que a sociedade enfrenta nos primeiros anos desse século XXI, a fim de compreender as mudanças nos movimentos que se articulam por um paradigma social e político que tem desestabilizado as teorias que orientaram até então.

Para isso, objetiva-se compreender as contradições do projeto da modernidade à luz do pensamento de Boaventura de Sousa Santos, que tem edificado um consistente legado teórico para o pensamento crítico a respeito das forças que vêm conduzindo a organização do mundo. A intenção desta pesquisa, ao alinhar-se à perspectiva de Santos, é de fundamentar a percepção de que se está em um momento de transição da ordem social, decorrente da insatisfação das pessoas com o modelo vigente.

Em seguida, o foco será a apresentação de duas tendências observadas na ação dos movimentos sociais recentes que têm congregado multidões ao redor do globo: as reivindicações de mudanças

políticas, que permitam às pessoas a retomada do direito à interferência no espaço urbano (pela óptica do direito à cidade); e a utilização da internet para a articulação política (MARICATO et al., 2013). Aqui, o pensamento de David Harvey e Carlos Vainer, entre outros autores, servirá como apoio.

Buscar-se-á, então, descrever como a internet vem apresentando-se como um campo político de disputas na construção de um novo paradigma social. Para isso, será feita uma breve apresentação do contexto em que a internet se configura como lugar dessas tensões: o capitalismo cognitivo e a emergência da força da multidão, que, diferentemente da noção marxista de massa, tem sua força radicada na singularidades dos sujeito – ambos fundamentados a partir de autores vinculados ao pensamento de Antonio Negri.

Em seguida, será realizada uma breve apresentação das principais características das manifestações em que a internet tem papel central para a mobilização de milhões de pessoas ao redor do mundo e, mais profundamente, sobre as Jornadas de Junho, no Brasil. Finalmente, serão expostos os *fatores* e as *circunstâncias*, identificados na revisão de literatura, necessários para a formação crítica e a ação política no contexto da Web 2.0.

## 2.1 Em busca de um novo paradigma social

*" (...) a [Av.] Faria Lima estava completamente tomada nos dois sentidos até onde a vista conseguia ver, assim como outras vias importantes da cidade. Depois de camelar por um bom tanto, sempre com o olhar restrito a um raio de poucos metros por conta da concentração de gente, a multidão passou ao lado de um desses prédios espelhados modernos.*

*Essa construção tornou-se típica dos centros financeiros de grandes metrópoles a partir da década de 90 e ironicamente resume parte do ideal de desenvolvimento que terminou por levar aquelas pessoas à rua.*

*E eis que as pessoas olharam aquela parede espelhada que se estendia por um quarteirão inteiro e se viram. E tiveram noção de seu tamanho. E vibraram, berraram, se emocionaram. E foi difícil não se emocionar também. "*

(Relato do jornalista Roberto Saraiva em seu perfil no Facebook, sobre as manifestações populares de 17 de junho de 2013, na cidade de São Paulo)

Boaventura de Sousa Santos (2010) não hesita em estabelecer que o projeto da modernidade, que vem regendo a construção da sociedade ocidental desde o final do século XVIII, não logrará seu objetivo anunciado de promover uma ordem social que resulte em prosperidade e qualidade de vida para todos. Em razão do déficit no cumprimento de algumas das promessas do projeto e no excesso do cumprimento de outras, o autor postula que se vive hoje um momento de transição paradigmática, ou seja: a situação atual apresenta-se superficialmente como de vazio ou crise, mas, em termos mais profundos, trata-se do início de um processo de esgotamento do projeto vigente e de esboço de um novo.

O autor constrói sua tese a partir do entendimento de que a riqueza do projeto moderno, ao mesmo tempo em que promove infinitas possibilidades, está sujeito a desenvolvimentos contraditórios. Sua análise dá-se por meio da observação da ênfase que cada um dos pilares que identifica para a modernidade – *regulação* e *emancipação* – têm em seus diferentes momentos históricos. Ambos estão vinculados a princípios e lógicas de racionalidade<sup>9</sup>:

- Regulação: constituída por três princípios – Estado, articulado por Hobbes; mercado, derivado da obra de Locke; e comunidade, formulado pela filosofia política de Rousseau.
- Emancipação: fundada sobre três lógicas de racionalidade: a estético-expressiva, da arte e da literatura; moral-prática,

---

<sup>9</sup> O autor postula que esses pilares e seus respectivos princípios e lógicas se articulam por correspondência. Assim, as lógicas de emancipação têm um *modo de inserção* articulado por um princípio de regulação. Santos estabelece que a racionalidade estético-expressiva (arte e literatura) se articula com o princípio da comunidade, porque é nela que se constroem as bases de entendimento comum; a racionalidade moral-prática vincula-se ao princípio do Estado, uma vez que é deste a competência de produção e distribuição do direito; e a racionalidade cognitivo-instrumental está ligada ao princípio do mercado, em razão da conversão da ciência em força produtiva e porque, no mercado, se condensam as ideias da individualidade e da concorrência.

da ética e do direito; e cognitivo-instrumental, da ciência e da técnica.

A complexidade, riqueza e diversidade das ideias da modernidade fazem dela um projeto ambicioso e revolucionário, pondera Santos (2010). No entanto, a infinidade de possibilidades gera tanto o excesso de promessas quanto o déficit em seu cumprimento. Para o autor, o excesso reside no objetivo de vincular regulação à emancipação e da pretensão de que ambos levem à concretização de objetivos práticos das vidas coletiva individual; já o déficit, na possibilidade de esses princípios e lógicas serem dissolvidos em um projeto global de racionalização da vida social prática e cotidiana.

O início do projeto sociocultural da modernidade coincide com a emergência do capitalismo como modo de produção dominante nos países que integraram a primeira onda de industrialização na Europa. Desde então, o autor vislumbra três grandes períodos no trajeto histórico da modernidade: o *capitalismo liberal*, que cobre todo o século XIX; o *capitalismo organizado*, que tem seu apogeu no período entre as grandes guerras do século XX e nas primeiras décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial; e o *capitalismo desorganizado*, momento em que se encontra desde a década de 1960, marcado por transformações profundas nas sociedades capitalistas avançadas.

Santos (2010) percebe o *primeiro período* como um momento de tomada de consciência acerca das contradições do projeto em relação às ambições pretendidas. No *segundo*, relata que se buscou tornar viável o cumprimento de algumas promessas, com o objetivo de tornar o déficit tão menor quanto possível (no entanto, é o momento em que se acentuam os processos de concentração/exclusão).

A transição paradigmática que Santos (2010) anuncia se baseia em sua compreensão de que, nesse *terceiro período* do projeto da modernidade, se toma consciência de que o déficit de promessas é irreparável e não poderá ser saldado.

O projeto da modernidade cumpriu algumas de suas promessas e até as cumpriu em excesso, e por isso mesmo inviabilizou o cumprimento de todas as restantes. Essas últimas, na medida em que a sua legitimidade ideológica permanece, ou até se fortalece, têm de ser repensadas e, mais do que isso, têm de ser reinventadas, o que só será possível no âmbito de um outro paradigma, cujos sinais de emergência começam a acumular-se (SANTOS, 2010, p. 80).

No *terceiro período*, segundo o autor, ocorreu o colapso de muitas das formas de organização que haviam vigorado anteriormente. No campo da *regulação*, ele vê as transformações como profundas e vertiginosas. O mercado tornou-se o princípio dominante, em função de um processo levado ao extremo pelo neoliberalismo. O novo agente que propulsiona essa transformação são as empresas multinacionais, que conseguem neutralizar a capacidade de regulação nacional da economia; tornam as relações salariais precárias, a partir do enfraquecimento dos mecanismos corporativos de regulação dos conflitos entre capital e trabalho; e promovem a subcontratação internacional, a industrialização dependente dos países de terceiro mundo e alteram a configuração espacial do aparelho produtivo nos países centrais. A hipertrofia do mercado em relação a outras instâncias da vida dá-se, também, em razão da digitalização da informação, que abre novas possibilidades de reprodução do capital.

Santos (2010) também percebe que o Estado vem perdendo sua capacidade e vontade política para regular as esferas da produção, tendência que se expressa pelas privatizações e a desregulação da economia. "[...] a transnacionalização da economia e o capital político transformaram o Estado numa unidade de análise relativamente obsoleta, não só nos países periféricos e semiperiféricos, como quase sempre sucedeu, mas também, crescentemente, nos países centrais" (SANTOS, 2010, p. 89).

Assim, o autor observa que, nesse *terceiro período*, se está diante dos seguintes dilemas: distanciamento de valores da modernidade, tais como autonomia e subjetividade, do cotidiano das pessoas; o desempoderamento do cidadão, em função da regulamentação jurídica da vida social; a criação de uma ética individualista que impede de pensar ou apontar responsabilidades por acontecimentos globais; a inexistência de uma macroética que conceba a responsabilidade da humanidade pelas ações coletivas de escala planetária.

Além disso, entende Santos (2010), a ciência e a técnica têm estado a serviço da modernização, ou seja, da proposta de um modelo de desenvolvimento utilizado pelos países centrais e impostas por estes aos países do terceiro mundo, a partir de seus interesses. Assim, combinadas com receitas neoliberais, ciência e técnica têm se transformado em uma lógica de dominação e regulação em nível mundial.

Busca-se, a partir da leitura de Santos (2010), a formulação teórica a respeito do jogo de forças que constituem a ordem social a que todos estão submetidos. Entende-se ser o modelo de desenvolvimento

essencialmente conduzido pelo mercado um dos principais fatores que vêm articulando a resposta, na forma de ação política, dos atuais movimentos sociais.

## O direito à cidade

Uma das forças de luta contra a exclusão e a discriminação sociais resultantes dos movimentos hegemônicos de estabelecimento da ordem social vigente tem acontecido por meio da articulação de movimentos espalhados em todo globo em torno do "direito à cidade".

Citando o sociólogo urbano Robert Park (1967), Harvey (2013) apresenta o entendimento de que a cidade "é a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração e de que ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo" (PARK, 1967, p. 3 *apud* HARVEY, 2013, p. 27). Assim, o autor estabelece que o direito à cidade ultrapassa a noção de acesso ou visita ao espaço público: é, na verdade, o direito à interferência, "a mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações" (HARVEY, 2013, p. 28). Para Harvey, a questão do tipo de cidade que se quer é inseparável da questão do tipo de pessoa que se deseja ser.

O ritmo das mudanças históricas e geográficas solapa a possibilidade de reflexão sobre o tema, pondera. "Temos, em resumo, sido refeitos muitas vezes sem sabermos como ou por quê" (HARVEY, 2013, p. 28).

O autor pertence à corrente de estudiosos que entendem que o neoliberalismo enfatizou ao invés de diminuir as desigualdades sociais, em um movimento que ficou gravado nas formas espaciais das cidades. As diferenças que se proliferam de forma mais intensa e negativa atualmente semeiam a tensão civil. O direito à cidade, defende, deve ser exercitado pela mudança da vida urbana por meio da mobilização social e da luta política, tal como propôs Lefebvre (1999).

A perspectiva de construção de um espaço público sob a óptica do direito à cidade demanda, no entanto, a compreensão de que este não pode ser um direito individual; requer um esforço coletivo e a formação de direitos políticos comuns, erguidos com base nas solidariedades sociais. O autor argumenta que a governança neoliberal substituiu o governo e fez com que os direitos e as liberdades tenham prioridade sobre a democracia:

a lei e as parcerias público-privadas, feitas sem transparência, substituíram as instituições democráticas; a anarquia do mercado e do

empreendedorismo competitivo substituíram as capacidades deliberativas baseadas em solidariedades sociais (HARVEY, 2013, p. 32).

A criação de novos espaços urbanos baseados na ideia de coletividade exige, assim, uma oposição à tendência privatizante que se estabeleceu a partir da cultura neoliberal. Para Harvey (2013), tal capacidade de forçar a abertura a novas concepções de vida urbana só será conquistada por meio do movimento político.

## 2.2 A internet (Web 2.0) como lugar de ação política

Antes de dar início à discussão sobre a atuação política na internet, é preciso estabelecer o entendimento (o qual será aprofundado ainda neste capítulo) de que, mais do que uma *plataforma* para a ação política, a internet se configura, também, como um *campo político*. Tal compreensão é importante porque é dentro dessa perspectiva que ocorre a ação política que interessa a esta pesquisa.

Conforme demonstra o substrato teórico apresentado até aqui, busca-se evidenciar a perspectiva de pensadores que descrevem a impossibilidade de a ordem social promover justiça e igualdade. Assim, interessa aqui a ação política que vem se desenvolvendo como forma de *questionamento* ao modelo vigente.

O campo de disputas atual acontece no contexto do capitalismo cognitivo – termo cunhado pela corrente de pensadores neomarxistas italianos (operaístas), que se refere à compreensão do atual modelo de produção como algo marcado pela informatização, a geração de serviços mediados por linguagens computacionais, os modelos de consumo (*marketing*) e a representação de grupos sociais (*branding*) (MALINI, 2007).

A característica produtiva dessa “nova economia” será a interatividade, capitaneada pela integração da forma (indústria de hardware e eletrônico), do conteúdo (indústria de software, cinema, programas televisivos) e da difusão (indústria de telecomunicações e informática) (MALINI, 2007, p. 71).

Amparado pelo pensamento dos teóricos operaístas, Malini (2007) descreve que o elemento novo do capitalismo cognitivo é, então, ser um modo de produção socializado e vinculado à comunicação social. E, se de um lado as atuais ferramentas de comunicação digital possibilitaram a consolidação do capitalismo cognitivo, por outro, deram origem, também, às redes em que se desenvolve a oposição a essa

nova economia. Ou seja, enquanto as forças hegemônicas atuam na produção imaterial de acumulação de riqueza, outra vertente organiza-se e reúne esforços que conseguem fazer frente ao modelo estabelecido, por meio de uma cultura de colaboração e compartilhamento.

Esse movimento contra-hegemônico manifesta-se, em suas diversas frentes, com uma mesma base comum – as lutas antidisciplinares –, e emerge junto com a existência de uma nova força social, a da *multidão*, que, ao contrário da *massa uniforme* descrita pela perspectiva marxista, tem sua potencialidade na inteligência coletiva gerada por *sujeitos peculiares*.

O povo é sempre representado como unidade, ao passo que a *multidão não é representável*, ela apresenta sua face monstruosa *vis-à-vis* os racionalismos teleológicos e transcendentais da modernidade. Ao contrário do conceito de povo, o conceito de multidão é de uma multiplicidade singular, um universal concreto. O povo constitui um corpo social; a multidão não, porque a multidão é a carne da vida. Se por um lado opusermos multidão a povo, devemos também contrastá-la com as massas e a plebe. Massas e plebe são palavras que têm sido frequentemente empregadas para nomear uma força social irracional e passiva, violenta e perigosa que, justamente por isto, é facilmente manipulável. Ao contrário, a multidão constitui um ator social ativo, uma multiplicidade que age. Diferentemente de povo, a multidão não é uma unidade mas, em contraste com as massas e a plebe, podemos vê-la como *algo organizado*. Trata-se, na verdade, de um ator ativo da auto-organização (NEGRI, 2004, p. 17, grifo do autor).

Para Malini (2007), a criação do Napster<sup>10</sup>, no ano de 1999, é um marco para a inclusão do princípio de colaboração e compartilhamento na lógica de funcionamento da atual geração da internet. O *site* oferecia um sistema de troca de arquivos de música, no formato MP3, a partir de um *software* de compartilhamento que baixava

---

<sup>10</sup> Programa de compartilhamento de arquivos em rede que permitia que os usuários fizessem *downloads* de forma descentralizada, diretamente do computador de um ou mais usuários da rede. Deu origem ao primeiro grande episódio na luta jurídica entre a indústria fonográfica e as redes de compartilhamento de música na Internet.

os dados diretamente do computador de outros usuários. Com o Napster, fortaleceu-se a cultura de rede, pois o aumento da adesão de usuários ao sistema ampliava a oferta e a velocidade de troca de arquivos.

Ao fomentar a troca sem intermediação, o Napster e outras redes baseadas em seu formato de compartilhamento<sup>11</sup> tornaram-se a expressão de um projeto político de democracia absoluta e não representativa das redes, baseado na possibilidade de construção autônoma de novos meios de expressão da cultura, defende o autor. "Na raiz ontológica da constituição desse poder distribuído estava o desejo de produzir encontros e relacionamentos, mais do que trocar arquivos que violava o caráter privado da propriedade" (MALINI, 2007, p. 190).

Além de darem origem a uma nova arquitetura de rede, os processos *Peer to Peer* (P2P) inspiraram a criação do ambiente participativo da internet, que deu a tônica da construção da mídia participativa, com plataformas de distribuição de conteúdos criados por usuários ou apropriados da cultura comercial, em diferentes suportes e formatos (vídeo, Youtube; fotografia, Flickr; jornalismo colaborativo, Oh My News; manifestação de pensamento/opinião, *blogs*; entre outros).

Todas essas possibilidades de interação, de criação conjunta, de recombinação, deixaram claro aos usuários da internet seu poder para desacomodar as grandes forças do capitalismo cognitivo. Um dos alicerces da cultura participativa nessa disputa foi a criação das licenças Creative Commons, que forneceram o aparato legal para a geração de alternativas contestadoras da política de propriedade intelectual de grandes corporações do capitalismo cognitivo. Criadas em 2001, nos Estados Unidos, sob a liderança do professor universitário Lawrence Lessig, fornecem uma solução formal para que os autores de toda sorte de produção intelectual estabeleçam os critérios para a distribuição, a cópia e a reutilização de sua obra. Mais do que isso, elevam as reivindicações do movimento contra-hegemônico às instâncias de regulação da vida em sociedade.

Assim, configurada como um campo político que deu origem a uma cultura fundada na construção coletiva pela multidão e fortalecida pela união das peculiaridades de sujeitos, pode-se argumentar que as disputas travadas em razão das possibilidades de conexão entre as pessoas na internet forneceram as bases comuns para a configuração de

---

<sup>11</sup> O Napster abriu caminho para a criação de outras tecnologias de trocas de arquivo sem intermediação – chamadas de P2P (*Peer to Peer* - ponto a ponto, em português).

um movimento de resistência à ordem social vigente, que atua por meio da rede.

Em *Redes de Indignação e Esperança*, Manuel Castells identifica o vínculo do que chamou de *cultura da autonomia da internet* com os movimentos sociais que emergem na rede: "eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas" (CASTELLS, 2013, p. 167).

O autor postula que, nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência do que chamou de autocomunicação, por meio do uso da internet e das redes de comunicação sem fio como *plataformas de comunicação digital*.

É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um mundo infundável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada (CASTELLS, 2013, p. 11).

Para Castells (2013), a autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, individual ou coletivo, em relação às instituições formalizadas na sociedade. Ele entende que o poder, no mundo contemporâneo, é multidimensional, organizado em torno de redes programadas em cada domínio da atividade humana, de acordo com os interesses e valores de atores habilitados.

As redes de poder mencionadas por Castells (2013), em seus vários domínios, constituem redes entre elas próprias (metarredes). Entre elas, o autor elenca a metarrede das finanças, damídia, política, produção cultural, militar, criminosa, de produção e aplicação da ciência. Sem fundirem-se, essas redes envolvem-se em estratégias de parceria com um objetivo em comum: "controlar a capacidade de definir as regras e normas da sociedade mediante um sistema político que responde basicamente a seus interesses e valores" (CASTELLS, 2013, p. 13). Assim, afirma, enquanto as redes de comunicação processam a construção de significado em que se baseia o poder, o Estado garante o funcionamento adequado de todas as demais redes de poder.

Nesse contexto, o contrapoder é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores. Para Castells (2013), os atores da mudança social são capazes de influenciar a construção do poder com mecanismos correspondentes às formas e aos processos do poder na sociedade. O autor vê, no envolvimento das pessoas na produção de mensagens nos meios de comunicação digitais, a criação de redes autônomas de comunicação horizontal: uma subversão da prática comunicacional.

Castells (2013) chama a atenção para o fato de que a possibilidade de deliberação e coordenação de ação oferecida pelas redes digitais, no entanto, é apenas um dos componentes do processo comunicativo. A reivindicação só torna-se concreta com a ocupação do espaço público e a consequente criação de comunidades livres no espaço urbano.

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora (CASTELLS, 2013, p. 16).

### **2.3 Entre o global e o local: os movimentos ativistas no mundo e no Brasil**

Entre os anos de 2011 e 2015, assistiu-se a pelo menos sete grandes ondas de manifestações de cunho político em países árabes, Europa, Estados Unidos, Brasil e China. No entanto, já em 2007, a internet apresentava-se como um fator decisivo durante a realização de protestos contra governos instituídos. A Revolta do Açafrão (*Saffron Revolution*), na Birmânia, foi a primeiro confronto com um regime ditatorial, no contexto da Web 2.0, em que a rede foi amplamente usada como ferramenta estratégica dos manifestantes. O recurso da comunicação foi tão evidentemente ameaçador ao regime que o governo interrompeu as telecomunicações no país durante a onda de protestos, como forma de impedir que os acontecimentos no país alcançassem escala global.

No caso da Revolta do Açafrão, a importância da internet deu-se, principalmente, pela difusão das imagens de violência do Estado para a repressão dos protestos, com vídeos gravados pela população e

propagados na rede. A exposição internacional do material mobilizou governos ao redor do mundo e levou o assunto às instâncias da Organização das Nações Unidas (ONU). Embora o movimento não tenha logrado derrubar o regime militar no país, o apoio internacional resultante das mobilizações na internet conseguiu impor limites à truculência do governo e fez com que os protestos de 2007 deixassem muito menos mortos que atos realizados anteriormente, como em 1988, indica estudo publicado pelo The Berkman Center for Internet and Society (CHOWDHURY, 2008)<sup>12</sup>.

Antes disso, em 1999, em um contexto mais embrionário da Web 2.0 – quando ainda não havia plataformas de difusão de conteúdo gerado por usuários (à exceção de *blogs*), como o *site* de publicação de vídeos Youtube e a rede social de *microblogging* Twitter<sup>13</sup> –, a internet também teve papel central em movimentos ativistas, servindo como ambiente de discussão e divulgação de ideias que fortaleceram a resistência à realização da reunião da Organização Mundial do Comércio na cidade norte-americana de Seattle.

No contexto atual, a onda de manifestações sociais que vem questionando a ordem social vigente ao redor do globo deixa claro que um novo elemento foi adicionado aos recursos de reivindicação popular. Evidentemente, as mobilizações populares, mesmo em escala global, são bastante anteriores ao advento da internet. Assim, mais do que a plataforma que possibilita a conexão e a articulação dos insatisfeitos, esse novo elemento que vem fomentando a ação política popular seria, acredita Castells (2013), a *sensação compartilhada de empoderamento*. Talvez, seja essa a brecha para a ação política nos primeiros anos para o século XXI. Sobre a sensação de empoderamento, Castells escreve:

Ela nasceu do desprezo por seus governos e pela classe política, fossem eles ditatoriais ou, em sua

---

<sup>12</sup> Sobre o papel da internet na Revolta do Açafrão, o pesquisador Mridul Chowdhury (2008) conclui que mesmo regimes autoritários temem a opinião pública e que a internet, possivelmente, salvou a vida de milhares de manifestantes.

<sup>13</sup> Ativo na internet desde o ano de 2006, o Twitter teve papel central no aumento da velocidade com que os usuários da internet trocavam informações, a partir de sua proposta de publicação de mensagens de até 140 caracteres, distribuídas para a rede do usuário e facilmente replicadas por seus receptores, em um efeito cascata. O Twitter funcionava, também, por meio de serviços de mensagem de texto de celular, de forma que permitia a publicação na rede mesmo em lugares sem conexão à internet.

visão, pseudodemocráticos. Foi estimulada pela indignação provocada pela cumplicidade percebida entre as elites financeira e política. Foi desencadeada pela sublevação emocional resultante de algum evento insuportável. E tornou-se possível pela superação do medo, mediante a proximidade construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano (CASTELLS, 2013. p. 23-24).

Assim, pode-se dizer que os movimentos que irromperam na Islândia (2009), na Tunísia (2011), no Egito (2011), em diversos países do mundo árabe (2011), na Espanha (2011), nos Estados Unidos (2011), no Brasil (2013) e na China (2014) estão conectados pelo exemplo que fornecem um ao outro nas redes digitais de comunicação, embora sejam todos motivados e aconteçam sob contextos e particularidades locais. A seguir, será feito um pequeno resumo sobre os movimentos internacionais, ocorridos até o último ano, com foco no papel da internet em cada um deles, a partir da obra de Castells (2013), e também sobre as manifestações realizadas no Brasil, cuja análise trará, ainda, a contribuição de outros autores e dados da imprensa. Sobre os eventos realizados fora do país, será dado maior destaque à Tunísia – a primeira do contexto das revoltas de 2011 – em razão das bases que sedimentaram para a ocorrência das outras rebeliões populares.

## **Tunísia**

Os protestos na Tunísia começaram de forma extrema, com a divulgação do vídeo de um suicídio, em que o manifestante ateou fogo ao próprio corpo (autoimolação), em frente a um prédio do governo, no dia 17 de dezembro de 2010, em protesto ao confisco de sua banca de frutas pela polícia local, depois de ele ter recusado-se a pagar propina. O vídeo, gravado por seu primo, propagou-se pela internet e, rapidamente, outros suicídios e tentativas de suicídio semelhantes aconteceram. Em poucos dias, manifestações começaram a irromper por todo o país (primeiro nas províncias e, depois, na capital).

A repressão policial matou 147 pessoas, até que, em 12 de janeiro de 2011, o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas se recusou a atacar os manifestantes, sendo imediatamente exonerado. A pequena vitória encorajou os manifestantes a manter e intensificar os protestos, pressionando pela queda de todos os dirigentes do regime.

Assim como no caso da Revolta do Açafão, a divulgação da violência contra os manifestantes na internet interferiu no processo de mobilização das pessoas. Para Castells (2013), a conexão entre a comunicação livre pelas redes sociais e a ocupação do espaço urbano criou *um híbrido espaço público de liberdade*, que se tornou uma das características centrais da rebelião tunisiana e prenunciou os movimentos que surgiram em outros países.

O movimento na Tunísia não tinha líderes, mas funcionou por meio de uma organização informal para cuidar da logística e estabelecer os procedimentos de debate:

as discussões tinham que ser educadas, respeitadas e sem gritarias, todos tinham o direito de expressar sua opinião, mas sem longos discursos, de modo a haver tempo suficiente para que todos pudessem exercer a recém-obtida liberdade de expressão (CASTELLS, 2013 p. 26).

Enxerga-se, na descrição feita por Castells (2013), um exemplo de uma esfera pública próxima ao ideal, na qual todos têm acesso e direito de manifestação e na qual o consenso é obtido por meio do diálogo e do acolhimento da diferença.

Entre os temas debatidos, estavam a rejeição ao governo estabelecido; a criação de empregos; a qualidade da educação; o controle do governo sobre a economia e a política; e o papel do islã. O grupo manifestante representava transversalmente a sociedade tunisiana, com forte presença da classe trabalhadora – que convivía com uma taxa de desemprego de 21% entre os jovens com formação superior.

Entre os fatores que contribuíram para a eclosão das manifestações na Tunísia, Castells (2013) enxerga, além da internet, a participação da rede de televisão Al Jazeera, ao fornecer uma narrativa desencadeadora e coordenadora das revoltas como expressão de indignação, particularmente entre os jovens.

Reconheço que qualquer levante social - e a Tunísia não foi exceção - ocorre como expressões de protestos contra más condições econômicas, sociais e políticas, tais como desemprego, carestia, desigualdade, pobreza, brutalidade policial, falta de democracia, censura e corrupção como modo de vida de todos o Estado. Mas dessas condições objetivas emergiram emoções e sentimentos - sentimentos de afronta muitas vezes induzidos pela humilhação -, e esses sentimentos estimularam protestos espontâneos iniciados por

indivíduos: jovens usando suas redes, as redes em que eles vivem e se expressam. Certamente, isso inclui suas redes sociais na internet, assim como as de celulares. Mas também significa suas redes sociais, amigos, famílias e, em alguns casos, clubes de futebol, a maioria delas off-line. **Foi na conexão entre as redes sociais da internet e as redes pessoais que se forjou o protesto"** (CASTELLS, 2013, p. 29, grifo nosso).

Assim, Castells (2013) estabelece, como precondição para a ocorrência dos protestos, a cultura da internet, que, nas palavras do autor, libertou vozes apesar da censura e da repressão, a partir da criação de uma relação simbiótica entre cidadãos e jornalistas, que se encarregaram de difundir as informações mundialmente.

O movimento tunisiano foi bem-sucedido em sua reivindicação de alteração do governo. Em função dos protestos, o presidente Zine el-Abidine Ben Ali, que se encontrava no cargo desde o ano de 1987, deixou o país. O povo permaneceu nas ruas até que um novo governo, sem a presença de filiados ao antigo regime, assumisse.

## **Islândia**

Na Islândia, a motivação da insurgência popular foi uma série de ações fraudulentas de empresas que atuavam no sistema financeiro, que acabaram por colocar em crise a economia do país, que, até o ano de 2007, tinha a quinta maior renda média do mundo.

O estopim das manifestações foi um vídeo publicado na internet no qual um cantor tocava uma música de protesto em frente ao parlamento. Na ação, poucas pessoas juntaram-se a ele, mas, após a divulgação do vídeo por um manifestante, milhares de pessoas passaram a reunir-se naquela praça para demonstrar sua indignação com a situação do país.

Os manifestantes pediam a renúncia de governo e a elaboração de uma nova constituição. As eleições acabaram sendo antecipadas e o novo governo usou a internet como lugar oficial de debate sobre a carta constitucional. O Facebook serviu de canal de debate e o Twitter para o relato dos progressos dos trabalhos. A população de 320 mil habitantes, em que 94% têm acesso à internet, enviou 16 mil sugestões *on-line* e *off-line*. Depois de quatro meses de trabalho, foi estabelecida uma minuta para apreciação popular.

O fato de a Constituição de um país poder refletir explicitamente princípios que, no contexto do

capitalismo global, são revolucionários mostra o elo direto entre um processo de *crowdsourcing*<sup>14</sup> genuinamente popular e o conteúdo resultante deste processo participativo (CASTELLS, 2013, p. 41).

## Revolução egípcia

Os protestos no Egito, que começaram em 25 de janeiro de 2011 (pouco mais de um mês depois das manifestações na Tunísia), destronaram o último faraó em 18 dias. O movimento político foi precedido por mobilizações que já vinham acontecendo no ano anterior, em lutas pelos direitos da mulher e trabalhistas. Esses grupos já estavam articulados na internet, em uma comunidade no Facebook que detinha 70 mil membros. No decorrer de 2010, outros grupos, igualmente numerosos, espalhavam-se pela rede social em causas diversas.

Foi uma convocação geral, a partir dos grupos já mobilizados, que levou à ocupação da Praça Tharir no primeiro ato dos manifestantes, que se deu em função do aumento do preço da comida. A centelha que deflagrou a revolução egípcia, para Castells (2013), foi a revolução tunisiana, "que acrescentou essa esperança à indignação provocada pela insuportável brutalidade" (CASTELLS, 2013, p. 47).

Os dados sobre as tendências do *site* de busca Google no Egito durante a revolução mostram um grande fluxo de pesquisas sobre as manifestações. O tráfego de dados no Twitter também foi expressivo no período. Castells (2013) resume: "os ativistas, como alguns dizem, planejaram os protestos no Facebook, coordenando-os pelo Twitter, divulgando-os pelo SMS<sup>15</sup> e transmitindo-os ao mundo pelo Youtube" (CASTELLS, 2013, p. 50).

A solidariedade comunal criada no espaço público presencial foi, para o autor, a forma que as pessoas encontraram para a superação do medo. A libertação alcançada por meio da criação de um território que escapasse ao controle estatal serviu de inspiração para os Movimentos Occupy, que aconteceram logo depois nos Estados Unidos.

---

<sup>14</sup> Construção coletiva de um processo que se dá a partir da reunião de serviços, recursos, ideias ou conteúdos de diversas pessoas ou grupos, especialmente a partir de comunidades *on-line*.

<sup>15</sup> Mensagens de texto trocadas por celular.

## **Primavera árabe**

O chamado Dia da Fúria aconteceu em diversos países do mundo árabe: 7 de janeiro, na Argélia; 12 de janeiro, no Líbano; 14 de janeiro, na Jordânia; 17 de janeiro, na Mauritânia, no Sudão e em Omã; 27 de janeiro, no Iêmen; 14 de fevereiro, no Bahrein; 17 de fevereiro, na Líbia; 18 de fevereiro, no Kuwait; 20 de fevereiro, no Marrocos; 26 de fevereiro, no Saahra ocidental; 11 de março, na Arábia Saudita; e 18 de março, na Síria.

Assim como ocorreu na Tunísia e no Egito, a maioria dos levantes árabes começou com organização, debate e convocação na internet. Em geral, não foram mediados por organizações políticas formais, observa Castells (2013).

## **Os indignados na Espanha**

O movimento na Espanha foi motivado pela crise econômica e, na visão de Castells (2013), configura-se como uma mobilização automediada. O 15-M (como o movimento ficou conhecido) posicionou-se contra a existência de intermediários, fossem eles políticos, culturais ou midiáticos.

Uma das faixas carregadas pelos manifestantes, que se tornou um dos símbolos do movimento, dizia: "isso não é uma crise, é que eu não amo mais você", em representação ao objetivo do grupo: reinventar a democracia, a partir de um movimento sem líderes, organizado em assembleias. A fonte desse princípio anarquista, segundo Castells (2013), vem da experiência das redes da internet, da horizontalidade que surge com a possibilidade de a função de coordenação ser exercida pela própria rede, mediante a interação entre seus núcleos. O autor sintetiza que a mobilização na Espanha é um movimento político contra um sistema político.

## **Occupy Wall Street**

A indignação que levou à ação foi a crise do mercado imobiliário nos Estados Unidos. O movimento, que começou no centro financeiro da cidade de Nova Iorque, se espalhou rapidamente por todo o país, com focos de ação em todos os estados – alguns com atos em até um terço das cidades, como na Califórnia. O Occupy, avalia Castells (2013), construiu uma nova forma de espaço, "uma mistura de espaços

de lugares, num determinado território, e espaços de fluxos, na internet. Um não conseguia funcionar sem o outro" (CASTELLS, 2013, p. 128).

O movimento já nasceu digital, descreve o autor, e foi uma experiência efetiva de democracia direta. O exercício de novas formas de organização e deliberação é característica central do Occupy, aponta Castells (2013). "Eles inventaram, pouco a pouco, um novo modelo organizacional que, com variações, esteve presente na maioria das ocupações" (CASTELLS, 2013, p. 137), em um processo que o autor enxerga uma evolução das tentativas realizadas no Egito e na Espanha.

A principal marca era a ausência deliberada de lideranças formais, substituídas por procedimentos complexos de organização. Cada proposta era encaminhada seguindo um mesmo formato básico: o autor descrevia-a e apresentava-a; depois de discussões internas em assembleia, os membros manifestavam-se. Havendo consenso positivo, ela era aceita. Do contrário, o autor fazia as revisões necessárias e voltava a apresentar a proposta. A grande diferença entre as ocupações realizadas pelo mundo era a exigência de consenso total ou majoritário para a aceitação de uma proposta. Em muitas, havia comitês temáticos. Castells (2013) enxerga, nessas práticas, um movimento sem demandas, em que o processo é a própria mensagem.

### **Protestos de Junho (Brasil, junho de 2013): #ProtestosBR, #VemPraRua, #MudaBrasil**

No Brasil, a sublevação emocional resultado de algum evento insuportável (CASTELLS, 2013, p. 23) que levou ao levante de protestos em todo país a partir do mês de junho de 2013, foi o aumento, em R\$ 0,20, do preço das passagens de ônibus da cidade de São Paulo. Mas, como alerta Vainer (2013), mais do que buscar os motivos pelo início das manifestações, deve-se buscar compreender as condições que levaram o movimento e a se propagar. Em seu entendimento, o aumento das tarifas do transporte coletivo foi uma *fagulha* e a *pradaria* que estava pronta para ser incendiada era a cidade neoliberal.

O autor elenca três fatores que motivaram a indignação das pessoas que se uniram em protesto:

- 1) a realização dos megaeventos esportivos no país: para o autor, além da repressão dos governos e da mídia às manifestações para evitar danos à imagem do país em função das manifestações, os megaeventos acentuaram a percepção do uso das cidades como espaços de negócio. Durante os megaeventos,

postula, é gerada a *cidade de exceção* – uma "democracia direta do capital";

- 2) a adoção de diretrizes e concepções neoliberais que reconfiguraram a relação entre capital, Estado e sociedade e evidenciaram o lugar da cidade no processo de acumulação, inseridas de forma subordinada no mercado global;
- 3) o atual planejamento das cidades, orientado de forma a ser amigável para o mercado.

Sobre as atuais forças que regem o desenvolvimento do espaço urbano das cidades, o autor conclui:

A cidade neoliberal aprofundou e agudizou os conhecidos problemas que nossas cidades herdaram de quarenta anos de desenvolvimento excludente: favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados. Nesse contexto, o surpreendente não é a explosão, mas que ela tenha demorado tanto (VAINER, 2013, p. 39).

Castells (2013) coloca, entre os motivos que levaram aos protestos no Brasil, a insatisfação com o poder Legislativo.

Mais de um milhão de pessoas chegaram a ocupar as ruas de 388 cidades brasileiras simultaneamente durante as manifestações, como ocorreu no dia 20 de junho, segundo divulgou a imprensa<sup>16</sup>. Uma reportagem publicada no portal UOL traz os números de participantes estimados pelas polícias militares locais nas principais cidades do país<sup>17</sup>, enquanto a chamada dos atos em São Paulo estava sob a articulação do MPL (até o cancelamento do aumento da tarifa na cidade). Os números demonstram que o levante foi, de fato, distribuído por todas as regiões brasileiras.

- Rio de Janeiro (RJ): 300 mil;
- São Paulo (SP): 110 mil;
- Manaus (AM): 60 mil;

---

<sup>16</sup> Matéria divulgada pelo portal UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>>. Acesso em: 10 out. 2014.

<sup>17</sup> Os dados relativos à cidade de São Paulo não são da Polícia Militar, mas do Instituto Datafolha.

- Vitória (ES): 60 mil;
- Recife (PE): 52 mil;
- Campinas (SP): 35 mil;
- Campo Grande (MS): 35 mil;
- Cuiabá (MT): 35 mil;
- Brasília (DF): 30 mil;
- Fortaleza (CE): 30 mil;
- Ribeirão Preto (SP): 25 mil;
- João Pessoa (PB): 22 mil;
- Florianópolis (SC): 21 mil;
- Porto Velho (RO): 20 mil;
- Uberlândia (MG): 20 mil;
- São José dos Campos (SP): 20 mil;
- Belém (PA): 15 mil;
- Belo Horizonte (MG): 15 mil;
- Campina Grande (PB): 15 mil;
- Natal (RN): 15 mil;
- Salvador (BA): 15 mil;
- Maceió (AL): 10 mil;
- Palmas (TO): 10 mil;
- Porto Alegre (RS): 10 mil;
- Teresina (PI): 10 mil;
- Curitiba (PR): 3 mil;
- Londrina (PR): 1 mil;
- Interior de Santa Catarina; 50 mil.

### **Decorrências de junho de 2013**

A quantidade de manifestações, protestos e mobilizações que se deram, nas ruas e nas redes, após os protestos de junho de 2013, permite afirmar que a demonstração da possibilidade de articulação popular massiva alterou a atuação política de diversos grupos sociais. Como será demonstrado mais à frente (seção Observação inicial e identificação de casos de coletivos ativistas no Brasil), a organização de grupos como o coletivo Mídia Ninja, dedicados a narrar na rede as realizações de movimentos ativistas, deu visibilidade à mobilização de diversos movimentos articulados em variadas pautas de mobilização – normalmente vinculadas a uma visão política de esquerda.

Aqui, deter-se-á a descrever, ainda que rapidamente, dois momentos de ocupação das ruas a partir da articulação nas redes que se deram depois dos protestos de 2013. O primeiro, por constituir-se como objeto empírico a ser analisado nesta pesquisa. O segundo, por sinalizar uma importante apropriação de grupos associados a tendências conservadoras e neoliberais do espaço de manifestação e articulação gerado pela confluência *on-line/off-line*, ou rede/rua.

### **A) Protestos contra o aumento da passagem de ônibus urbano - janeiro de 2015**

Entre os meses de dezembro de 2014 e janeiro de 2015, o preço das tarifas de ônibus foi reajustado em nove capitais do país: Aracaju (SE), Belo Horizonte (MG), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE), Rio Branco (AC), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Boa Vista (RR)<sup>18</sup>. Os aumentos levaram o Movimento Passe Livre a convocar novos protestos. Foram sete grandes atos organizados na capital paulista, com repercussão em outras cidades brasileiras:

#### **09 de janeiro de 2015, sexta-feira: Primeiro Grande Ato**

O primeiro da série de protestos conclamados pelo MPL em função do aumento da tarifa de ônibus em São Paulo para R\$ 3,50 reuniu 2,5 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, e 10 mil, segundo o Movimento Passe Livre. De acordo com informações publicadas na imprensa<sup>19</sup>, o ato foi marcado pela repressão policial violenta indiscriminada e a prisão de manifestantes (51 detidos). Segundo a reportagem, a polícia usou bombas de efeito moral e cassetetes de forma generalizada quando um grupo de encapuzados começou a praticar atos de vandalismo. Vídeos publicados na internet mostram pessoas feridas.

#### **16 de janeiro de 2015, sexta-feira: Segundo Grande Ato**

O Segundo grande ato tomou toda a extensão da Rua da Consolação, próxima à Av. Paulista, em São Paulo. Segundo a PM, foram cerca de três mil manifestantes, mas o MPL estima que foram cerca de 20 mil. Vídeos e fotografias publicados na internet mostram a ação violenta da polícia para reprimir o ato, com uso de bombas de gás e tiros de borracha. A corporação

---

<sup>18</sup> Informação publicada pelo portal de notícias G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/em-2-meses-9-capitais-aumentam-preco-de-onibus-veja-tarifas.html>>. Acesso em: 6 maio. 2015.

<sup>19</sup> Site BrasilPost, associado ao The Huffington Post. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2015/01/09/violencia-mpl\\_n\\_6445984.html](http://www.brasilpost.com.br/2015/01/09/violencia-mpl_n_6445984.html)>. Acesso em: 6 maio. 2015.

relatou ter sido vítima de ataques com fogos de artifício. De acordo com informações publicadas no portal de notícias G1<sup>20</sup>, o protesto começou às 17h, na Avenida Paulista, e rumou até a Prefeitura de São Paulo e a Secretaria Estadual de Transportes. Por volta das 19h30, na descida da Rua Consolação, bombas foram lançadas contra manifestantes. A partir de então, uma série de explosões dispersou o ato. Três bancos foram depredados e o MPL divulgou nota em que se posiciona contrário à depredação praticada: "Não concordamos com a postura de alguns manifestantes, mas não é função do MPL identificar, julgar ou criminalizar quem está nas ruas, protestando contra a violência diária do transporte e suas tarifas" (MPL, 2015).

### **20 de janeiro, terça-feira: Terceiro Grande Ato**

Dessa vez, a marcha ocorreu em bairros menos centrais de São Paulo – do Tatuapé ao Belém, pela Radial Leste. Nas redes sociais, houve acusações de que essa estratégia do MPL em afastar o local das manifestações visava a proteger o governador Geraldo Alckmin de protestos contra a crise hídrica. O ato transcorreu sem conflitos com a polícia; no entanto, durante a dispersão dos manifestantes, a PM utilizou bombas de gás na estação Belém do metrô, em razão de um grupo que quis pular a catraca e de outro, de cerca de 15 pessoas, que tentou fechar a Av. Radial Leste. A estação foi depredada e pichada, de acordo com informações do portal de notícias UOL<sup>21</sup>. O número de participantes foi de 500 pessoas, segundo a PM, e de cinco mil, de acordo com o MPL.

### **23 de janeiro, sexta-feira: Quarto Grande Ato**

Os manifestantes fecharam ruas no centro de São Paulo, em protesto que seguia pacífico até o final do ato, por volta das 20h30. Uma explosão que não teve origem identificada, no entanto, deu início ao uso de armas não letais pela PM, à correria de manifestantes e a atos de vandalismo (quatro agências bancárias foram depredadas). Quatro pessoas foram presas. A estimativa do MPL é de que dez mil tenham participado dos protestos na cidade. Já para a PM, foram 1,5 mil participantes. Houve atos também no Rio de Janeiro (RJ), em Florianópolis (SC), em Salvador (BA), em Osasco (SP), em Goiânia (GO) e em Fortaleza (CE)<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/01/bombas-depredacao-e-detidos-marcam-2-ato-contra-tarifa-em-sp.html>>. Acesso em: 6 maio. 2015.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/01/20/pm-promete-evitar-bloqueio-de-via-durante-ato-contra-altas-tarifas-em-sp.htm>>. Acesso em: 6 maio. 2015.

<sup>22</sup> Informações do Portal de Notícias G1 (disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/01/quarto-ato-contra-aumento-da>

**27 de janeiro de 2015, terça-feira: Quinto Grande Ato**

De acordo com o MPL, dez mil pessoas participaram da Marcha, que partiu do Largo da Batata, no bairro de Pinheiros, em São Paulo, e foi angariando participantes pelo caminho. Os manifestantes fecharam a Marginal Pinheiros e, após o ato, houve confronto com violência policial na estação Faria Lima do metrô. De acordo com relatos publicados em redes sociais, a Polícia Militar de São Paulo atirou bombas químicas em um espaço fechado, o que levou muitos a passarem mal. A PM afirmou ter agido em resposta a manifestantes que tentaram impedir o acesso de passageiros ao metrô.

**29 de janeiro de 2015, quinta-feira: Sexto Grande Ato**

O movimento fechou a Av. 23 de Maio, em São Paulo. A data marcava o aniversário de dez anos de fundação oficial do MPL, que ocorreu no Fórum Social Mundial de 2005, em Porto Alegre (RS). A concentração iniciou-se no vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP), na Av. Paulista, onde s participantes definiram o trajeto que seria traçado em assembleia. No caminho para a Av. 23 de Maio, os manifestantes passaram pela casa do prefeito da cidade, Fernando Haddad, para entregar a ele o troféu Catraca. Nas redes sociais, a cobrança do movimento ao prefeito deu origem a comentários a uma suposta blindagem do MPL ao governador Geraldo Alckmin.

**06 de fevereiro de 2015, sexta-feira: Sétimo Grande Ato**

O ato teve início em frente à prefeitura de São Paulo, onde os manifestantes realizaram um casamento simbólico entre a administração municipal, representada por um boneco do prefeito Fernando Haddad, e as empresas de transporte público – uma catraca dourada com um véu de noiva. Em seguida, o grupo marchou em trajeto decidido em assembleia: passou em frente à Secretaria de Segurança Pública, à Praça da Sé e, finalmente, chegou ao Terminal Parque Dom Pedro II, que foi bloqueado pela polícia. Cerca de mil pessoas participaram do ato e não houve confronto direto com a polícia.

**B) Protestos antigoverno federal no Brasil em 2015**

Realizados mais recentemente, os protestos de 15 de março de 2015 contra o governo do PT no Brasil reuniram a maior quantidade de pessoas nas ruas do país desde o ato pela campanha das Diretas Já, em

1984<sup>23</sup>. Em razão dessa grande adesão e do uso massivo da internet para a conclamação dos protestos, que também são característicos dos atos de 2013, cabe discorrer também sobre esse movimento, embora ele não tenha nenhuma relação com o Movimento Passe Livre, cuja atuação é o objeto desta pesquisa.

Os protestos de março de 2015, repetidos com menor adesão nos meses de abril e agosto do mesmo ano, decorrem de um movimento bastante distinto do que provocou os eventos de 2013. Naquele ano, apenas cerca de dez dias depois do início dos protestos, a *hashtag*<sup>24</sup> #vemprarua, a mais popular durante as manifestações, passou a ser usada por perfis de políticos e celebridades. Antes disso, Malini (2015a) relata, em referência a estudo realizado pelo Laboratório de Estudo sobre Imagem e Cibercultura, da Universidade Federal do Espírito Santo (LABIC/UFES), a rede era ocupada por anônimos, cidadãos com cerca de 300 seguidores e perfis com identidades coletivas. As manifestações representavam um *grito coletivo* de reprovação com a atual ordem social, classifica o pesquisador, que vem acompanhando a dinâmica política das redes sociais, por meio de procedimentos da teoria de redes complexas, desde o início do ano de 2013.

Outra característica marcante dos protestos de 2013, aponta Malini (2015a), é que, por mais diversa que fosse a pauta de reivindicação, estavam incluídas causas associadas a demandas de direitos humanos para minorias étnicas, raciais e sexuais. O combate à corrupção, tônica dos protestos de 2015, já estava presente, mas misturado a reivindicações que, juntas, demonstravam a insatisfação da população com todo o sistema político do país, e não contra um partido ou político específico.

Em 2015, políticos e celebridades foram responsáveis por conclamar a população às manifestações. Além disso, os atos foram organizados e conduzidos por lideranças necessárias à manutenção do movimento.

Assim, Malini (2015a) conclui que as manifestações de 2015 são, sim, uma decorrência das de 2013, porém, com um viés mais voltado a questões partidárias que de organização da ordem social.

---

<sup>23</sup> O Instituto Datafolha contabilizou a participação de 210 mil pessoas na Av. Paulista, em São Paulo. O número é o segundo maior medido pelo instituto em uma manifestação popular, que só ficou atrás das mais de 400 mil pessoas reunidas no ato pelas eleições diretas, em 16 de abril de 1984.

<sup>24</sup> Palavra-chave designada pelos usuários de redes sociais para a publicação de *posts* sobre um determinado assunto.

Houve uma troca do diálogo pela tentativa de aniquilação do adversário político, sintetiza.

## **2.4 Distinção teórica: movimentos sociais e manifestações**

Nesse cenário de recorrentes manifestações, Scherer-Warren (2014) distingue as diferentes modalidades de organização na sociedade civil contemporânea em cinco categorias:

1. Movimentos sociais organizados: têm algum arranjo institucional, são perenes, visam a um projeto ou a uma utopia de mudança social, política ou cultural. Usam as manifestações públicas como recurso de reivindicação ou protestos específicos para obter visibilidade. É nesta categoria que a autora enquadra o Movimento Passe Livre, o Movimento dos Sem Terra, entre outros movimentos feministas, etnorraciais, entre outros.
2. Manifestações ou marchas dos movimentos sociais: visam à visibilidade, são repetidas de forma ocasional ou regular. Exemplos: Marcha Mundial das Mulheres, Marcha Zumbi dos Palmares, Marcha da Maconha.
3. Manifestações amplas de cidadania e/ou indignados: agregam múltiplos coletivos no espaço público a partir de reivindicações reativas a situações ou a fatos políticos indesejáveis. Podem ser originadas por movimentos sociais, pela reação cidadã ou ambos. Frequentemente, são protestos heterogêneos ou, até mesmo, politicamente antagônicos. Mobilizados especialmente por meio de redes sociais. Exemplo: protestos de junho de 2013.
4. Manifestações bloqueio ou "formas de ação nas ruas": realizadas por pequenos grupos que, oportunamente, se juntam a manifestações maiores e seguem princípios do anarquismo. Ex.: *Blackblocks*.
5. Ação manifesto cultural: apresenta uma expressão coletiva no espaço público para a afirmação de direitos para segmentos da população que se sentem excluídos. Ex.: Marcha das vadias e Rolezinhos.

Sobre a distinção entre movimentos sociais e manifestações, a autora conclui que o movimento organizado busca, na manifestação, um momento de reivindicação e visibilidade, porém, tem uma continuidade para além desse episódio de mobilização pública. Assim, entende-se que, neste trabalho, se está pesquisando a ação que se dá a partir de um

movimento social constituído, o MPL, em um momento de mobilização pública – os protestos contra o aumento da tarifa de janeiro de 2015.

Identifica-se, nas manifestações descritas neste capítulo (à exceção dos movimentos antigoverno de março, abril e agosto de 2015), a característica comum de experimentação de um modelo de deliberação e exercício de democracia, não vinculadas a lideranças, e que buscam a construção coletiva por meio do diálogo. Assim, esses movimentos levam a questionar o que acontece na mobilização popular hoje que pode indicar elementos para a formação crítica de sujeitos – inquietação que constitui a motivação da pesquisa ora desenvolvida. Na teoria, identifica-se alguns destes fatores, os quais serão apresentados a seguir a partir de uma ampla revisão bibliográfica.

## 2.5 Fatores e circunstâncias

Por meio de uma revisão bibliográfica (realizada no contexto do Projeto RPPE/Comunic<sup>25</sup>) que compreendeu a leitura de obras fundantes para os estudos da comunicação e de obras bastante recentes que buscam refletir sobre a nova relação da sociedade com as tecnologias digitais de comunicação, procurou-se elencar condições imprescindíveis para que a formação crítica de sujeitos possa ocorrer no contexto da Web 2.0. Alguns desses *fatores e circunstâncias* serão norteadores da pesquisa empírica que se pretende realizar.

Destaca-se, a seguir, aqueles cuja importância e pertinência reconhece-se para a investigação proposta nesta dissertação. Mais adiante, alguns deles serão retomados para a apresentação dos indicadores e das métricas que se pretende utilizar na pesquisa empírica.

### ❖ Pluralidade (Hanna Arendt) - fator

Hannah Arendt defende, em sua obra *A Condição Humana*, publicada pela primeira vez em 1958, que a pluralidade é uma qualidade condicionante para a existência de um espaço público, da ação e do discurso.

A pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a

---

<sup>25</sup> Participaram: a Prof. Dra. Andrea Brandão Lapa, a doutoranda Simone Leal Schwertl, o pesquisador Andreson Lopes e a autora deste trabalho.

qualquer outro que viveu, vive ou viverá (ARENDDT, 2013, p. 10).

O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite apresentar-se em uma única perspectiva (ARENDDT, 2013, p. 71).

A pluralidade constitui o público e é só em público que a ação pode ter lugar, no reconhecimento de um espaço compartilhado, no qual a aparência de atores e sua presença na companhia um do outro como seres atuantes visíveis e audíveis é efetivada. Segundo o entendimento de Arendt (2013), a pluralidade tem o duplo aspecto de promover a *igualdade* e a *distinção*. A igualdade é necessária para a compreensão entre os homens, refere-se à condição necessária para a existência da pluralidade; já a distinção propicia a unicidade de cada pessoa, revelada pelo discurso e pela ação.

#### ❖ **Possibilidade de expressão dentro da lógica do “Agir Comunicativo” (J. Habermas) - fator**

Em *Pensamento Pós-metafísico*, J. Habermas (1990) traz a noção de *agir comunicativo*, em contraposição ao conceito de *agir estratégico*. Nas palavras do autor:

Os tipos de interação distinguem-se, em primeiro lugar, de acordo com o mecanismo de coordenação da ação; é preciso saber, antes de mais nada, se a linguagem natural é utilizada apenas como meio para transmissão de informações ou também como fonte de integração social. No primeiro caso, trata-se, no meu entender, de agir estratégico; no segundo, de agir comunicativo (HABERMAS, 1990, p. 71).

Habermas (1990) entende que, no agir estratégico, a linguagem é usada como meio de transmissão e, no agir comunicativo, como fonte de integração. No contexto do agir comunicativo, não há um objetivo a ser alcançado senão o de um acordo entre os sujeitos participantes da ação, ou seja, todos os agentes envolvidos no diálogo são considerados habilitados para interferir no curso do processo que se trava.

O agir comunicativo distingue-se, pois, do estratégico uma vez que a coordenação bem sucedida da ação não está apoiada na racionalidade teleológica [dos objetivos] dos planos individuais de ação, mas na **força**

**racionalmente motivadora de atos de entendimento, portanto, numa racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido comunicativamente** (HABERMAS, 1990, p. 72, grifo nosso).

#### ❖ **Imprevisibilidade da ação (Hanna Arendt) - circunstância**

No agir comunicativo proposto por Habermas (1990), reside aquilo que Hannah Arendt (2013) postulou como *caráter de imprevisibilidade da ação* – considerado pela autora uma de suas características fundantes.

A imprevisibilidade decorre diretamente da história que, como resultado da ação, se inicia e se estabelece assim que passa o instante fugaz do ato. O problema é que, seja qual for o caráter e o conteúdo da história subsequente (...) seu pleno significado pode se revelar apenas quando ela termina (ARENDDT, 2013, p. 240).

Portanto, se o agir comunicativo é negociado, não se pode saber, de antemão, qual será o resultado do diálogo, o produto da discussão.

#### ❖ **Cultura da Autonomia (Castells) - fator**

Castells (2013) observa, nos movimentos sociais recentes que estudou – a revolução na Tunísia, no Egito, a Primavera Árabe, o movimento dos Indignados na Espanha e o *Occupy Wall Street* –, o projeto fundamental de *transformar pessoas em sujeitos de suas próprias vidas* ao afirmar sua autonomia em relação às instituições da sociedade. A difusão dessa cultura é fundamental para a formação de uma ordem social em que as pessoas possam estar à frente da construção do espaço público.

#### ❖ **Autocomunicação de Massa (Castells) - circunstância**

Um dos elementos fundamentais para que a internet possa se configurar como um lugar de formação crítica é que nela se estabeleça aquilo que Castells (2013) denominou de autocomunicação – um modelo de comunicação que se baseia em redes horizontais de

comunicação interativa. "A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade" (CASTELLS, 2013, p. 11-12).

#### ❖ **Confluência *On-line/Off-line* (Castells) - circunstância**

Castells (2013) chama a atenção para o fato de que, embora se iniciem na internet, essas mobilizações tornam-se um movimento ao ocupar o espaço urbano. O autor estabelece que o espaço do movimento "é sempre feito de uma interação do espaço de fluxos da internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto" (CASTELLS, 2013, p. 160). Esse híbrido entre a cibernética e o espaço urbano constitui um terceiro espaço, na visão do autor, ao qual ele dá o nome de *espaço da autonomia*.

#### ❖ **Confiança, companheirismo - fator**

[...] a confiança é o que aglutina a sociedade, o mercado e as instituições. Sem a confiança nada funciona. Sem a confiança o contrato social se dissolve e as pessoas desaparecem, ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando pela sobrevivência. Entretanto, nas margens de um mundo que havia chegado ao limite de sua capacidade de propiciar aos seres humanos a faculdade de viver juntos e compartilhar sua vida com a natureza, mais uma vez os indivíduos realmente se uniram para encontrar novas formas de ser o nós, o povo (CASTELLS, 2013, p. 7).

Para Castells (2013), as redes horizontais e multimodais, tanto na internet como no espaço urbano, propiciam o surgimento do companheirismo<sup>26</sup> entre as pessoas – fator fundamental para a superação do medo e a descoberta da esperança.

Sobre essa coesão entre as pessoas, Habermas (1990) aborda a existência de um *mundo da vida compartilhado*, em que atores

---

<sup>26</sup> O autor esclarece que o companheirismo não é sinônimo de comunidade, pois esta implica em uma série de valores comuns.

participantes tentam definir cooperativamente os seus planos de ação, levando em conta uns aos outros, com base em interpretações comuns da situação.

❖ **Compartilhamento da emoção (Castells/ Martín-Barbero) - fator**

Entre as condições necessárias para que experiências individuais se encadeiem e formem um movimento, Castells (2013) elenca a existência de um processo de comunicação que propague os eventos e as emoções a eles associadas. "Quanto mais rápido e interativo for o processo de comunicação, maior será a probabilidade de formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propellido pelo entusiasmo e motivado pela esperança". (CASTELLS, 2013, p. 18).

Martín-Barbero (2006) destaca, entre as potencialidades da comunicação digital, a redução da cisão entre o conhecimento dito racional (em texto) e o de viés emocional (composto de elementos simbólicos) a partir da inclusão de elementos do audiovisual entre os conteúdos que propagam saber e comunicação na internet.

❖ **Espaço de Aparência/ Mediapolis (Silverstone) - circunstância**

Roger Silverstone (2007) chama a atenção para o fato de que qualquer reflexão sobre as estruturas social, política ou econômica de hoje deve levar em consideração a atual relação da sociedade com a mídia. A aparência mediada, a visibilidade do outro, o estrangeiro, a capacidade de diálogo e manifestação de discórdia, a presença de pontos de vista alternativos e da luta para uma audiência é o que constitui o caráter público do espaço público contemporâneo. Para o autor, os meios de comunicação são determinantes na constituição da ordem social, uma vez que fornecem um entendimento comum de realidade à população global.

❖ **Estrutura descentralizada - circunstância**

A coordenação e a deliberação dos movimentos podem acontecer a distância, sem liderança formal nem organização vertical, em um processo que conecta os participantes por seus objetivos e valores em comum. Quanto mais interativa e autoconfigurável for a

comunicação, menos hierárquica será a organização e mais participativo o movimento (CASTELLS, 2013).

❖ **Caráter processual da ação - fator**

Castells (2013) salienta a importância do reconhecimento do desenvolvimento da ação em si como algo até mesmo mais relevante que seus resultados. Para o autor, a democracia é o horizonte possível, mas é o processo de sua instauração que será transformador.



### CAPÍTULO III

#### Um estudo de caso do ativismo nas redes sociais

"Para ensinar há uma formalidadezinha – saber"  
Eça de Queiroz

Este trabalho insere-se no contexto investigativo da linha de pesquisa Educação e Comunicação, buscando maneiras de promover a formação crítica do sujeito – alguém capaz de viver como autor de sua história, e não como mero objeto da sua produção. Vislumbra-se, nos espaços de trocas comunicativas contemporâneos, a possibilidade de construção de um lugar para o estabelecimento do *agir comunicativo* (e não do estratégico) em esferas públicas da atualidade (HABERMAS, 1995).

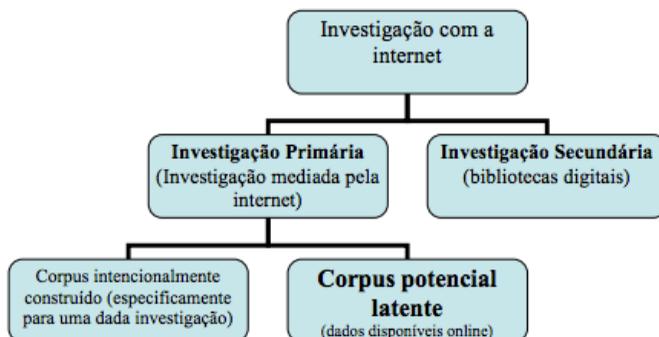
Busca-se os referenciais que se persegue em espaços educativos não formais porque se acredita que são neles que a atuação política vem voltando a mobilizar a sociedade. Destacou-se, anteriormente, que os movimentos sociais atuais têm surgido na hibridação rede/rua e que muito ainda se desconhece sobre esse aspecto no campo da educação. Destacou-se, também, algumas categorias analíticas provenientes do referencial teórico desta pesquisa como elementos que, segundo a teoria tradicional (a qual, conforme antes mencionado, precisa ser ressignificada), são elementos relevantes.

Tem-se, por foco, como anunciado na introdução deste trabalho, investigar um ambiente em que a ação política vem acontecendo para iluminar reflexões sobre a formação crítica de sujeitos pelo campo da Educação.

Esta pesquisa constrói-se no sentido de possibilitar a compreensão dos cada vez mais complexos processos de comunicação existentes no contexto social, que, se acredita, estão indelevelmente vinculados à educação porque oferecem espaços de formação, que independem de tempo e lugar predeterminados.

Esse tipo de estudo edifica-se a partir de elementos que advêm do que Neri de Souza e Almeida (2009) chamam de *corpus latente* da internet: dados que já estão publicados e que se construíram sem a interferência do pesquisador, produzidos de uma forma natural, por utilizadores comuns da internet. No diagrama a seguir, os autores demonstram as formas como as investigações realizadas com o apoio da internet podem acontecer.

Figura 1. Classificação de investigações com a internet.



Fonte: Neri de Souza; Almeida, 2009

As investigações primárias são aquelas que fazem uso da internet para investigações em um corpo dinâmico de pesquisa, ou seja, para observar conteúdos construídos coletivamente. Estes diferem-se por serem intencionalmente construídos (fóruns criados especificamente para a pesquisa, por exemplo) ou por serem *latentes*, já disponíveis *on-line* e edificados sem a participação do pesquisador, que inicia sua coleta e análise após a publicação das informações no espaço a ser observado.

Os dados vindos do *corpus latente* da internet têm grande potencial de investigação sobre temas educativos, sustentam Bartolomé Pina, Neri de Souza e Leão (2013). No entanto, esse aspecto não é ainda bem compreendido pelo campo, sustentam.

A pesquisa educacional não entendeu ainda plenamente a riqueza de informações e o desafio neste contexto. Precisamos de melhores modelos, técnicas e reflexão metodológica para construir uma epistemologia de dados de pesquisa na internet (BARTOLOMÉ PINA; NERI DE SOUZA; LEÃO, 2013, p. 303, tradução nossa)<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> “La investigación educativa no ha entendido todavía completamente la riqueza de información y el desafío que supone este contexto. Necesitamos de mejores modelos, técnicas y una reflexión metodológica que construya una epistemología de la investigación sobre datos contenidos en Internet”.

Os autores descrevem o *corpus latente* da internet como um lugar profícuo para a compreensão de assuntos de interesse do campo da educação, em um ambiente edificado de forma não intencionalizada pelos pesquisadores, mas, sim, pela população de interesse de estudo. Nota-se que a ênfase, nesse tipo de investigação, está na imersão em um espaço já consolidado para o conhecimento da realidade estruturada, considerada legítima para fornecer elementos que podem contribuir para as reflexões do campo.

Os autores mencionam, a título de exemplo, o potencial de espaços de interação social da *web* para investigações sobre hábitos linguísticos, ou, até mesmo, para a compreensão da imagem que jovens fazem de si mesmos ao publicar imagens na rede. Na presente pesquisa, enxerga-se, nos dados sobre uma ação política desenvolvida de forma híbrida (rede e rua), o potencial para investigações sobre formação crítica a partir da observação de fatores e circunstâncias previamente encontrados em arcabouço teórico.

Halavais (2012) descreve a internet como um presente aos cientistas sociais, isso por proporcionar a observação da sociedade em larga escala. No entanto, pontua, tal presente veio com uma obrigação: a de criar formas de lidar com o excesso de dados. Assim, conclui, o desafio está em desenvolver um "macroscópio", instrumentos para a observação desse ambiente de enorme complexidade. É com esse propósito que este trabalho foi desenvolvido: no sentido de proporcionar uma abordagem para o conhecimento da ação política que se desenvolve entre a internet e a rua, com o intuito de oferecer elementos para reflexões sobre seu potencial educativo.

Foi constante, durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa, o questionamento sobre o vínculo que se pretendia construir entre a investigação da ação política que se dá em uma conjuntura emergente de comunicação e a educação. A metáfora frequentemente utilizada era a da "ponte" que se fazia necessário edificar entre essas duas áreas de conhecimento.

Sem que se detivesse a resposta de antemão, continuou-se a pesquisa vislumbrando, de forma cada vez mais clara, que não se tratava de criar uma estratégia para unir dois universos distintos, mas, sim, de construir e fundamentar o entendimento a respeito da legitimidade da investigação da ação política desenvolvida nas redes sociais para o campo da educação.

Por essa razão, deu-se a inserção, no início deste capítulo, da epígrafe de Eça de Queiroz: "Para ensinar há uma formalidadezinha –

saber”. Ou seja, compreende-se que faz parte do processo de apropriação crítica das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação a realização de esforços consistentes para conhecê-las tal qual são utilizadas naturalmente pelos usuários. Concorde-se com Bartolomé Pina, Neri de Souza e Leão (2013), que sinalizam que o campo da educação ainda necessita compreender o potencial desse *corpus latente* e experimentar formas de aproximação deste para que as contribuições extraídas desse tipo de pesquisa possam resultar na apropriação crítica das TDIC pela educação. Nos termos dos autores, entende-se que se desenvolve, aqui, uma investigação educacional realizada a partir do *corpus latente* da internet.

Ampara-se, também, sobre o entendimento de Nóvoa (2014), que, como mencionado anteriormente (Capítulo I - *Por que falar de formação crítica?*), propõe que o atual contexto –hoje decorrente da interação *on-line* e *off-line* – se constitui em um espaço público que é educador, e, portanto, um lugar de formação do sujeito.

Entende-se que há um contrassenso em não compreender os atuais espaços midiáticos em seu papel educador na cultura digital (LAPA; COELHO; SCHWERTL, 2015), perspectiva anunciada por Bartolomé (2011) de que a *web* e a escola estão inevitavelmente imbricadas no contexto atual do aluno.

Cabe ressaltar, ainda, que quando se refere à apropriação crítica das atuais formas e tecnologias de comunicação, tem-se em mente o alerta feito por Pretto durante a realização do evento Edutec, na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 2011, de que o processo de introdução das TDIC na educação acontece com uma "exagerada pedagogização das tecnologias" (PRETTO, 2011b). Isto é, o autor critica a inversão de perspectiva: ao invés de considerar os artefatos tecnológicos tais como são produzidos, como artefatos culturais que são, opera-se na educação uma excessiva ênfase de “adequação” destes à escolarização. Em sua fala no evento, disponível em vídeo na plataforma Youtube<sup>28</sup>, o autor enfatiza que livros acrescidos de pedagogia se tornaram livros didáticos; criou-se formatos para a exibição de aulas na televisão; os portais educativos passaram a orientar o caminho dos professores na internet; e, para que as crianças não usem o computador livremente, embarca-se pedagogia nos computadores a serem utilizados com fins educacionais.

Assim, estabelece-se, como objetivo desta pesquisa, a

---

<sup>28</sup> Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=myGU0IMtLEU>. Último acesso em 28 de agosto de 2015).

aproximação do campo da educação com a internet, não para a construção de diretrizes que sinalizem formas de “pedagogizar” o uso que professores fazem das TDIC em sala de aula, mas para aumentar o conhecimento de educadores acerca desse novo contexto, que é, sim, um espaço público educador. O resultado deste trabalho deve munir o campo educacional de informações sobre a *web*, mas, principalmente, acerca de como ela é um espaço da cultura digital que está na vida cotidiana das pessoas – e, inclusive, como ela participa (ou pode vir a participar) da formação crítica de sujeitos para a ação política na cidade.

Face ao exposto, foram eleitos, para esta pesquisa, os seguintes objetivos específicos:

- elencar, a partir da teoria, fatores e circunstâncias relevantes para a formação crítica de sujeitos para e na ação política em espaços públicos de interação social;
- conhecer a dinâmica dos novos movimentos sociais e sua articulação na internet;
- desenvolver métodos de investigação qualitativa na *web* para a identificação de fatores e circunstâncias relevantes para a formação crítica em redes sociais;
- observar a ocorrência dos fatores e circunstâncias (variáveis mistas – predeterminadas e oriundas do *corpus* de dados), na ação política de um movimento social articulado em rede; e
- conhecer e identificar/destacar elementos relevantes para a formação crítica de sujeitos nas redes sociais da *web*.

### 3.1 Metodologia

De acordo com o entendimento de Gil (2002), será realizada uma pesquisa de objetivo exploratório, que se constituirá por meio de um estudo de caso. As pesquisas exploratórias, descreve:

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002, p. 41).

O autor também ressalta que as pesquisas exploratórias possibilitam a consideração dos mais variáveis aspectos relativos ao fato estudado.

Os estudos de caso, por sua vez, consistem no estudo exaustivo e profundo de um ou poucos objetos. A modalidade, salienta Gil (2002),

tem configurado-se como delineamento mais adequado para a investigação de fenômenos contemporâneos, dentro de seus contextos reais, "[...] onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos" (YIN, 2001 apud GIL, 2002, p. 54).

Optou-se por uma abordagem qualitativa, uma vez não interessa identificar padrões, e, sim, as brechas de possibilidade. Esse intento é, em si, um desafio de pesquisa, pois intenciona-se conciliar o tratamento (geralmente quantitativo) de grande quantidade de dados com a percepção qualitativa dos atores que interferiram no processo a ser investigado.

### **Etapas da realização da pesquisa:**

1. revisão da literatura, com vistas a uma inclusão no debate do campo e uma atualização das teorias que orientam estudos sobre o tema, como novos movimentos sociais, direito à cidade, ativismo e ação política contemporânea, sujeito (apresentada anteriormente);
2. pesquisa de perspectivas teóricas e metodologias de investigação qualitativa na *web* (métodos e instrumentos);
3. definição de critérios de seleção;
4. seleção do caso;
5. delimitação do objeto empírico;
6. desenho da pesquisa; e
7. análise qualitativa de dados.

#### **3.1.1 Pesquisa de perspectivas teóricas e metodologias de investigação qualitativa na *web* (métodos e instrumentos)**

A perspectiva de abordagem da internet como lugar de pesquisa desta pesquisa dá-se a partir de seu entendimento como um *artefato cultural*, e não como uma *cultura* (HINE, 2000 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). Sob essa abordagem, observa-se a inserção da tecnologia na vida cotidiana, que leva em conta a integração dos âmbitos *on-line* e *off-line*. A rede é entendida como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte. Parte-se do princípio de que a internet é passível de apropriações.

Sobre as metodologias de pesquisa na internet, as autoras recomendam que cada pesquisa seja adaptada de acordo com seu problema e seus objetivos:

Procuramos destacar sempre que não existem fórmulas prontas para fazer pesquisa. Cada problema, cada método, cada amostragem e tratamento dos dados deve ser encarado como uma construção única, que pode servir de ensinamento e inspiração, mas nunca como um receituário ponto a ser seguido (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 19).

A intenção de pesquisar dados preexistentes na internet coloca o pesquisador diante de um contexto singular, uma vez que o campo emergente de estudos baseados na internet ainda não está estabelecido e a aplicação direta de metodologias tradicionais, normalmente, não logra sucesso (SOUZA; ALMEIDA, 2009). "Pode-se dizer que se trata de um modelo de investigação de traços, cursos ou restos deixados pelos usuários da internet" (BARTOLOMÉ PINA; NERI DE SOUZA; LEÃO, 2013, p. 301).

Nesta pesquisa, como referido anteriormente, optou-se por fazer uma análise de dados vindos de redes sociais. Após a busca por algumas soluções para esse tipo de investigação, inclusive nas abordagens etnográficas, encontrou-se a metodologia desenvolvida pelo Labic/UFES. O Laboratório vem realizando grandes contribuições às análises das redes sociais a partir do uso de sociogramas (representações gráficas de uma rede) associados a soluções tecno-metodológicas especialmente desenvolvidas pelos membros do grupo para a análise de aspectos específicos dos dados.

Pelo método criado no Labic, as informações são extraídas das redes sociais e organizadas em planilhas eletrônicas, de acordo com critérios estabelecidos pelo grupo, como por data, relevância dos conteúdos e dos autores, palavras e *hashtags* mais recorrentes, entre outros. Filtradas, as informações podem ser analisadas de forma a atender aos objetivos de pesquisas e visualizadas no *software* francês Gephi – uma plataforma *open source* para a manipulação de dados a partir de métricas da Teoria dos Grafos<sup>29</sup> (esse instrumento será descrito com mais profundidade no item *Desenho de Pesquisa*). Amplamente utilizado para o estudo de redes de relações entre indivíduos e conteúdos

---

<sup>29</sup> Ramo da matemática que estuda a relação entre objetos de um determinado conjunto.

publicados e republicados por eles, o Gephi vem configurando-se como uma ferramenta de destaque nos estudos realizados do campo da cultura digital.

Já os grafos são redes expressas matematicamente, formadas por um conjunto de pontos (nós) conectados por linhas (arestas), as quais expressam a relação entre os nós. Em grafos gerados a partir de redes sociais, os nós representam os atores, enquanto que as arestas indicam a relação entre eles (CANCIAN; FALCÃO; MALINI, 2013; FREITAS, 2010). Quando muitos nós estão conectados, forma-se um *cluster*.

O método desenvolvido pelo Labic/UFES, chamado de Método Perspectivista de Análise de Redes, foi usado pelos pesquisadores do Laboratório para a análise da *hashtag* #Vemprarua, amplamente utilizada durante os protestos de junho de 2013, entre 15 de junho daquele ano e 17 de maio de 2014. O estudo permitiu a identificação de sete perspectivas diferentes de uso da *hashtag*: 1) a dos ativistas, 2) a dos *hackers*, 3) a da mídia, 4) a do humor, 5) a dos direitos humanos, 6) a dos clickativistas, e 7) a dos fãs. Assim, foi demonstrado que as redes no Twitter não são um corpo único, mas partes que coexistem (MALINI et al., 2015b) e revelam as disputas que constituem o debate do espaço público.

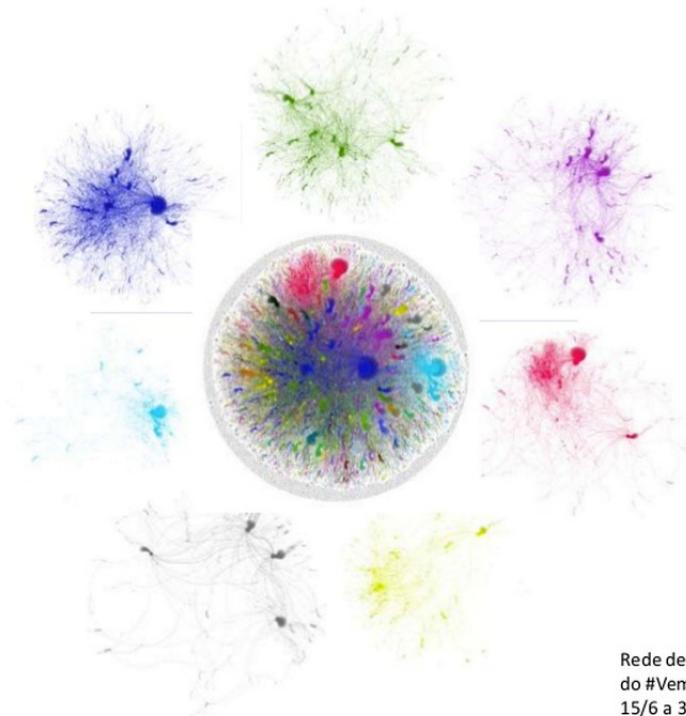
A identificação desses *clusters* dá-se pela análise da rede de *retweets* (republicações) de uma mensagem pelos seus usuários, o que indica a formação de grupos que propagam um tipo de mensagem. A análise posterior dos usuários que originam os textos republicados e das palavras mais recorrentes nas mensagens que foram republicadas na rede permitem a identificação das diferentes perspectivas a respeito de uma *hashtag*.

A título de exemplo, as figuras a seguir exibem um grafo gerado a partir da rede de *retweets* com a *hashtag* #Vemprarua, no período analisado pelo Labic, e uma *word cloud* (nuvem de palavras)<sup>30</sup> associada ao *cluster* ativista.

---

<sup>30</sup> Interface gráfica que exibe palavras em diferentes tamanhos, em função do número de vezes em que estão presentes em um texto (quanto mais utilizadas, aparecem em maior tamanho). São geradas em *sites* que oferecem essa aplicação na internet, como Wordle e Tagxedo, entre outros.

**Figura 2. Grafo da rede de *retweets* da *hashtag* #VemPrarua entre 15 de junho e 30 de outubro de 2013.**



**Fonte: Labic/UFES; Conferência Twitter For Research - Lyon, França, abril de 2015.**

**Figura 3. Wordcloud das mensagens retweetadas pelo cluster ativista da hashtag #Vempruarua.**



**Fonte: Apresentação elaborada pelo Labic/UFES - Conferência Twitter For Research - Lyon, França, abril de 2015.**

É importante salientar que, embora seja um tratamento automatizado e quantitativo, os grafos resultantes permitem uma análise qualitativa, que comumente tem sido chamada de cartografia das emoções das redes sociais.

A partir do método criado pelo Labic, acrescentou-se algumas etapas de procedimento de pesquisa para a realização do presente estudo, uma vez que o objetivo demandava a análise dos conteúdos e não apenas das relações expressas nas redes. A criação dessas novas etapas deu-se em uma visita técnica à Universidade Federal do Espírito Santo, em novembro de 2014, na qual, com o apoio de membros do Labic, foram desenvolvidos os procedimentos que serão descritos a seguir.

### **3.1.2 Observação inicial e identificação de casos de coletivos ativistas no Brasil**

Antes de dar início ao desenho de presente pesquisa (por volta do mês de abril de 2014), buscou-se compreender se a ação política dos

movimentos sociais organizados na internet continuava ativa após o arrefecimento das ondas constantes de manifestações populares no país (que estavam para ser retomadas, sem que ainda se soubesse, em função da proximidade da realização da Copa do Mundo, que gerou inúmeras mobilizações). O objetivo, nesta etapa, era identificar os casos de coletivos ativistas no Brasil e, através da observação inicial, reconhecer possíveis critérios de seleção de alguns casos a serem estudados.

Para isso, foi feito um levantamento das postagens publicadas na página no Facebook<sup>31</sup> do grupo ativista Mídia Ninja – que se propõe a narrar, de forma alternativa à grande mídia, a atuação de movimentos de militância no país – entre os dias 1 e 20 de maio. Esse movimento foi escolhido em função do papel de destaque que teve durante os protestos realizados em 2013<sup>32</sup>. Fortemente vinculada aos movimentos sociais que se manifestaram no ano, compreendeu-se a Mídia Ninja como uma espécie de curador dos atos e das manifestações realizados sob a perspectiva das redes que encabeçaram a articulação dos protestos no país.

No período analisado, a Mídia Ninja publicou, em sua página, 108 mensagens (desconsideradas as respostas e os comentários) referentes a protestos, manifestações, seminários e outras atividades desenvolvidas por movimentos sociais em oito estados brasileiros (SP, RJ, MG, PA, PR, MA, DF e TO), além de eventos multilocalizados ou fora do país (Alemanha e Canadá).

Localizou-se, também, uma variedade de pautas abordadas, as quais foram sistematizadas em macrocategorias para traçar um panorama da agenda de reivindicações dos movimentos contra-hegemônicos atuantes no país. Assim, foram obtidos indícios de que a cena ativista articulada na internet continuava ativa e que havia um legado político das manifestações realizadas no ano anterior. Na tabela a

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA?fref=ts>>. Acesso em: 11 out. 2014.

<sup>32</sup> Levantamento publicado no *site* do Labic/UFES listou as dez páginas que se dedicaram à cobertura alternativa dos protestos no Facebook que foram mais referenciadas entre os usuários. A Mídia Ninja ocupou a primeira colocação, seguida pela página do grupo hackerativista Anonymous Brasil e Anonymous Rio. Disponível em: <<http://www.labic.net/grafico/a-nova-grande-midia-a-ecologia-midialivrista-brasileira-no-facebook/>>. Acesso em: 11 out. 2014.

seguir, constam as temáticas abordadas relacionadas em ordem alfabética<sup>33</sup>.

**Tabela 1. Sistematização das temáticas abordadas pela cobertura da Mídia Ninja entre 01 e 20 de maio de 2013.**

Atos unificados em comemoração ao '15 de maio' (terceiro aniversário do início das manifestações na Espanha)
Causas trabalhistas
Copa do mundo
Direito à Moradia
Eleições 2014
Legalização da maconha
Lutas feministas
Lutas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis)
Manifestações populares
Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil
Meio ambiente
Mídia corporativa
Ocupação espaço público
Questão indígena
Questões territoriais/fundiárias
Regulação/ Relação com o Estado
Saúde Pública
Violência Policial

**Fonte: a autora, 2015**

---

<sup>33</sup> Entende-se que a sistematização por número de *posts* por temática poderia sugerir um *ranking* que não deveria ser traçado sem uma análise mais profunda, que incluísse a consideração da interação dos usuários com as postagens.

### 3.1.3 Definição de critérios de seleção

A pesquisa iniciou-se pela seleção de pautas de destaque (listadas anteriormente) entre os movimentos sociais articulados na internet ao longo do primeiro semestre do ano de 2014, sobre as quais se tentou identificar:

- *hashtags* (palavras-chave) associadas;
- período de duração do debate;
- principais agentes iniciadores;
- objetivos e ações;
- nível de envolvimento;
- nível de representatividade popular;
- escala territorial envolvida;
- presença de atividades *on-line*;
- tipos de plataformas utilizadas;
- tipo de acesso;
- tipo de controle;
- realização de eventos presenciais e virtuais; e
- presença de cobertura da mídia corporativa no caso.

Foram selecionados, para a análise, os acontecimentos a seguir.

- **Greve dos Garis/ RJ**

A greve teve início no primeiro dia do carnaval de 2014. Centenas de garis do Rio de Janeiro interromperam suas atividades para reivindicar o salário base de R\$ 1.200,00, com 40% de adicional de insalubridade. O movimento foi vitorioso e inspirou a realização de greves entre garis de outras cidades, como Belo Horizonte.

- **Marco Civil da Internet**

O Marco Civil da internet, que é, oficialmente, a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, regula o uso da internet no Brasil por meio da previsão de princípios, garantias, direitos e deveres para quem usa a rede, bem como determina as diretrizes para a atuação e a intervenção do Estado. Foi alvo de intensa disputa por parte de ativistas pela liberdade e neutralidade na rede e por empresas de telecomunicações. Foi aprovado com boa parte das reivindicações da sociedade civil.

- **Lutas contra a homofobia**

No ano de 2013, segundo o levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB), foram contabilizados 312 assassinatos, mortes e suicídios de gays, travestis, lésbicas e transexuais brasileiros vítimas de transfobia e homofobia – uma morte a cada 28 horas, em média. Essa realidade tem mobilizado a comunidade LGBT do Brasil, que tem forte atuação em redes sociais. Após o lançamento do filme brasileiro “A Praia do Futuro”, o tema homofobia ganhou ainda mais destaque entre os usuários da internet. Nos primeiros dias de exibição do filme nos cinemas, muitas pessoas indignaram-se e compartilharam a foto de ingressos com o carimbo "avisado", que queria dizer que o espectador havia sido alertado de que o filme exibia cenas de romance homossexual e, portanto, não poderia solicitar a devolução do dinheiro do ingresso em função disso. A manifestação de repúdio, iniciada na internet, a essa postura discriminatória, ganhou as ruas, com a realização de protestos presenciais em São Paulo e Curitiba, segundo apurado em reportagens publicadas à época.

- **Lutas pelo fim da violência contra as mulheres - #Eunãomereçoserestuprada**

Após a divulgação de pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em dia 27 de março, que apontou que 65,1% dos brasileiros concordavam com a frase “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”, muitas mulheres, anônimas e famosas, uniram-se na internet com a intenção de mudar a percepção do público sobre o assunto. Em uma das campanhas com maior adesão, as usuárias postavam fotos com o tronco nu, em que cobriam os seios com um cartaz no qual se lia #Eunãomereçoserestuprada. Alguns dias depois, a imprensa divulgou que houve um erro no resultado da pesquisa, que teria, como porcentagem correta, 26% dos respondentes. Ainda assim, o número foi considerado expressivo e a campanha e os debates, embora tenham perdido força, continuaram. A criadora do movimento foi chamada a debater no Senado.

A tentativa de análise dessas temáticas mostrou que elas, normalmente, eram conduzidas por grupos já mobilizados que, em empatia com a causa, se uniam momentaneamente. Assim, configuravam-se como fenômenos demasiado pontuais para serem analisados a respeito do objeto de interesse desta pesquisa, que é a

formação crítica de sujeitos. Por isso, optou-se pela pesquisa da ação política deflagrada por iniciativa de um movimento articulador central.

### 3.1.4 Seleção do caso

Esperava-se localizar, na observação inicial das temáticas mobilizadoras listadas anteriormente, os critérios almejados para a pesquisa. Começou-se a apontar alguns (nível de participação, relação rede/rua; uso de TDIC, entre outros), que acabaram por demandar que se fizesse um levantamento prévio dos grupos mais atuantes no Brasil no período escolhido para a análise.

Tal pesquisa, porém, mostrou-se inviável, como apontado anteriormente, pois cada grupo participante da mobilização de uma temática articula-se de maneira orgânica e rizossômica, sem que se possa isolá-los para a compreensão dos elementos deflagradores da ação.

Compreende-se que essa observação inicial na qual se pretendia consolidar um panorama dos movimentos sociais no Brasil era, em si, uma investigação de proporções que inviabilizavam os trabalhos, isso porque ter-se-ia que coletar e analisar distintos conjuntos de dados (*datasets*). Tal constatação não permitiu a investigação inicial nessa profundidade, e, então, optou-se pela indicação de especialista como alternativa.

A seleção do Movimento Passe Livre foi sugerida pelo Prof. Dr. Fabio Malini, coordenador do Labic/UFES, instituição que vem liderando os estudos sobre metodologias para a análise de redes sociais virtuais no país. Sua indicação especializada deu-se a partir da pré-análise de *datasets* coletados desde janeiro de 2013, por meio dos quais tem acompanhado o movimento social nas redes sociais a partir do tratamento de dados que o Labic tem feito no Twitter e no Facebook. O professor observou e destacou algumas características relevantes em relação ao Movimento Passe Livre, as quais indicou para a presente pesquisa:

- a maturidade do grupo, que tem mais de dez anos de atuação;
- a sua derivação em movimentos por todo país e o fato de se organizar em rede;
- o direito à cidade como tema preferencial; e
- a forte atuação tanto em redes virtuais quanto no espaço físico.

Embora as manifestações ocorridas em junho de 2013 sejam recentes demais para que possam ser elaboradas de forma satisfatória em teoria, já é possível identificar a agência do Movimento Passe Livre no processo que as colocou em curso (apontada, inclusive, por diversos autores que se dispuseram a analisar o evento). Em seu *site*, o MPL apresenta-se como "um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada" (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2014).

Em consonância com outros movimentos internacionais que vêm se articulando em redes sociais virtuais, o MPL compreende-se como um grupo que luta por uma nova ordem de configuração do espaço público.

O MPL não tem fim em si mesmo, deve ser um meio para a construção de uma outra sociedade. Da mesma forma, a luta pela Tarifa Zero não tem um fim em si mesma. Ela é o instrumento inicial de debate sobre a transformação da atual concepção de transporte coletivo urbano, rechaçando a concepção mercadológica de transporte e abrindo a luta por um transporte público, gratuito e de qualidade, como direito para o conjunto da sociedade; por um transporte coletivo fora da iniciativa privada, sob controle público (dos trabalhadores e usuários) (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2014).

Trata-se de um coletivo que atua nas redes virtuais e nas ruas, em ações que propõem a transformação das formas de funcionamento da sociedade. Assim, vão ao encontro do entendimento que esta pesquisa busca de *sujeitos* que praticam a *ação política* a partir do novo *contexto comunicativo* que vem reconfigurando o espaço público.

É importante salientar que este trabalho não se propõe a descrever os movimentos sociais com base de atuação na internet; tampouco a avaliar a atuação do MPL. Não se tem a pretensão, aqui, de tecer contribuições ao campo dos estudos dos movimentos sociais, que, como se sabe, tem longa trajetória e assenta-se sobre bases teóricas que levam em consideração fenômenos sociais e históricos cuja complexidade não poderia ser correspondida neste trabalho. A intenção é estudar esse caso como indicador de um grupo ativista desencadeador de ação política, e, portanto, espaço potencial de formação de sujeitos. Recordar-se que se busca, nesses espaços, fatores e circunstâncias

relevantes para que tal formação crítica aconteça, com vistas a trazer essa contribuição para o campo da educação.

O Passe Livre não é um movimento baseado na internet em sua origem. A atuação do grupo começou de forma descentralizada em diversos pontos do país e foi unificada em um movimento nacional durante a edição de 2005 do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (RS). Antes disso, a campanha pelo transporte público gratuito já existia com bastante expressividade em Florianópolis (SC), palco da "Revolta da Catraca", que barrou aumentos na tarifa de ônibus nos anos de 2004 e 2005, e em Salvador (BA), palco da "Revolta do Buzú", em 2003.

Hoje, o MPL opera por meio de um pacto federativo: os núcleos de atuação local trabalham de forma autônoma, a partir de princípios acolhidos pela instância nacional no movimento. Em nível federal, o MPL é formado por representantes dos movimentos das cidades, organizados em Grupos de Trabalho que têm de um a três participantes.

O movimento faz questão de afirmar-se como entidade política apartidária, que tem, na causa da mobilidade urbana, uma reivindicação maior, de revisão da ordem social, de forma a reduzir a submissão das pessoas à lógica do capital financeiro. Cinco princípios norteiam a atuação do grupo: autonomia, independência, horizontalidade, apartidarismo e federalismo. A seguir, é transcrito o entendimento do coletivo sobre cada um deles, conforme publicado em seu *site*:

- **Autonomia:** A autonomia é o mesmo que auto-gestão. Significa que todos os recursos financeiros do movimento devem ser administrados, criados e geridos pelo movimento. Aqui, não vale depender de doações de empresas, ONGs, partidos políticos e outras organizações.
- **Independência:** A independência é uma das consequências da autonomia. Os coletivos do MPL são independentes entre si, em suas ações locais, desde que respeitem os princípios organizativos nacionais. O MPL também age independentemente de partidos políticos, ONGs, governos, ideologias e de unidades teóricas. O MPL depende apenas das pessoas que o constituem.
- **Horizontalidade:** Todas as pessoas envolvidas no MPL devem possuir o mesmo poder de decisão, o mesmo direito à voz e a liderança nata. Pode-se dizer que um

movimento horizontal é um movimento onde somos líderes ao mesmo tempo, ou que não haja liderança. Portanto, temos os mesmos direitos e deveres, sem cargos instituídos e livre acesso às informações do movimento. Assim como as responsabilidades por tarefas específicas devem ser rotatórias, para que seja possível, ao mesmo tempo, aprender as mais variadas necessidades que o movimento demanda e que não centralize nenhuma função na mão de ninguém.

- **Apartidarismo, mas não antipartidário:** Os partidos políticos oficiais e não-oficiais [sic], enquanto organização, não participam do Movimento Passe Livre. Entretanto, pessoas de partidos, enquanto indivíduos, podem participar desde que aceitem os princípios e objetivos do MPL, sem utilizá-lo como fator de projeção política. O MPL não deve apoiar candidatos a cargos eletivos, mesmo que o candidato em questão participe do movimento.
- **Federalismo:** O MPL é um movimento nacional que se organiza através de um Pacto Federativo, que consiste na adoção dos princípios de independência, apartidarismo, horizontalidade, decisões por consenso e federalismo. Isso confere autonomia a cada coletivo local, desde que estes respeitem os princípios do Movimento Nacional. Os coletivos devem ainda estabelecer uma rede de contatos inter-coletivos, tentando ao máximo se aproximar uns dos outros, tornando real o apoio mútuo entre coletivos, o que garantirá organicidade ao Pacto Federativo do MPL (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2014).

Scherer-Warren (2014), com base em Saraiva (2010) e Cassoli (2010), entende que o MPL é um movimento que tem por foco mudanças sistêmicas que objetivam a transformação nos modos de vida e na participação política, com autonomia, apartidarismo, horizontalidade e ações diretas, mas que também tem metas de curto prazo, como a redução de preço de passagens; é influenciado por movimentos sociais, neoanarquistas, neozapatistas, lutas

alterglobalização e anticapitalismo; e que dialoga e se articula com a Esquerda institucional (alguns partidos, sindicatos e ONGs), a Esquerda social (movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e com militantes e ativistas autônomos.

A autora chama a atenção para a valorização do movimento em relação a seus modos de organização por meio de articulações discursivas, ou seja, o entendimento do MPL de que seu modo de agir deve refletir a sociedade que se quer construir.

### 3.1.5 Delimitação do objeto empírico

A partir de parceria estabelecida com o Labic/UFES, foram obtidos três *datasets*<sup>34</sup> com 38 mil *tweets* coletados a partir das palavras-chave #contratarifa, tarifazero, tarifa zero, passe livre, #passelivre, MPL, manifestação, consolação e protesto, publicados entre os dias 8 e 10 de janeiro de 2015; 24 e 1 de janeiro de 2015; e 31 de janeiro e 7 de fevereiro de 2015. O conjunto permite o estudo dos desdobramentos da ação política deflagrada pelo movimento na rede social Twitter em, pelo menos, quatro dos sete grandes atos públicos organizados pelo movimento na cidade de São Paulo no período: os atos de 9, 27 e 29 de janeiro e o de 6 de fevereiro.

Esses quatro eventos foram marcados por peculiaridades bastante representativas, que permitiram a observação de diferentes nuances associadas aos atos de 2015: a violência policial (9 e 27 de janeiro), a discussão política (29 de janeiro, quando se questionou o favorecimento do MPL ao governador Geraldo Alckmin) e abordagem irreverente e criativa do movimento (6 de fevereiro, dia em que o MPL promoveu o casamento simbólico entre o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, e as empresas de transporte da cidade).

A parceria com o Labic/UFES foi fundamental para a obtenção dessas informações, uma vez que os aplicativos de captura de dados de interação entre os usuários do Twitter (Flocker, NodeXL, Topsy e

---

<sup>34</sup> Conjuntos de dados divididos em planilhas com: todos os *tweets* capturados a partir das palavras-chave pré-selecionadas; a quantidade de *tweets* publicados por data; as *hashtags* utilizadas nas postagens; a localização das postagens; os *tweets* com respostas e menções a outros usuários; a seleção de principais *hashtags* utilizadas; a seleção dos *tweets* que ganharam mais relevância; as palavras mais recorrentes no *dataset*; as URLs mais compartilhadas; atividade dos usuários; usuários por data; palavras por período.

YoutwapperKeeper) permitem que a coleta seja feita somente até sete dias depois das postagens.

Assim, a partir dos dados, buscou-se observar a ocorrência da *Pluralidade* e do *Agir Comunicativo*, fatores (seção 2.5), identificados na etapa de revisão de literatura, entre as trocas comunicativas registradas no *dataset*. A pesquisa desenvolvida a partir desses dados será descrita a seguir.

### 3.1.6 Desenho da pesquisa

Para a realização desta pesquisa, foram realizados os procedimentos descritos a seguir:

- Seleção de caso (apresentado no item 3.1.4);
- Coleta de dados:

Aplicativos disponíveis na internet, especificamente desenvolvidos para este fim (Ex.: Topsy e Flocker, para captura de informações publicadas na rede social Twitter), armazenam, em um banco de dados, todos os *posts* publicados na rede social com as palavras previamente determinadas para captura. Os dados gerados são, então, reunidos em uma planilha que consolida o texto dos *tweets*, o perfil do autor, a data e a hora da publicação.

- Tratamento de Dados:
  - Mineração por categorias analíticas 01: Espaços de Possibilidade (Circunstâncias)

De posse da planilha que reúne todos os *posts* do *dataset*, realiza-se a leitura manual de uma amostra de cerca de um terço dos *posts* coletados, distribuídos no início, no meio e no fim do período pesquisado. Nesse momento, busca-se encontrar palavras e termos relacionados às categorias analíticas pré-selecionadas para a pesquisa, com a intenção de compor uma ferramenta automatizada de separação das postagens do *dataset* em função de tais categorias. Ou seja, o produto dessa etapa é a criação de uma biblioteca de termos e palavras relacionados às categorias analíticas subtipo 01 de *espaços de possibilidade*, assim chamadas pois acredita-se que é nelas que se poderá observar os processos que se almeja nesta pesquisa. Durante o processo de leitura, novas categorias analíticas podem ser incluídas na análise, em razão do conteúdo observado.

- Mineração por categorias analíticas 02: Processos Relevantes

Nesta fase, determina-se e conceitua-se, teoricamente, quais são os fatores/processos relevantes a serem estudados na pesquisa para, em

seguida, proceder-se com o estabelecimento de indicadores, métricas e amostras que serão utilizados para a observação.

O objetivo dessa etapa é verificar se os processos elencados para a pesquisa ocorreram ou não no conjunto de *tweets* estudado.

A pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto **Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento** ainda vai desenvolver outras duas etapas:

- Análise de conteúdo

A partir dos *posts* selecionados na etapa anterior, busca-se o rastro de interações vinculadas a essas publicações, por meio de *script* computadorizado desenvolvido no âmbito desta pesquisa. *Posts* potenciais seriam as mensagens que apontam um diálogo não hierárquico, com negociação de pontos de vista diferentes. Isto é, a partir do fragmento do *post* selecionado, persegue-se os outros *posts* gerados a partir dele, seja como menção, *retweet* ou resposta. O produto dessa etapa é um arquivo com todas as mensagens e a sequência de todos os diálogos gerados pelos *posts* selecionados, separados por categoria de *processos relevantes*.

Após todo o processo descrito, a quantidade de mensagens resultante permite a análise qualitativa das postagens, com uma significativa redução do número de *posts* remanescentes para a pesquisa. Nessa etapa, pode-se valer de *softwares* como AQUAD, ATLAS.ti, Nvivo, Textbase Alpha e WebQDA com o objetivo de compreensão do que motivou a ocorrência dos processos relevantes (identificados na etapa Mineração por Categorias Analíticas 02: Processos relevantes) por meio da troca comunicativa observada nos *tweets* selecionados.

- Entrevistas

Com a identificação de sujeitos-chave nas etapas anteriores da pesquisa, seleciona-se sujeitos para a condução de entrevistas abertas e semiestruturadas, com o objetivo de abordar diretamente, com os usuários, as questões que não puderam ser respondidas apenas com a observação das mensagens.

### 3.2 Categorias e procedimentos aplicados a esta pesquisa

A partir do substrato teórico sistematizado ao fim do capítulo II, na forma de *fatores* e *circunstâncias* (seção 2.5) necessários para o desenvolvimento da ação política e da formação crítica de sujeitos no contexto da Web 2.0, apresenta-se, a seguir, as categorias analíticas, os

conceitos, os indicadores, as questões, as métricas e os procedimentos que serão aplicados em cada uma das etapas desta pesquisa.

### **3.2.1 Mineração por Espaços de Possibilidade**

A fundamentação teórica deste trabalho estabelece que os processos de ação política contemporânea se desenvolvem, entre outras circunstâncias, a partir do diálogo sobre assuntos polêmicos que geram indignação e emoção coletiva; da integração social em torno dessas questões; e do espaço híbrido formado pela confluência das esferas *on-line/off-line* no cotidiano. Esses três marcos representam, então, as categorias analíticas, apresentadas conceitualmente na sequência.

**Tabela 2. Sistematização de conceitos, indicadores e métricas para a análise de Espaços de Possibilidade**

<b>Categoria: Diálogo</b>			
<b>Circunstâncias de referência</b>	<b>Conceito</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Autocomunicação de massa</li> <li>• Espaço de aparência</li> </ul>	Baseada em redes horizontais e multimodais de comunicação. Processos de mensagens de muitos para muitos, com receptores múltiplos e incontáveis redes e grupos de disseminação ao redor do mundo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Troca de ideias</li> <li>• Ausência de lideranças</li> <li>• Múltiplos autores</li> <li>• Exposição de ideias</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso de ponto de interrogação</li> <li>• Palavras que expressam opinião (Ex.: a favor, contra; apoio)</li> <li>• Palavras que expressam exposição pessoal (Ex.: penso, acredito, afirmo)</li> </ul>
<b>Categoria: Integração Social</b>			
<b>Circunstâncias de referência</b>	<b>Conceito</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confiança;</li> <li>• Companheirismo ;</li> <li>• Compartilhamento da emoção;</li> <li>• Estrutura descentralizada</li> </ul>	Mundo comum, de construção comunitária, em que participantes são atores que tentam definir planos em conjunto, levando um ao outro em consideração, com base em interpretações de mundo compartilhadas. Existência de um	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Grupo</li> <li>• Apoio</li> <li>• Coesão</li> <li>• Solidariedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso de primeira pessoa do plural (nós, somos)</li> <li>• Palavras que indicam representatividade do grupo (Ex.: pula catraca, vem junto)</li> </ul>

	processo comunicacional que dissemina eventos e emoções. Emergência de uma ação política a partir da indignação, propagada pelo entusiasmo e motivada pela esperança.		<ul style="list-style-type: none"> <li>Palavras que indicam formação de comunidade (Ex.: coletivo, amigos, voluntários)</li> </ul>
<b>Categoria: Confluência <i>on-line/off-line</i></b>			
<b>Circunstâncias de referência</b>	<b>Conceito</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Confluência <i>on-line/off-line</i></li> </ul>	Redes <i>on-line</i> e <i>off-line</i> . A base do movimento é o espaço urbano, em uma existência continuada no ciberespaço. Interação entre o fluxo informativo da <i>web</i> e o espaço material, ocupado durante protestos. Híbrido do espaço cibernético e do espaço urbano, que dá origem a um terceiro espaço, regido pela autonomia de seus participantes. Ecologia complexa que põe em conjunto conectividade, dispositivos, cidades, corpos, informação digital, por meio de diferentes meios de interação. Ausência de distinção entre real e virtual.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Indicação de acontecimentos dentro e fora das redes sociais</li> <li>Referências urbanas</li> <li>Referências a acontecimentos factuais</li> <li>Manifestação tanto nas redes quanto nas ruas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Menção a nomes de ruas, avenidas etc. onde ocorrem os atos</li> <li>Menção a dias e horários</li> <li>Termos que indicam acontecimentos factuais (Ex.: acontecendo agora)</li> </ul>

Os procedimentos de mineração dos *tweets* estudados por espaços de possibilidade<sup>35</sup> tiveram início por meio da leitura manual de amostras compostas por 500 *posts* do início, meio e fim dos três *datasets* disponíveis para estudo (1.500 *tweets* por *dataset*, ou 4.500 *tweets* no total). A partir dos indicadores e das métricas apresentados na tabela supracitada, chegou-se à criação de uma biblioteca de termos associados a cada uma das categorias analíticas (Diálogo, Integração Social, Confluência *on-line/off-line*) e Outros (assuntos polêmicos de destaque no *dataset*, sem amparo na revisão bibliográfica realizada).

Antes da finalização da biblioteca, foi desenvolvida uma primeira versão, que resultou em uma filtragem pouco eficiente, com redução de menos de 30% do total de *tweets* constantes do *dataset*. Assim, após a análise dos termos filtrados, conduziu-se uma etapa de redução de termos da biblioteca, com a eliminação daqueles que traziam resultados muito abrangentes. Por último, foi realizada uma segunda leitura de todas as amostras, com vistas a acrescentar palavras que poderiam ter escapado à primeira leitura.

A biblioteca utilizada na pesquisa, apresentada a seguir, traz os termos grafados tal como encontrados no *dataset*, sem observância às normas de ortografia. Em alguns casos, os símbolos de ponto final e interrogação – .? – são aplicados ao fim da palavra para simbolizar que todas as variações dela deveriam ser capturadas pelo *script* na filtragem (Ex.: ach.? determina que o *script* capture acho, achava, achamos, acha etc.), enquanto que o asterisco é usado no início para determinar que todas as palavras que terminam daquela forma sejam capturadas (Ex.: \*emos faz com que o *script* capture palavras na primeira pessoa do plural, como “queremos” e “sabemos”).

---

<sup>35</sup> Essa etapa da análise de dados foi realizada com a participação dos membros do núcleo UFSC projeto **Política, Tecnologia e Interação Social na Educação**: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andrea Lapa, Me. Anderson Lopes e a bolsista de iniciação científica Giliane Brun.

**Tabela 3. Biblioteca de Termos da Mineração por Espaços de Possibilidade**

<b>Diálogo</b>
ach.?, acredito, admito, adoro, amando, aplaudido, apoio, argumento, brincadeira, chatead.?, cheguei, conclusão, concordo, conheci, convido, coragem, defendo, desabafo, deveria, desenh.?, diálogo, direito, discut.?, dizer, engraçado, entend.?, espero, estive, fala, falando, fera, galera, gente, gostaria, gostei, indigna.?, junho, 2013, leiam, lido, mano, mercadoria, migos, minha, né, neh, olha, olha e, opin.?, pensando, pilho, ponto, porque, pq, postar, preciso, publiquei, sentido, quem, quer.?, question.?, repito, representa, repond/., saber, será, sério, sinto, sou, transporte, quis, vergonha, vi, vou, xatiad.?
<b>Integração Social</b>
*amos, *emos, a gente, advogad.? agente, assembleia, ativist.?, bandeira, bora, brasileir.?, chamada, cola, contem comigo, convoc.?, interação, junt.?, lut.?, me representa, mil pessoas, nós, noss.?, nossa luta, organização da população, particip.?, postem, povo, preciso, reivindic.?, resistência, reun.?, sem medo, tá lutando, tod.?, vamos, vem, verde e amarelo, voluntári.?,
<b>Confluência <i>on-line/off-line</i></b>
acompanhe, agora, anunciou, ao vivo, aqui, arruaceir.?, assista, atividade.?, atacados, ato, atos, av, baderner.?, bagunça, baderna, bala, bala de borracha, barbárie, blackblock, bloqueei.?, bomb.?, bradesco, brigas, caminhada, caminho, caos, carreata, catraca, choque, cidad.?, cobertura, concede, conclamando, confirma.?, confronto, confusão, contra o aumento, convoc/? , correm, correria, daqui a pouco, deslocam, detid.?, direito a cidade, dispers.?, durante, espancado, esquina, estação, faria lima, ferid.?, foi pra cima, fot.?, gritaria, hoje, image.?, imprensa, incidentes, interdidad.?, jornalista ferido, lata de lixo, lixeiras, manifesta.?, marcad.?, máscara, mascarado, metrô, militant.?, minut.?, mobilidade, momento, momento tenso, morador.?, na altura, nome nas fardas, notícia, ocupa.?, ontem, pacífico, palácio, passeata, pedra, pedrada, periferia, PM.?, PM toca terror, PMs agridem, políci.?, polícia bate, população, prédio, prefeitura, pres.?, prisões, protest.?, quebra.?, queima.?, quem mandou atirar, realiza.?, refugia.?, reivindica.?, relat.?, repressão, rolar.?, roleta, rolou, rua, ruas, santander, sem violência, simultane.?, tempo real, trajeto, trânsito, transmi.?, tretas, tropa de choque, truculência, tumulto, vai entrar, vai rolar, vai ter, vão do masp, veja, vídeo
<b>Outros</b>

ação popular, anti-dilma, autoritar.?, bandid.?, barbárie, black.?, bleque, burocracia, corrupção, coação, corruptos, coxinha, cochinha, democracia, desordem, direito, estatização, esquerda, estratégia, festiva, hídric.?, lacrimogêneo, liberdade, massacre, mobilização, neopetista.?, petrobras, piquete, sqn, terror, truculência, vândal.?, violência, unfollow

### **3.2.2. Mineração por Processos Relevantes**

Os processos (fatores) selecionados para a análise nesta pesquisa, como mencionado, são a *pluralidade* (ARENDDT, 2013) e o *agir comunicativo* (, 1990), apresentados na seção *Fatores e Circunstâncias* (2.5). Assim, o objetivo é verificar como deu-se a ocorrência desses dois fatores entre a troca comunicativa desenvolvida nas mensagens constantes nos *datasets*. Com esse intuito, desenvolveu-se os indicadores e a métrica que devem ser observados.

**Tabela 4. Sistematização de Pluralidade, categoria analítica de Processos Relevantes**

<b>Categoria: 1. Pluralidade</b>			
<b>Conceito</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>	<b>Fonte</b>
<p>Constitui o público. Acolhimento da singularidade dos sujeitos em condições de igualdade. Tem duplo aspecto: Igualdade – todos com iguais condições de manifestação; Distinção – a unicidade de cada pessoa revelada pelo discurso e pela ação (ARENDDT, 2013).</p>	<p>(1.1) Acolhimento no grupo (e apoio de autoridades) de perspectivas diversas que são incluídas no debate</p>	<p>(1.1.1) Resposta a comentário de outro por atores-chave (MPL, Polícia Militar); busca por exposição em relação ao ponto de vista do outro; problematização do ponto de vista do outro</p>	<p>Filtragem das respostas e menções a usuários publicadas pelos perfis @MPL_SP (perfil oficial do Movimento Passe Livre em São Paulo no Twitter) e @PMESP (perfil oficial da Polícia Militar do Estado de São Paulo no Twitter)</p>
		<p>(1.1.2) Acolhimento da diversidade: reconhecimento e diálogo a partir da perspectiva apresentada por outro (alteridade)</p>	

		<p>(1.1.3) Respostas e menções a outros usuários realizados pelas seis principais autoridades<sup>36</sup> de cada amostra</p>	<p><i>Posts</i> associados às categorias de Espaço de Possibilidade: Diálogo, Integração Social e Confluência <i>on-line</i> e <i>off-line</i></p>
	<p>(1.2) Diversidade de perspectivas no debate (distinção)</p>	<p>(1.2.1) Análise da frequência de palavras concorrentes e concordantes presentes em cada uma das amostras selecionadas</p>	<p><i>Posts</i> associados às categorias de Espaços de Possibilidade "Integração Social", "Diálogo", "Confluência <i>on-line/off-line</i>", "Outros" e à filtragem de <i>posts</i> que mencionam ou são publicados pelos atores-chave @MPL_SP e @PMESP</p>

---

<sup>36</sup> Autoridade: métrica do *software* de tratamento e visualização de dados Gephi, que calcula o valor do conteúdo distribuído por um determinado nó (ator da rede).

<b>Categoria: Pluralidade (continuação)</b>			
<b>Conceito</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Métricas</b>	<b>Fonte</b>
<p>Constitui o público. Acolhimento da singularidade dos sujeitos em condições de igualdade. Tem duplo aspecto: Igualdade – todos com iguais condições de manifestação; Distinção – a unicidade de cada pessoa revelada pelo discurso e pela ação (ARENDDT, 2013).</p>	<p>1.3. Espaço compartilhado de troca de ideias (igualdade) (seres atuantes visíveis e audíveis)</p>	<p>(1.3.1) Quantidade de perfis constantes das amostras</p>	<p>Filtragem das categorias de espaços de possibilidade (Diálogo, Integração social, Confluência <i>on-line/off-line</i>)</p>
		<p>(1.3.2) Quantidade de usuários, constantes da amostra, com valor de autoridade superior a 0.002</p>	
		<p>(1.3.3) Tipos de autoridade constantes da amostra (pessoas públicas, perfis institucionais, perfil individual ou coletivo) a partir da identificação do perfil das dez principais autoridades de cada amostra</p>	

		<p>(1.3.4) Identificação da formação de comunidades no debate (verificação de existência ou não existência de mais de um <i>cluster/comunidade</i> no <i>dataset</i>)</p>	<p><i>Posts</i> dos três <i>datasets</i> completos (no estágio anterior à filtragem por espaços de possibilidade), analisados em conjunto</p>
		<p>(1.3.5) Identificação dos dez usuários com maior valor de autoridade em cada uma das amostras para a verificação da permanência ou alternância destas ao longo do tempo</p>	<p><i>Posts</i> dos três <i>datasets</i> completos (no estágio anterior à filtragem por espaços de possibilidade), analisados separadamente</p>

**Tabela 5. Sistematização de Agir Comunicativo, categoria analítica de Processos Relevantes**

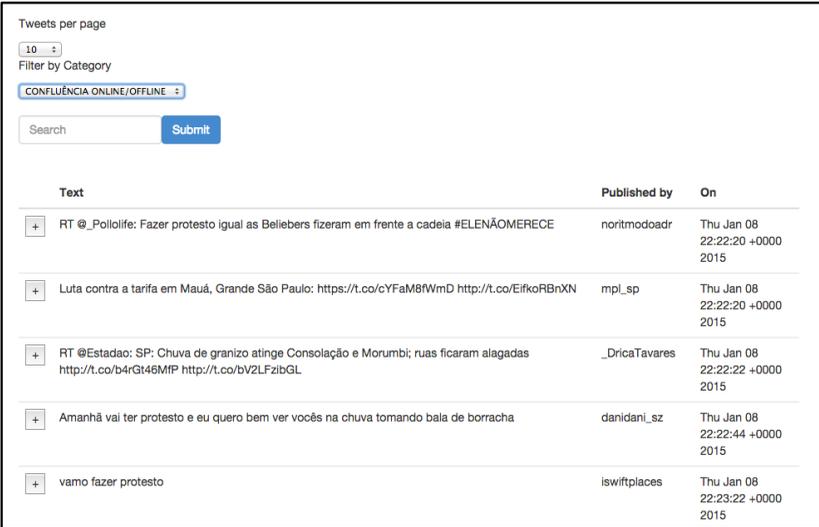
<b>Categoria: 2. Agir Comunicativo</b>			
Conceito	Indicadores	Métricas	Fonte
<p>Não há um objetivo a ser alcançado senão o de um acordo entre os sujeitos participantes da ação, ou seja, todos os agentes envolvidos no diálogo são considerados habilitados para interferir no curso do processo que se trava. Além disso, eles estão dispostos a atingir esse objetivos mediados pela definição da situação e da escolha dos fins, assumindo o papel de falantes e ouvintes por meio de processos de entendimento.</p>	<p>(2.1) Linguagem utilizada como fonte de integração social (busca de diálogo, troca – para gerar o debate que leva ao acordo)</p>	<p>(2.1.1) Intenção da comunicação não se resume à troca informativa</p>	<p>Filtragem de mensagens de resposta ou menção a outros usuários associadas às categorias de espaço de possibilidade "Diálogo", "Integração Social" e "Outros"</p>
	<p>(2.2) Troca argumentativa entre as mensagens publicadas</p>	<p>(2.2.1) Existência de ideia própria/posicionamento e resposta à ideia de outros</p>	
	<p>(2.3) Motivação para o entendimento</p>	<p>(2.3.1) Revelação de incerteza própria, abertura para a mudança de opinião</p>	

<p>A linguagem não é utilizada como meio para a transmissão de informações (agir estratégico), mas como fonte de integração social (agir comunicativo) (, 1990).</p>		<p>(2.3.2) Busca de compreensão de ideia oposta à sua</p>	
--	--	---	--

### 3.2.3 Detalhamento dos Procedimentos e Softwares

Na etapa de **Mineração por categorias analíticas 01: Espaços de Possibilidade/circunstâncias**, como mencionado anteriormente, foi realizada a divisão do *dataset* de acordo com as categorias analíticas previamente estabelecidas quando da revisão da literatura. Essa filtragem dá-se a partir de dois procedimentos principais: (i) a composição de uma biblioteca de termos e palavras, construída por meio da leitura manual das amostras dos *datasets*; e (ii) a associação dos *tweets* do *dataset* a estas categorias, após a submissão da biblioteca a uma ferramenta automatizada. Essa ferramenta é uma plataforma *on-line* especialmente desenvolvida para o projeto **Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento** (no qual, como referido, esta pesquisa está inserida), pela dimensão de Desenvolvimento<sup>37</sup>. A figura a seguir ilustra a interface na qual os *tweets* filtrados por categoria são exibidos.

**Figura 4. Página da exibição de *tweets* filtrados pela categoria de espaço de possibilidade Confluência *on-line/off-line***



Tweets per page  
 Filter by Category  
 CONFLUÊNCIA ONLINE/OFFLINE  
 Search

	Text	Published by	On
<input type="checkbox"/>	RT @Pollolife: Fazer protesto igual as Bellebers fizeram em frente a cadeia #ELENÃOERECE	noritmodoadr	Thu Jan 08 22:22:20 +0000 2015
<input type="checkbox"/>	Luta contra a tarifa em Mauá, Grande São Paulo: <a href="https://t.co/cYFaM8WmD">https://t.co/cYFaM8WmD</a> <a href="http://t.co/EifkoRBrXN">http://t.co/EifkoRBrXN</a>	mpl_sp	Thu Jan 08 22:22:20 +0000 2015
<input type="checkbox"/>	RT @Estadao: SP: Chuva de granizo atinge Consolação e Morumbi; ruas ficaram alagadas <a href="http://t.co/b4rGt46MFP">http://t.co/b4rGt46MFP</a> <a href="http://t.co/bV2LFzibGL">http://t.co/bV2LFzibGL</a>	_DricaTavares	Thu Jan 08 22:22:22 +0000 2015
<input type="checkbox"/>	Amanhã vai ter protesto e eu quero bem ver vocês na chuva tomando bala de borracha	danidani_sz	Thu Jan 08 22:22:44 +0000 2015
<input type="checkbox"/>	vamo fazer protesto	iswiftplaces	Thu Jan 08 22:23:22 +0000 2015

<sup>37</sup> São responsáveis pelo desenvolvimento da Plataforma o Prof. Dr. Vinicius Ramos e o bolsista de iniciação científica, graduando em Ciências da Computação, César Smaniotto Jr.

Na etapa **Mineração por categorias analíticas 02: Processos relevantes/fatores** (descrita anteriormente), elegeu-se os processos que seriam analisados na pesquisa; criou-se indicadores e métricas; e selecionou-se as amostras para o empreendimento dessa observação (apresentados nas tabelas supracitadas). Os recursos e procedimentos utilizados para a observação das métricas estabelecidas constam na sequência.

### ❖ Recursos

#### • Gephi

O *software* Gephi é uma plataforma *open source* para a manipulação de dados a partir de métricas da Teoria dos Grafos, amplamente utilizado para o estudo de redes de relações entre indivíduos e conteúdos publicados e republicados por eles. A ferramenta tem sido frequentemente aplicada em pesquisas realizadas do campo da cultura digital, justamente por permitir a demonstração da estrutura de redes que se articulam em função de temas e eventos que ganham destaque na internet. No *software*, essas relações são expressas por meio de grafos formados por um conjunto de pontos (nós) conectados por linhas (arestas), as quais expressam a relação entre os nós.

O Gephi permite a aplicação de estatísticas e filtros que fazem a análise de diferentes aspectos dessas redes a partir da aplicação de algoritmos específicos. Com base em trabalhos de membros do Labic, de Cancian, Gonçalves, Medeiros e Reis (2014) e de Cancian, Falcão e Malini (2014), será descrito, a seguir, aqueles que serão utilizados para conhecer a rede que configura o objeto empírico desta pesquisa.

- **Modularidade (estatística):** esta métrica demonstra a estrutura da rede, descrevendo a forma como ela constitui-se por subunidades ou comunidades (grupo de nós de um grafo fortemente conectados). Assim, valores altos de modularidade significam que há grande coesão na rede.
- **Hits (estatística):** métrica que determina dois valores para um nó (ator), a *autoridade* e o valor de *hub*. *Autoridade*: estima o valor do conteúdo distribuído por aquele nó. *Hub*: calcula o valor das arestas para outros nós. Ou seja, essa métrica permite identificar quais são os nós que se configuram como autoridades sobre um tópico e aqueles que interligam essas autoridades (*hubs*).

- **Componente gigante (filtro):** mostra os nós mais conectados da rede e retira, do grafo, os de pouca conexão.

- **WebQDA**

*Software* português, desenvolvido na Universidade de Aveiro, oferece uma solução em língua portuguesa para a análise qualitativa de conteúdo em texto, imagem, vídeo e áudio em um ambiente baseado na internet (sem a necessidade de instalação no computador). O trabalho no *software* pode dar-se individual ou colaborativamente, e todas as fontes de dados e sistemas de indexação (categorias e definições criadas pelo usuário) ficam disponíveis *on-line*.

Os procedimentos no *software* são organizados em três etapas:

- fontes: inserção dos dados no sistema;
- codificação: criação das dimensões (categorias e indicadores) que são interligadas às fontes para a filtragem de seus dados; e
- questionamento: sistema para cruzamento dos dados inseridos no software.

- **Nuvem de Palavras - *Word Clouds***

Este recurso, disponível na internet por meio de diversos aplicativos, constrói imagens que demonstram a frequência da ocorrência das palavras dentro de um texto, de forma que aquelas mais utilizadas são exibidas em maior tamanho. Nesta pesquisa, as nuvens de palavra configuram um recurso relevante, uma vez que possibilitam a identificação do léxico constante do discurso dos grupos de *tweets* observados. Foi utilizado o aplicativo WorditOut<sup>38</sup>.

- ❖ **Procedimentos**

Apresenta-se, nas tabelas a seguir, a sistematização dos processos realizados para a obtenção dos dados estipulados em cada uma das métricas estabelecidas para a pesquisa na etapa **Mineração por categorias analíticas 02: Processos Relevantes (fatores)**.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <[www.worditout.com](http://www.worditout.com)>. Acesso em: setembro de 2015.

Tabela 6A. Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de Pluralidade

Conceito: 1. Pluralidade   Indicador: 1.1 - Acolhimento no Grupo		
Métrica	Fonte	Procedimentos
(1.1.1) Resposta a comentário de outro ator-chave - MPL	Filtragem das respostas e menções a usuários publicadas pelo perfil @MPL_SP	1. Criação de uma planilha que unifica todos os <i>posts</i> publicados nos três <i>datasets</i> utilizados no estudo; 2. Seleção de todas as mensagens publicadas pelo perfil @MPL_SP, por meio da ordenação de todas as postagens por usuário (recurso ordenar por ordem alfabética aplicado à coluna de nome dos usuários no <i>software</i> Excel); 3. Eliminação manual de todas as mensagens que não fazem menção ou respondem usuários diretamente; 4. Cópia das mensagens restantes em documento formato DOC (exigência do <i>software</i> WebQda) para posterior análise no <i>software</i> de análise qualitativa de dados.
(1.1.1) Resposta a comentário de outro ator-chave - MPL	Filtragem das respostas e menções a usuários publicadas pelo perfil @PMESP	Idêntico ao anterior, porém, com seleção das mensagens publicadas pelo perfil @PMESP.
(1.1.2) Acolhimento da diversidade: reconhecimento e diálogo a partir da perspectiva apresentada por outro (alteridade)	Filtragem das respostas e menções a usuários publicadas pelos perfis @MPL_SP e @PMESP	1. Inserção dos arquivos .doc obtidos por meio dos procedimentos descritos anteriormente no <i>software</i> de análise qualitativa de dados WebQda; 2. Criação do rótulo "alteridade"; 3. Aplicação desse rótulo a todas as mensagens aplicáveis; 4. Seleção de todas as mensagens marcadas com esse rótulo para análise.

<p>(1.1.3) <i>Retweets</i> realizados pelas seis principais autoridades (identificadas pelo <i>software</i> Gephi)</p>	<p>Filtragem das respostas e menções a usuários publicadas pelas seis principais autoridades de cada amostra (mensagens associadas às categorias de espaço de possibilidade Diálogo, Integração Social e Confluência <i>on-line/off-line</i>)</p>	<p>1. Criação de arquivos <i>.graphml</i> (compreensíveis pelo <i>software</i> Gephi) da rede de mensagens retweetadas de cada uma das amostras. 2. Análise individual de cada um dos arquivos <i>.graphml</i> no <i>software</i> Gephi; 3. Aplicação da estatística <i>Hits</i> a cada uma das amostras; 4. Verificação dos dez perfis com maior valor de autoridade indicados pelo <i>software</i>; 5. Seleção de todas as mensagens publicadas por cada um desses perfis na filtragem de cada uma das categorias de espaço de possibilidade (por meio da ordenação de todas as postagens por usuário, realizada com o recurso ordenar por ordem alfabética na coluna de nome dos usuários, no <i>software</i> Excel); 6. Eliminação manual de todas as mensagens que não fazem menção ou respondem usuários diretamente. 7. Reunião das mensagens restantes para posterior análise.</p>
--	---	--

**Tabela 6B- Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de PLURALIDADE**

<b>Conceito: 1. Pluralidade   Indicador: 1.2 - Diversidade de perspectivas no debate</b>		
<b>Métrica</b>	<b>Fonte</b>	<b>Procedimento</b>
(1.2.1) Análise da frequência de palavras concorrentes e concordantes presentes em cada uma das amostras selecionadas	<i>Posts</i> associados às categorias de Espaços de Possibilidade "Integração Social", "Diálogo", "Confluência <i>on-line/off-line</i> ", "Outros" e à filtragem de <i>posts</i> que mencionam ou são publicados pelos atores-chave @MPL_SP e @PMESP	1. Inserção dos textos das mensagens publicadas em cada uma das amostras em ferramenta de geração de <i>wordcloud</i> . 2. Configuração da ferramenta para eliminação de todas as palavras constantes da biblioteca de termo para cada categoria (pois seriam as mais recorrentes, uma vez que orientaram a construção daquela amostra).

Tabela 6C - Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de Pluralidade

<b>Conceito: 1. Pluralidade   Indicador: 1.3 - Espaço compartilhado de troca de ideias (igualdade)</b>		
<b>Métrica</b>	<b>Fonte</b>	<b>Procedimento</b>
(1.3.1) Quantidade de perfis constantes das amostras	Filtragem dos <i>posts</i> associados às categorias de espaços de possibilidade (Diálogo, Integração Social, Confluência <i>on-line/off-line</i> , Outros) e <i>posts</i> que mencionam ou são publicados pelos atores-chave @MPL_SP e @PMESP	1. Criação de arquivo .graphml (compreensível pelo <i>software</i> gephi) das mensagens retweetadas em cada uma das amostras; 2. Submissão de cada um desses arquivos ao <i>software</i> Gephi; 3. Verificação da quantidade de <i>nós</i> (usuários) constantes em cada amostra pelo recurso Contexto do <i>software</i> .
(1.3.2) Quantidade de usuários, constantes das amostras, com valor de autoridade superior a 0.002		Ainda no <i>software</i> Gephi: 1. Aplicação da estatística <i>Hits</i> a cada uma das amostras; 2. Contagem da quantidade dos perfis para cada valor de autoridade (superior a 0.002) encontrado.
(1.3.3) Tipos de autoridades constantes das amostras	Arquivos .graphml da rede de <i>retweets</i> das categorias de espaço de possibilidade: Diálogo, Confluência <i>on-line/off-line</i> e Outros	A partir dos dados encontrados com a aplicação da estatística <i>Hits</i> : 1. sistematização (no <i>software</i> Word) dos dez perfis com maior valor de autoridade em cada amostra; 2. Atribuição dos seguintes tipos de perfil a cada um deles: pessoas públicas, institucionais, coletivos, individuais, órgão de imprensa).

<p>(1.3.4) Identificação de perspectivas presentes no debate</p>	<p><i>Posts</i> dos três <i>datasets</i> completos (anteriormente à filtragem por espaço de possibilidade), analisados em conjunto (único arquivo)</p>	<p>1. Criação de arquivo <i>.graphml</i> a partir das mensagens retweetadas no conjunto dos três <i>datasets</i> utilizados no estudo; 2. Aplicação da estatística modularidade no <i>software</i> Gephi para avaliação da composição da rede em diferentes comunidades. Refinamento: 3. Aplicação do filtro Componente Gigante para análise dos usuários mais fortemente conectados na rede; 4. Nova aplicação da estatística Modularidade para a verificação da composição dos membros mais conectados da mostra em comunidades distintas.</p>
<p>(1.3.5) Permanência das autoridades ao longo do tempo</p>	<p><i>Posts</i> dos três <i>datasets</i> completos (anteriormente à filtragem por espaços de possibilidade), analisados separadamente (arquivos distintos)</p>	<p>1. Submissão dos arquivos <i>.graphml</i> das mensagens retweetadas em cada um dos três <i>datasets</i> ao <i>software</i> Gephi; 2. Aplicação da estatística <i>Hits</i>. 3. Verificação dos dez perfis com maior valor de autoridade. 4. Sistematização dos perfis encontrados; 5. Comparação dos dez perfis de cada <i>dataset</i> para a verificação a permanência/alternância das autoridades ao longo do tempo.</p>

**Tabela 7. Descrição dos Instrumentos e Procedimentos desenvolvidos para a análise de AGIR COMUNICATIVO**

<b>Indicador 2.1 - Linguagem utilizada como fonte de integração social</b>		
<b>Métrica</b>	<b>Fonte</b>	<b>Procedimento</b>
(2.1.1) Intenção de comunicação para além da troca informativa	Filtragem de respostas e menções a outros usuários nas mensagens associadas às categorias de espaço de possibilidade: "Diálogo", "Integração Social", "Outros"	1. Seleção manual de todas as respostas e menções constantes das amostras; 2. Criação de arquivos em formato DOC (exigência do <i>software</i> WebQda) para cada uma dessas filtragens; 3. Inserção dos arquivos no <i>software</i> WebQda; 4. Criação do rótulo "intenção de diálogo" e sinalização de todas as mensagens aplicáveis em cada uma das amostras nesse <i>software</i> .
<b>Indicador :2.2 -Troca argumentativa</b>		
(2.2.1) Existência de ideia própria na mensagem dirigida a outro usuário	Idem	Procedimentos 1, 2 e 3 (descritos anteriormente); 4. Criação do rótulo "ideia própria" e sinalização de todas as mensagens aplicáveis em cada uma das amostras no <i>software</i> WebQda.
<b>Indicador :2.3 - Motivação para o entendimento</b>		
(2.3.1) Revelação de incerteza própria; abertura pessoa	Idem	Procedimentos 1, 2 e 3; 4. Criação do rótulo "abertura pessoal" e sinalização de todas as mensagens aplicáveis em cada uma das amostras no <i>software</i> WebQda.
(2.3.2) Busca da compreensão de ideia oposta à sua		Procedimentos 1, 2 e 3; 4. Criação do rótulo "compreensão do outro" e sinalização de todas as mensagens aplicáveis em cada uma das amostras no <i>software</i> WebQda.

## CAPÍTULO IV

### A Pluralidade e o Agir Comunicativo nos atos #Contratarifa de janeiro e fevereiro de 2015 (análise qualitativa de dados)

Os capítulos anteriores foram dedicados a construir a fundamentação teórica e a abordagem do objeto empírico observado nesta pesquisa, com o objetivo de conhecer o lugar da ação política contemporânea e identificar fatores e circunstâncias favoráveis à formação crítica de sujeitos no contexto da cultura digital. Assim, optou-se por analisar a ação política desencadeada por um movimento ativista, com confluência rede/rua, compreendendo a potencialidade desse espaço, para, então, refletir sobre a apropriação do espaço público educador por professores.

Diante da intenção de pesquisa, recortou-se, da teoria, dois *fatores e circunstâncias* que, baseados no apoio na teoria crítica e na mídia-educação, mostravam-se importantes para o desenvolvimento da ação política. e verificou-se, por meio do desenho de pesquisa apresentado no capítulo anterior, se eles aconteciam nos movimentos políticos atuais e como desdobravam-se nesse contexto.

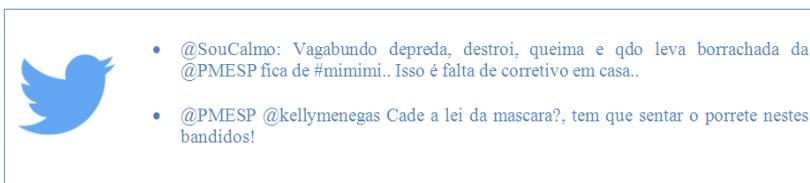
A apresentação e a análise dos dados obtidos estão organizadas a partir desses fatores e circunstâncias (*Pluralidade e Agir Comunicativo*) e seus indicadores, naquilo que trazem como contribuição para a problematização das questões elencadas em cada categoria. Antes de partir para a análise e a apresentação dos dados, apresenta-se, brevemente, alguns aspectos de destaque observados nas etapas de leitura manual dos *posts*.

#### **4.1 Análise de conjuntura: apontamentos sobre a leitura manual dos *datasets***

As impressões acerca dos *datasets* utilizados na pesquisa vêm da leitura da amostra das mensagens publicadas em tais *datasets* (500 mensagens do início, 500 mensagens do meio e 500 mensagens do fim de cada um deles, em um total de 4.500 *posts*) e das filtragens realizadas pelas categorias analíticas 01- *Espaços de Possibilidade*. Entende-se que a compreensão dos principais assuntos mencionados e da forma como eles foram abordados são importantes para a leitura que se pretende fazer dos dados na etapa de análise qualitativa e sistematizada deste estudo. É relevante destacar que, nesse momento, não apenas se buscou selecionar temáticas ou mensagens majoritariamente presentes no *dataset*, mas também aquelas cuja peculiaridade compõe e representa a

diversidade de perspectivas constantes no debate. Lembra-se o pensamento de Arendt (2013), já citado no Capítulo 1, de que buscar a compreensão de fenômenos sociais pela valorização dos padrões faz descartar as fugas às tendências, que acabam por ser lidas como desvios irrelevantes, quando, muitas vezes, podem ser fagulhas iniciadoras de processos.

O primeiro *dataset* é marcado pela expectativa, realização e avaliação dos usuários sobre o Primeiro Grande Ato Contra a Tarifa, que aconteceu em 9 de fevereiro. Além da presença digital do Movimento Passe Livre por meio do perfil @MPL\_SP, a Polícia Militar do Estado de São Paulo junta-se à narrativa do evento, com mensagens oficiais publicadas em seu perfil @PMESP para difundir informações sobre as manifestações e a atuação da corporação. O *dataset* registra, principalmente, a interação dos usuários com o perfil da polícia, com críticas e mensagens de apoio.



O *dataset* também registra a disseminação de uma notícia sobre a recusa do MPL em reunir-se com a Polícia Militar para planejar o ato marcado para 9 de fevereiro. A negativa ao convite feito pela PM demarca o modo de atuação do movimento. Em nota, o MPL divulgou ser um movimento horizontal, sem líderes, de forma que não seria possível escolher representantes para participar da reunião. Nas postagens na rede social Twitter, o movimento afirmou que não abriria mão de escolher o trajeto em assembleia antes do ato para atender à solicitação da PM em definir o percurso a ser traçado previamente.

As amostras do meio e do final do *dataset* 01 mencionam, principalmente, fatos vinculados à realização do Primeiro Grande Ato. Sobre o evento presencial, a maioria das postagens referia-se a reclamações sobre o impacto no trânsito da cidade; informações pontuais sobre o trajeto; relatos de violência policial; especulações sobre o número de participantes; e informações sobre o início do confronto com a Polícia Militar.

**Figura 5. Imagem postada por usuário mostra o desenvolvimento da manifestação**



- Começa sempre assim: "Neste momento 2.500 sobem a Consolação sem tumulto" (tem mascarados no meio) <http://t.co/2hEOpJvReI> [link para fotografia]
- RT @VICEBRASIL: #ContraTarifa SP: polícia bloqueou a manifestação do @mpl\_sp em frente ao Corpo de Bombeiros, na Consolação.
- @GersonNeto1 super feliz com os manifestantes entupindo a Consolação
- Tem tipo 1 carro da tropa de choque pra cada pessoa que tá na manifestação, to horrorizada

Chama a atenção a quantidade de mensagens de repúdio da população à causa das manifestações. Muitos criticaram o MPL por protestar contra o aumento da tarifa (pauta central do movimento), em um momento em que o país vivencia um grave escândalo de corrupção. Nota-se uma compreensão rasa a respeito do ideal do MPL em, por meio da luta pela gratuidade do transporte, propor a discussão de outra forma de relação da sociedade com o espaço público. Há a cobrança de que o movimento lidere uma grande mobilização nacional contra a corrupção. Essas críticas eram, frequentemente, acompanhadas por adjetivos depreciativos e agressivos. Insinua-se que a presença de pessoas nas

ruas para protestar contra o aumento do preço da passagem de ônibus e a não existência de uma grande manifestação contra a corrupção na estatal Petrobras (tornada pública no segundo semestre de 2014) demonstram uma tendência do povo brasileiro a apenas brigar por questões relativas a seu benefício imediato e próximo.

- RT @Julylsantos: Os caras nao protestam por TRABALHO, DIGNIDADE, CONTRA CORRUPCAO. Protestam para ter migalhas
  - Pra reclamar da tarifa do ônibus esse povo sai na rua. Para protestar contra a corrupção ninguém sai de casa. #ForaDilma #PTrolao #PTbras
- Poderiam protestar contra a corrupção e assim resolver a maioria dos problemas do Brasil #Aumentodaspassagens #MPL
- Esse MPL não protesta contra corrupção, mas pra andar de graça sim... Aiff receber s/ trabalhar e usar sem pagar
  - RT @pecunia55: #ContraTarifa vão trabalhar bando de vagabundos

O segundo *dataset* (coletado entre os dias 24 e 31 de janeiro) também é marcado por críticas à pauta das manifestações, com o argumento de que protestar contra a corrupção na empresa estatal Petrobras seria mais legítimo. No período das mensagens registradas, ocorreram dois grandes atos públicos (em 27 e 29 de janeiro) e nota-se uma intensificação das críticas, tanto ao MPL quanto à Polícia. *Posts* com relatos sobre os atos públicos permeiam todas as amostras do *dataset*, com variadas denúncias de violência policial, bem como de depredação de agências bancárias por parte dos manifestantes.

Na amostra de início do *dataset 02*, começa a desenhar-se um quadro de questionamento do alinhamento político do MPL, que vai se desenvolver e intensificar-se até as amostras finais do *dataset 03*. O curioso é que se essas críticas iniciam-se com a vinculação do movimento ao Partido dos Trabalhadores (PT), da presidente Dilma Rousseff, acabam derivando para a acusação de que o grupo deliberadamente poupa o governo do estado de São Paulo, do partido de oposição PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Ou seja, nota-se que, no debate travado na internet, há críticas e acusações antagônicas, mas igualmente depreciativas, à relação do MPL (que se apresenta como movimento apartidário) com os governos – seja na esfera nacional, estadual ou municipal.

As críticas iniciam-se com questionamentos sobre o financiamento do movimento. Mais tarde, há *posts* que vinculam os manifestantes aos eleitores de Dilma Rousseff e, finalmente, outra

vertente sugere que o MPL foca sua atuação contra o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), com a intenção de preservar a imagem do governador Geraldo Alckmin (PSDB), que vivenciava um momento de vulnerabilidade política em função da forte crise no abastecimento de água que assola o estado. Nota-se, também, que há falta de informação nos comentários publicados, como *posts* que sugerem que o MPL (movimento sem constituição formal) é uma organização não governamental (ONG) patrocinada pelo governo, com *link* para uma notícia que não aborda esse assunto, mas, sim, relata os principais problemas ocorridos em uma manifestação no dia anterior.

O "estranho" neste movimento é que a ONG Passe Livre -organizadora dos protestos - é patrocinada pelo governo... <http://t.co/FcUpOvN4mr> [link para notícia no portal Yahoo! Em SP, 4º protesto contra aumento na tarifa termina com tumulto e 4 presos]



Da mesma forma que as críticas começam a se amparar em argumentos políticos, passa-se a encontrar *posts* em que usuários defendem a legitimidade da pauta do movimento, com apresentação dos objetivos e da atuação do MPL, além da divulgação de aulas públicas sobre os princípios da proposta da tarifa zero.

Ganhou destaque e foi alvo de muitas críticas entre os usuários a atuação da Polícia Militar no Quarto Grande Ato, quando bombas de gás lacrimogêneo foram utilizadas dentro da estação Faria Lima do metrô (ambiente fechado), o que levou manifestantes e pessoas que não participavam da manifestação a passarem mal.

No *dataset 2*, também inicia-se outra temática que tem destaque até o final das amostras coletadas: a *trollagem*<sup>39</sup> das pessoas que defendem que a implantação da tarifa zero não representa uma ameaça ao emprego dos cobradores de ônibus. Sem considerar o que o movimento diz sobre essa temática, há uma série de postagens irônicas que sugerem falta de raciocínio lógico nessa argumentação.

---

<sup>39</sup> Gíria que nasceu na internet, significa tirar sarro, depreciar de forma humorística. Muitas vezes, a *trollagem* de um determinado assunto congrega uma série de postagens diferentes, difundidas na rede sob uma mesma *hashtag* ou um mesmo termo de identificação.

- Mais de 5 PMs agridem um manifestante do #MPL, usando inclusive um skate!!!
- Isso a @PMESP não mostra ou tuita, neh?! <http://t.co/dOv7euvsbC> [link para notícia no Portal R7: Policial militar usa skate para agredir manifestante em SP; assista]
- Prova de que a @PMESP atacou protesto #ContraTarifa em SP: comandante grita "quem mandou atirar?" pras tropas <https://t.co/EggBA6fv70> [link para vídeo da TV Estadão]
  - RT @pauloquaresma2: Ei @mpl\_sp QUEM FINANCIA VCS, CAMBADA D VAGABUNDOS? ONDE ESTAVAM NO MENSALÃO? E PETRÓLEO? Desordeiros, mascarados marginais.
- RT @Heliarly: Um mundo tão retardado que o mesmo asno que pede passe livre também pede "cobrador" <http://t.co/a2bkBwEGwZ> [link para fotografia feita em protesto em que manifestante do MPL defende a manutenção do emprego dos cobradores em cartaz]

No último *dataset* analisado, percebe-se a continuação das temáticas iniciadas anteriormente, com ênfase para cobranças ao MPL por não incluir o governo estadual entre os alvos de seus protestos. A polêmica ascendeu em função de uma reportagem publicada no *site* da revista Carta Capital – *MPL mira em Haddad e alivia para Alckmin* –, em 31 de janeiro. Até então, seis grandes protestos haviam sido realizados e metade deles começaram ou terminaram nas imediações do prédio da Prefeitura. Em outro, o destino final foi a residência do prefeito.

Após a publicação da reportagem, as insinuações sobre o financiamento do MPL (antes atribuído ao PT) passaram para o partido do governador (PSDB). O MPL posicionou-se sobre a questão sem mencionar diretamente a reportagem, mas respondendo aos usuários a respeito do critério de estabelecimento do trajeto das manifestações, que se dá em assembleia.

As mensagens também registram críticas ao MPL por não se posicionar a respeito da crise hídrica no estado (assunto sob a gestão do governador), sob a mesma forma de argumentação antes utilizada em relação à corrupção na Petrobras.

- @acazzo @Triplohxis @CassiaVF @cartacapital @mpl\_sp Devem receber o trajeto antecipado do SUPOSTO patrocinador!
- Post do MPL: @aiaia63 @cyrusafa compa, os grandes atos sãfo apenas uma parte da luta e o trajeto ã© definido em assembleia.
  - O estranho Movimento Passe Livre: Mira em Haddad e alivia para Alckmin <http://t.co/lvPU9AnJk2> [link para post no blog Luiz Muller, que divulga a reportagem da Carta Capital]



## 4.2 Apresentação e análise de dados: pluralidade

A escolha pela investigação do fator e circunstância da *pluralidade* nesta pesquisa dá-se pelo entendimento expresso por Hannah Arendt, de que:

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna (ARENDDT, 2013, p. 70)

Compreende-se que essa manifestação real e fidedigna do mundo, que, segundo a autora, só se alcança por meio da pluralidade, é fator indispensável para a formação crítica de sujeitos.

Para a análise da categoria *pluralidade* nos *datasets*, foram desenvolvidos três indicadores: acolhimento no grupo, diversidade de perspectivas no debate e espaço compartilhado de troca de ideias. Tais indicadores advêm da conceituação de Arendt (2013), que pontua como elementos constitutivos da pluralidade o acolhimento da singularidade de sujeitos, a condição de igualdade de manifestação e a expressão da unicidade de cada indivíduo.

### 4.2.1 Acolhimento no grupo

Para observar o acolhimento às ideias e diferentes perspectivas constantes nos debates encontrados nos *datasets* pesquisados, analisou-se as interações de atores-chave (Polícia Militar do Estado de São Paulo e Movimento Passe Livre) e de autoridades (usuários com maior valor de conteúdo distribuído naquela rede, aferidos por meio de algoritmos

do software Gephi) das filtrações das categorias de espaços de possibilidade de Diálogo, Integração Social e Confluência *On-line/Off-line* com os demais usuários do Twitter .

Os usuários interagiram com a Polícia Militar, por meio do perfil @PMESP, 1.264 vezes, em perguntas diretas ou em menções ao perfil da polícia em comentários. Já o perfil @MPL\_SP recebeu 1.506 interações. Sempre que seu perfil é mencionado, o usuário é informado e recebe a mensagem em que foi citado, por meio da ferramenta *Notificações* do Twitter, de modo que tanto a Polícia Militar quanto o MPL podiam acompanhar as interações dos usuários com seus perfis *on-line*.

Quanto às respostas fornecidas aos usuários, a Polícia interagiu com 15 perfis em 15 mensagens publicadas. Já o MPL fez contato com 42 usuários em 52 mensagens. Se o volume de interações originadas pelo MPL é mais de três vezes superior ao da Polícia, a proporção das mensagens em resposta a usuários em relação a todas as publicações realizadas no período é muito maior no perfil da PM do que no do MPL. No *dataset*, constam 43 mensagens originadas pela Polícia Militar e 370 do MPL. Ou seja, quase um terço das publicações da Polícia no Twitter interagia com usuários, enquanto que esse número é de um sétimo para o MPL.

As mensagens em resposta a usuários publicadas pela Polícia revelam um grande cuidado com a identidade institucional da corporação, que se dirige sempre formalmente aos usuários e com precisão dos termos utilizados (por exemplo, a distinção entre vândalos e terroristas). Essa postura, no entanto, muitas vezes distancia a Polícia da linguagem e do cerne das discussões. Não há registros de interações mais intensas e a conversa é sempre concluída com uma única mensagem.

As respostas do MPL podem ser divididas em informações pontuais sobre horários, locais e quantidade de pessoas presentes nas manifestações; interações a partir de mensagens publicadas por instituições públicas (como a Prefeitura de São Paulo e a Defensoria Pública do Estado de São Paulo); e discussões com usuários a respeito da atuação do movimento. As trocas de comunicação do MPL com os usuários chega a alcançar a menção a um mesmo perfil em nove mensagens diferentes. Nota-se, também, que à medida que a conversa evolui, mais perfis são agregados à conversa, que chega a abarcar quatro usuários (esse aspecto da comunicação do MPL com os usuários será abordado com mais profundidade, com recuperação das mensagens

também dos usuários, na análise sobre o fator e a circunstância *Agir Comunicativo*).

Nos debates com usuários sobre a pauta e a atuação do movimento, encontrou-se exemplos de acolhimento da perspectiva do outro entre as postagens do MPL. Em nenhum momento o grupo abandona suas convicções, porém, problematiza a opinião do outro e expõe seu ponto de vista. Destaca-se, como exemplos, as trocas a seguir.

- ❖ @rusafa @zezaestrela @biacall8 @prefsp por que não cobrar uma taxa dos empregadores que possa subsidiar o sistema sem necessitar a tarifa?
- ❖ @ai63 @cyrusafa compa, os grandes atos são apenas uma parte da luta e o trajeto é definido em assembleia.
- ❖ @maluRossi2 te convidamos a participar dos próximos atos, então :) dá uma olhada no calendário: <http://t.co/oCwaqG8UI3>
- ❖ @fabianodesouza, acho que vale a pena você dar uma olhada neste vídeo <https://t.co/H4xR0ZabPj> quem pratica violência é a polícia.

Embora seja mais comedida e formal em suas interações, também registrou-se o acolhimento da diversidade (métrica alteridade) em respostas publicadas pela @PMESP, com esclarecimentos sobre o ponto de vista da instituição a partir da colocação apresentada pelo outro. São trazidos três exemplos de resposta em que a Polícia Militar apresenta sua perspectiva em relação à colocação do usuário; uma delas cita, inclusive, o perfil do Movimento Passe Livre, @MPL\_SP.

- ❖ @regin\_castro Quem opta em fazer vandalismo é chamado de vândalo. Obrigado pela interação.
- ❖ OPOSICAO\_JA @mpl\_sp @schavelzon Para PMESP os manifestantes são pacíficos. Somente os vândalos são criminosos, contudo, não são terroristas.
- ❖ rratentando @anarchoRevo @pedrolapera Sugiro abrir o link e verificar que não foi em São Paulo (olhe a bandeira). Obrigado pela interação.

Realizou-se a análise de acolhimento no grupo também entre as mensagens de resposta, menção a outro usuário ou *retweets* realizados pelas seis principais autoridades das filiações por espaço de possibilidade (Diálogo, Integração Social e Confluência *On-line/Off-line*)<sup>40</sup>, a fim de conhecer como dava-se a relação dos usuários de destaque nas amostras com os demais membros da rede.

---

<sup>40</sup> Autoridades em Diálogo: @MPL\_SP, @Prefsp (prefeitura de São Paulo), @Cadulorena, @Passapalavra, @Stanleyburburin, @mobilidadesampa;

O conjunto de autoridades estudado chega a 11 perfis, pois alguns ocupam a posição em mais de um *dataset*. São expostas, a seguir, as principais tendências observadas quanto ao envolvimento dessas autoridades com outros usuários da rede. Verificou-se que, embora alguns usuários de destaque mantenham suas conversações apenas com outras autoridades, pessoas públicas ou perfis de movimentos ativistas, a grande maioria também dialoga com usuários com menos poder de influência.

#### @MPL\_SP

- *Retweets* de mensagens de usuários, com informações sobre acontecimentos, vídeos e imagens das manifestações;
- *retweets* de *posts* de outras autoridades, pessoas públicas (jornalista) ou movimentos sociais (relacionados às lutas pela gratuidade do transporte e outros temas associados à perspectiva do direito à cidade);
- respostas a usuários sobre questões pontuais sobre os protestos (data, horário, trajeto etc.); e
- respostas a usuários sobre questões relativas aos princípios do MPL.

#### @Prefsp (Prefeitura de São Paulo)

- Resposta a dúvidas encaminhadas à instituição pelo Twitter acerca da implementação do passe livre para estudantes na cidade.

#### @CaduLorena

- *Retweets* de informações e relatos de usuários sobre as manifestações;
- *retweets* de usuários com argumentações favoráveis à gratuidade do transporte e às manifestações;
- *retweets* de outras autoridades ou perfis de outros movimentos sociais;
- debate com outros usuários sobre a atuação da polícia (fornecendo dados e argumentos contrários à ação policial); e
- debate com outros usuários sobre o MPL (posicionando-se a favor do movimento).

#### @Passapalavra

- *Retweets* de *posts* de usuários sobre acontecimentos nas manifestações;
- *retweets* de informações publicadas por outras autoridades;
- troca de mensagens com outras autoridades; e
- troca de mensagens com outros usuários (com informações a respeito da ideia da tarifa zero).

#### @Stainleyburburin

- *Retweets* e interações com usuários, a respeito da atuação do MPL.

#### @Mobilidadesampa

- *Retweets* de *posts* de usuários com informações sobre o trânsito em função dos protestos; e
- *retweets* de *posts* de usuários com opiniões e questionamentos sobre os protestos.

#### @Ocupasampa

- *Retweets* de outras autoridades, pessoas públicas ou perfis de movimentos ativistas.

#### @Usuariosmetros

- *Retweets* de *posts* de usuários com informações sobre a situação encontrada nas estações de metrô e nas ruas durante as manifestações; e
- *retweets* de grupos de mídia independente cobrindo as manifestações.

#### @Itsluuc

- Mensagens a diversas personalidades de destaque no Twitter com conteúdos a favor da criminalização da homofobia<sup>41</sup>.

#### @Cmi\_saopaulo

- *Retweet* de *posts* de usuários com informações sobre acontecimentos das manifestações;
- *retweets* de *posts* de usuários com informações sobre violência policial;

---

<sup>41</sup> Apesar de figurar entre as autoridades encontradas, esse perfil foi incluído no *dataset* estudado pelo uso da palavra "protesto" em seus *posts*. Sua participação, embora tenha obtido relevância nessa rede, não é relacionada à questão da gratuidade dos transportes. Optou-se por manter a análise desse perfil e mencionar sua presença entre as autoridades estudadas a fim de expor os desafios metodológicos imbricados ao estudo de dados coletados em redes sociais.

- *retweets* de *posts* com *links* para conteúdo produzido por outras autoridades ou coletivos de mídia independente; e
- *retweets* de *posts* do @MPL\_SP com conclamações para os atos.

@Vicebrasil

- Disseminação de conteúdo fotográfico feito por usuários durante as manifestações.

#### 4.2.2 Diversidades de perspectiva no debate

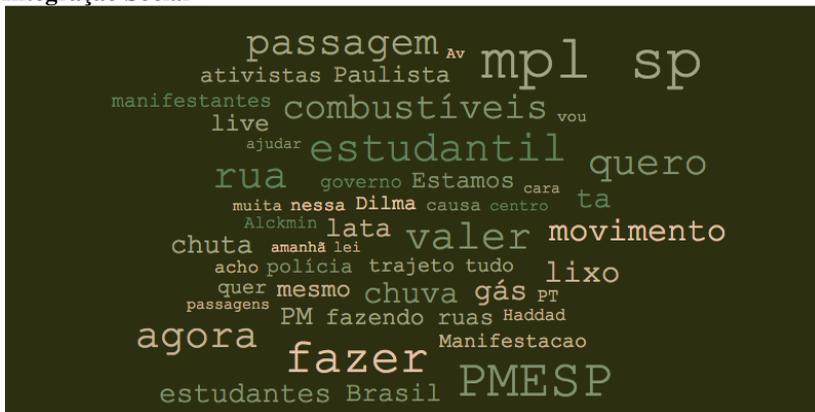
Segundo a definição de Arendt (2013) sobre a pluralidade, esse conceito caracteriza-se em um duplo aspecto: diversidade e igualdade. A diversidade diz respeito à unicidade de cada ser atuante no mundo, enquanto que a igualdade se refere à condição que deve existir para que o mundo possa se compor a partir da peculiaridade das pessoas.

Assim, buscou-se observar como deu-se a diversidade de perspectivas constantes nos *tweets* estudados. Para isso, foi elaborada uma nuvem de palavras (interface gerada a partir das palavras mais recorrentes em um texto) com o conteúdo dos *posts* dos espaços de possibilidade de Diálogo, Integração Social, Confluência *On-line/Off-line* e Outros (assuntos polêmicos encontrados durante a leitura do *dataset*). No processo de elaboração dessas interfaces, eliminou-se as palavras constantes da biblioteca de termos de cada uma das categorias, uma vez que seriam as mais recorrentes visto que serviram de critério de filtragem. Assim, não é possível estabelecer uma análise comparativa dos resultados (pois foram gerados a partir de configurações distintas), mas, sim, contemplá-los no sentido de conhecer as palavras associadas às postagens pertencentes a cada espaço de possibilidade. Além de eliminar as palavras constantes da biblioteca de termos e palavras, foram subtraídas da interface também aquelas que orientaram a captura do *dataset* e as não apresentavam contribuição qualitativa para a compreensão das diferentes ideias e dos conceitos vinculados a cada grupo (Ex.: de, para, pelo, nesta, neste, entre outras).

Recuperou-se, aqui, as palavras constantes da biblioteca (tal qual inserida no aplicativo de geração de *wordclouds*) de cada categoria para facilitar a compreensão acerca dos termos que geraram o corpo léxico obtido como resultado.



**Figura 7. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Integração Social**



### **Confluência *On-line/Off-line***

#### **Biblioteca de termos:**

acompanhe, agora, anunciou, ao vivo, aqui, arruaceiro, assista, atividade, atacados, ato, atos, av, baderneiro, bagunça, baderna, bala, bala de borracha, barbárie, blackblock, bloqueio, bomba, bombas, bradesco, brigas, caminhada, caminho, caos, carreata, catraca, choque, cidade, cobertura, concede, conclamando, confirmação, confronto, confusão, contra o aumento, convocação, correm, correria, daqui a pouco, deslocam, detidos, direito a cidade, disperso, dispersa, dispersam, dispersão, durante, espancado, esquina, estação, faria lima, ferido, ferida, feridos, feridas, foi pra cima, fot.?, gritaria, hoje, imagem, imprensa, incidentes, interdita, interdita, interditam, interditado, jornalista, lata de lixo, lixeiras, manifestação, manifestantes, marcado, máscara, mascarado, metrô, militante, minuto, mobilidade, momento, momento tenso, morador, na altura, nome nas fardas, notícia, ocupa, ocupação, ontem, pacífico, palácio, passeata, pedra, pedrada, periferia, PM.?, PM toca terror, PMs agridem, polícia, polícia bate, população, prédio, prefeitura, preso, presos, presa, presas prisões, protesto, quebra, queima, quem mandou atirar, realiza, refugiado, reivindicação, relato, repressão, rolar, roleta, rolou, rua, ruas, santander, sem violência, simultânea, tempo real, trajeto, trânsito, transmissão, tretas, tropa de choque, truculência, tumulto, vai entrar, vai rolar, vai ter, vão do masp, veja, vídeo

Figura 8. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Confluência *On-line/Off-line*

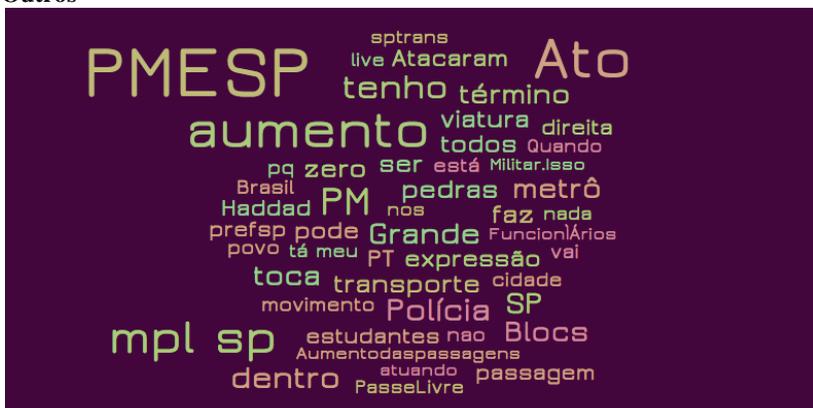


## Outros

### **Biblioteca de termos:**

ação popular, anti-dilma, autoritario, autoritaria, bandido, bandida, barbárie, black, bleque, burocracia, corrupção, coação, corruptos, coxinha, cochinha, democracia, desordem, direito, estatização, esquerda, estratégia, festiva, hídrica, lacrimogêneo, liberdade, massacre, mobilização, neopetista, petrobras, piquete, sqn, terror, truculência, vândalo, vândalos violência, unfollow

Figura 9. Nuvem de palavras da categoria de espaço de possibilidade Outros



Quando se eliminam as palavras que dão origem à captura do dataset e da seleção dos posts por espaço de possibilidade, pode-se observar o quanto as categorias (cuja divisão fornece um importante recurso analítico) estão, em realidade, conectadas entre si. As palavras que se sobressaem na análise de Integração Social demonstram bem este aspecto de interconexão entre as categorias, com a recorrência de termos associados à filtragem de Confluência Online/Offline, tais como referências a lugares, tempo e objetos utilizados por manifestantes ou policiais durante as manifestações (exemplos: av., Paulista, agora, estamos, lixo, gás, chuta, trajeto). As palavras "lixo" e "gás" estão especialmente associadas à disputas entre manifestantes e à polícia e foram usadas em um *tweet*, bastante replicado, que acusa a desproporção do uso de força policial contra os manifestantes:

- ❖ Ato do MPL: "Você chuta uma lata de lixo e vem uma chuva de bombas de gás"

Em Confluência Online/Offline também encontram-se termos vinculados à Integração Social, como "grupo" e "luta". Não se trata apenas de uma redundância dos posts selecionados nas duas categorias, uma vez que também se encontraram nas *wordclouds* elementos que aprofundam o conhecimento sobre o léxico atinente às próprias categorias. Em Integração Social, por exemplo, sobressaem-se palavras como "ajudar", "causa", "movimento" e "ativistas", enquanto em Confluência Online/Offline, a maioria dos termos remetem a lugares e na narrativa dos acontecimentos ([Largo da] Batata, Pinheiros, foto, segue, começa, concentração, volta, entre outros).

Observa-se também, entre as palavras que se sobressaíram em ambas as categorias, que o debate político perpassa os tópicos mais relevantes relacionados às discussões sobre o movimento contra o aumento das tarifas. Em integração social, há menção aos nomes da presidente da República, do governador do estado de São Paulo e do prefeito de São Paulo. Em Confluência Online/Offline, apenas o nome do governador e do prefeito tiveram destaque, o que pode ser resultado da influência mais direta deles sobre os acontecimentos nos protestos, como a ação da polícia e a gerência sobre o preço das passagens.

A conexão observada entre estas categorias remonta a Castells (2013), uma vez que se constata a união de um grupo em função de acontecimentos que resultam da indignação (primeiro com o aumento da tarifa e, durante os protestos, com a ação da polícia) e são movidos pela esperança de mudança e pela crença do potencial do agir coletivo.

Diálogo e Outros, que foram categorias criadas a partir de elementos de exposição pessoal e menção a assuntos que poderiam suscitar debate, também demonstram esta associação com conceitos vinculados às categorias Integração Social e, principalmente, Confluência Online/Offline.

A análise das *wordclouds* Diálogo e Outros permite a compreensão de que as palavras que se sobressaíram se dividem em dois grupos principais: um relativo a termos usados em argumentações, como "povo", "cidade", "imposto", "expressão", "Brasil" e "Haddad", por exemplo; e outro vinculado aos acontecimentos das manifestações: "viatura", "ato", "atacam", "PMESP", "Polícia", "Blocs".

A presença de elementos de confluência online/offline nas categorias Diálogo e Outros (que têm por finalidade reunir as mensagens em que se observa a discussão de ideias) corrobora a noção de que a ação política que se desenvolve a partir da rede acontece em um espaço híbrido entre as redes sociais e o espaço urbano ocupado (CASTELLS, 2013).

Pôde-se observar, assim, que a diversidade de perspectivas associadas ao debate do movimento contra o aumento das tarifas de ônibus, indicador que se propõe observar a partir da análise das *wordclouds* apresentadas, acontece de uma maneira que ultrapassa a apresentação de ideias e argumentos, uma vez que é parte de um processo em que o usuário se posiciona diante de algo que se desenvolve na rede e nas ruas.

#### **4.2.3 Espaço compartilhado de troca de ideias**

Com esse indicador, buscou-se o aspecto da igualdade de condições dos membros do espaço de troca comunicativa. Para isso, observou-se a quantidade de perfis (nós), de relações entre esses perfis (arestas) e de membros que atingiram a condição de autoridade no debate (valor superior a 0,0002), além de identificar os tipos de autoridade constantes na rede de *retweets* (usuários que retransmitiram as mensagens uns dos outros) das amostras analisadas (pessoas públicas, perfis institucionais, perfis individuais ou coletivos) a partir da análise dos dez usuários com maior valor de autoridade em cada fonte.

#### 4.2.3.1 Indicadores de espaço compartilhado de troca de ideias - Diálogo

Número de nós: 1.499.

Número de arestas: 1.022.

Quantidade de usuários com valor de autoridade superior a 0,002: 109.

**Tabela 8. Distribuição dos usuários por valor de autoridade (em Diálogo)**

Valor autoridade	Nº de perfis com esse valor
0.1	1
0.009	1
0.008	3
0.007	2
0.005	3
0.004	3
0.003	15
<b>0.002</b>	<b>81</b>

#### 4.2.3.2 Indicadores de espaço compartilhado de troca de ideias - Integração Social

Número de nós: 1.034.

Número de arestas: 725.

Quantidade de usuários com valor de autoridade superior a 0,002: 488.

**Tabela 9. Distribuição dos usuários por valor de autoridade (em Integração Social)**

Valor autoridade	Nº de perfis com esse valor
0.03	1
0.01	3
0.007	2
0.006	3
0.005	6
0.004	11
0.003	15
<b>0.002</b>	<b>447</b>

### 4.2.3.3 Indicadores de espaço compartilhado de troca de ideias - Confluência *On-line/Off-line*

Número de nós: 2.284.

Número de arestas: 2.057.

Quantidade de usuários com valor de autoridade superior a 0,002: 90.

**Tabela 10. Distribuição dos usuários por valor de autoridade (em Confluência *Online/Off-line*)**

Valor autoridade	Nº de perfis com este valor
0.02	1
0.01	6
0.008	1
0.007	1
0.006	2
0.005	5
0.004	4
0.003	10
<b>0.002</b>	<b>60</b>

### 4.2.3.4 Tipos de autoridades

**Tabela 11. Tipos de perfil de autoridade por categoria de espaço de possibilidade**

Confl. <i>On-line/Off-line</i>	Integração Social	Diálogo	LEGENDA
MPL_SP	MPL_SP	MPL_SP	movimento social (3)
cmi_saopaulo	ocupasampa	prefssp	coletivo de mídia independente (11)
Mobilidadesampa	passapalavra	cadulorena	veículo de mídia (corporativo) (5)
Passapalavra	cadulorena	passapalavra	usuário individual (8)
Usuariosmetrosp	usuariosmetrosp	stanleyburburin	instituição (2)
Vicebrasil	itsluuc	mobilidadesampa	desativado (1)
ocupasampa	acacio1871	estadoo	
midianinja	cspconlutas	tsavkko	
grr_guerrilha	jcmonteiro50	ocupasampa	
estadoo	stanleyburburin	rbandeirantes	

A partir da tabela de tipos de perfil de autoridade, pode-se notar a presença majoritária de coletivos de mídia independente entre os

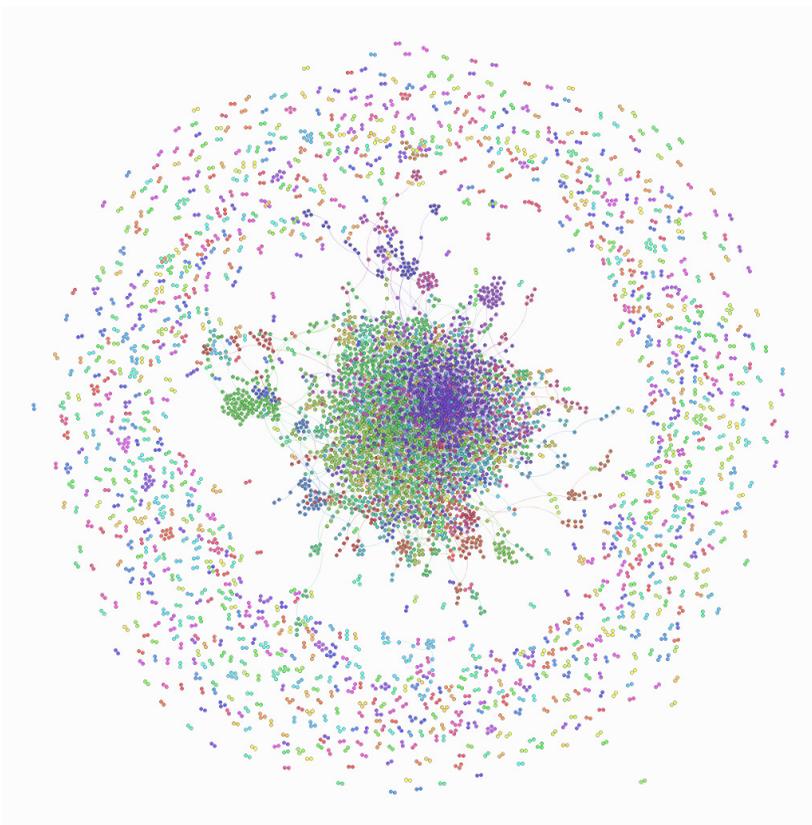
usuários com maior valor de autoridade em cada amostra. Isso demonstra que, dentro dos espaços de possibilidade, os usuários compartilharam (por meio da funcionalidade *retweet*), principalmente, o conteúdo gerado por grupos de produção de narrativas sobre os protestos não filiados à mídia tradicional.

O segundo tipo de perfil mais recorrente foi o de usuários individuais, que conseguiram posição de destaque em função das interações e dos conteúdos publicados. Durante a análise dos diálogos em *agir comunicativo* (próxima categoria analítica a ser apresentada), foi possível constatar a participação de quase todos eles (com destaque de @calulorena e @stainlyburburin) em conversas que outros usuários travavam acerca de questões relacionadas à gratuidade do transporte e à atuação do MPL. Os veículos de mídia corporativa, dentro da filtragem por espaços de possibilidade (que recortou, do *dataset*, as temáticas mais propícias para observar-se os processos almejados na pesquisa), figuram entre as autoridades com menos destaque, assim como instituições (no caso, a Prefeitura de São Paulo e a Central Sindical e Popular Conlutas).

#### **4.2.3.5 Organização dos membros da rede em comunidades**

Aqui, pretende-se compreender a dinâmica de relação entre os usuários que participaram do debate acerca do movimento de luta contra o aumento das tarifas de ônibus de janeiro e fevereiro de 2015, isso por meio da análise de todas as mensagens retransmitidas (retweetadas) nos três *datasets* estudados. Ao retransmitirem conteúdos, os usuários passam a constituir comunidades ou grupos de afinidade. Foi identificado, por meio da análise do grafo a seguir e das informações obtidas com o *software* Gephi, a existência de 1.137 redes subjacentes à rede total. No entanto, verificou-se que apenas 14 delas reuniam mais de 1% dos usuários.

**Figura 10. Visualização da rede de *retweets* nos *datasets* estudados (*Datasets* 01, 02 e 03).**



Fonte: a autora, 2015

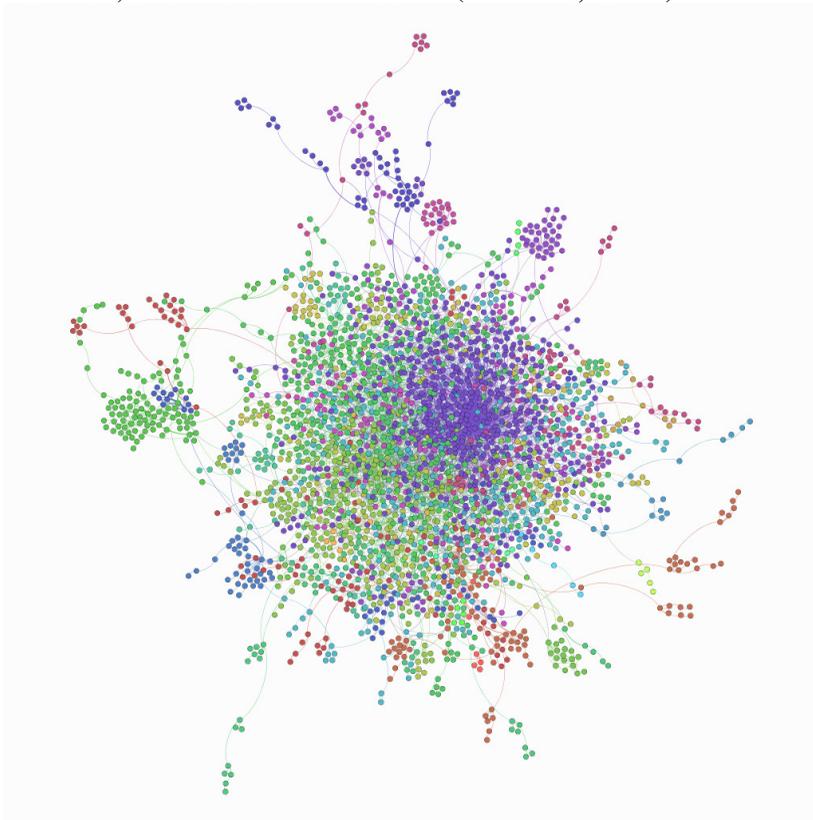
**Tabela 12. Proporção de usuários vinculados às principais comunidades da rede**

<b>Comunidade</b>	<b>Proporção</b>
A	9,10%
B	7,12%
C	4,60%
D	4,40%
E	2,83%

<b>Comunidade</b>	<b>Proporção</b>
F	2,67%
G	2%
H	1,80%
I	1,70%
J	1,70%
K	1,60%
L	1,60%
M	1,40%
N	1%

Esse grafo foi gerado a partir de algoritmos no *software* Gephi que, baseados nos fundamentos da teoria das redes complexas, geram uma interface que aproxima os usuários mais fortemente conectados. A observação do grafo formado a partir da rede de estudo da presente pesquisa demonstra a maior concentração de algumas dessas comunidades de usuário no centro, o que revela a formação de um *componente gigante*.

**Figura 11. Visualização do componente gigante (nós mais fortemente conectados) na rede de *retweets* estudados (*datasets* 01, 02 e 03).**



**Fonte: a autora, 2015.**

Esse componente foi isolado para análise e verificou-se a sua formação por sua formação por 29 comunidades (20 com mais de 1% dos usuários).

**Tabela 13. Proporção de usuários vinculados às principais comunidades do componente gigante**

<b>Comunidade</b>	<b>Proporção</b>
A	19,2%
B	13,9%
C	9,8%
D	9,47%
E	4,48%
F	4,25%
G	4%
H	3,6%
I	3,5%
J	3,4%
K	3,4%
L	2,9%
M	2,6%
N	2,3%
O	2%
P	1,9%
Q	1,8%
R	1,3%
S	1,6%
T	1,4%

#### **4.2.3.5 Verificação da permanência/alternância das autoridades**

Uma das principais características dos movimentos sociais contemporâneos que atuam a partir do espaço híbrido formado pela confluência das interações rede e rua é sua não dependência de lideranças (CASTELLS, 2013). Por isso, foi avaliada, entre as mensagens redistribuídas (retweetadas) dos três *datasets* estudados, a dinâmica de permanência/alternância dos usuários com maior valor de autoridade. Avaliou-se, também, a quantidade de comunidades a que o grupo de dez principais autoridades pertencia.

**Tabela 14. Dez principais autoridades classificadas de acordo com sua presença em cada um dos *datasets* estudados**

<i>Dataset 01</i> (08/01 - 10/01)	<i>Dataset 02</i> (24/01 - 01/02)	<i>Dataset 03</i> (31/01 - 07/02)
estadao	prefsp	cartacapital
jornaloglobo	estadao	stanleyburburin
pmesp	mpl_sp	Folha
midianinja	cmi_saopaulo	gmassaferareal
mpl_sp	folha	cristianomcosta
syndicalisms	passapalavra	emirsader
folha	vicebrasil	mpl_sp
newsrevo	mobilidadesampa	zambininha
cartacapital	guyfranco	linobocchini
thiagodarajujo	cristianomcosta	estadao
<b>Comunidades identificadas entre as autoridades:</b>		
<b>9</b>	<b>8</b>	<b>8</b>

<b>Legenda</b>
Presente nos três <i>datasets</i> (3)
Presentes apenas no primeiro <i>dataset</i> (6)
Presentes no primeiro e no terceiro <i>datasets</i> (1)
Presentes apenas no segundo <i>dataset</i> (6)
Presentes no segundo e no terceiro <i>datasets</i> (1)
Presentes apenas no terceiro <i>dataset</i> (4)

A partir dessa tabela, pôde-se concluir que mais de metade das autoridades fica restrita a um único *dataset*; duas estão em dois *datasets*; e três mantêm-se nos três *datasets*. Essa análise permite afirmar que houve alternância dos membros com maior influência no debate ao longo do desenvolvimento do movimento de luta contra o aumento da tarifa. Outro aspecto que demonstra a pluralidade entre os perfis de destaque na rede é o número de comunidades encontrado entre as dez autoridades (9, 8 e 8 no primeiro, segundo e terceiro *datasets*, respectivamente). Cabe destacar que, entre as dez autoridades

identificadas pela análise dos *datasets* na etapa anterior à filtragem por espaços de possibilidade, a representatividade de veículos da mídia corporativa foi maior que a observada na análise das categorias já filtradas.

### 4.3 Apresentação e análise de dados: Agir Comunicativo

A segunda categoria de análise em *processos relevantes*, como mencionado, é o Agir Comunicativo (HABERMAS, 1990). Optou-se por essa proposição de Habermas em razão de sua compreensão da comunicação como um procedimento de construção coletiva de consenso, em que não há um ponto de chegada preestabelecido, mas um processo de conciliação e consideração dos pontos de vista de todos os participantes.

Quando compõe-se o agir comunicativo com a pluralidade, considera-se que não basta haver a variedade de aspectos com a preservação das identidades, isto é, a pluralidade nos termos de Hannah Arendt, mas um processo de diálogo sobre elas com vistas à convivência em um mundo que é comum. Por isso, enxerga-se estas duas categorias como complementares, por significarem o respeito e acolhimento da pluralidade e uma comunicação baseada na busca de consenso que estabeleça democraticamente a vida em sociedade.

Pela óptica do campo da Educação, chamou também a atenção o fato de que, no agir comunicativo, reside aquilo que Arendt (2013) postulou como *caráter de imprevisibilidade da ação*. Ou seja, se o agir comunicativo é negociado, não se pode saber, de antemão, qual será o resultado do diálogo, o produto da discussão. Assim, aplicado a práticas educativas, o agir comunicativo demanda a abertura do professor ao inesperado, à ideia de escola-labirinto, proposta pelo professor Pretto (2011a), conforme exposto no Capítulo I.

Para a análise do *agir comunicativo*, foram selecionadas todas as menções e respostas a outros usuários publicadas nas categorias de espaço de possibilidade de Diálogo, Integração Social e Outros – aproximadamente três mil mensagens. Essas amostras foram inseridas (separadas por espaço de possibilidade) no *software* de análise qualitativa WebQda, sendo atribuídas, às mensagens aplicáveis, um ou mais dos seguintes rótulos:

**Indicador 1: busca de diálogo, troca para gerar acordo**

Rótulo: Intenção de diálogo - toda troca comunicativa que não se resumia a informações, que sinalizavam a intenção de discutir um determinado assunto.

**Indicador 2: Troca argumentativa**

Rótulo: Ideia própria - todas as mensagens que incluíam um posicionamento pessoal acerca de algo.

**Indicador 3: Motivação para o entendimento**

Rótulo: Compreensão - busca da compreensão da ideia oposta à sua; argumentação que considera o ponto de vista do outro.

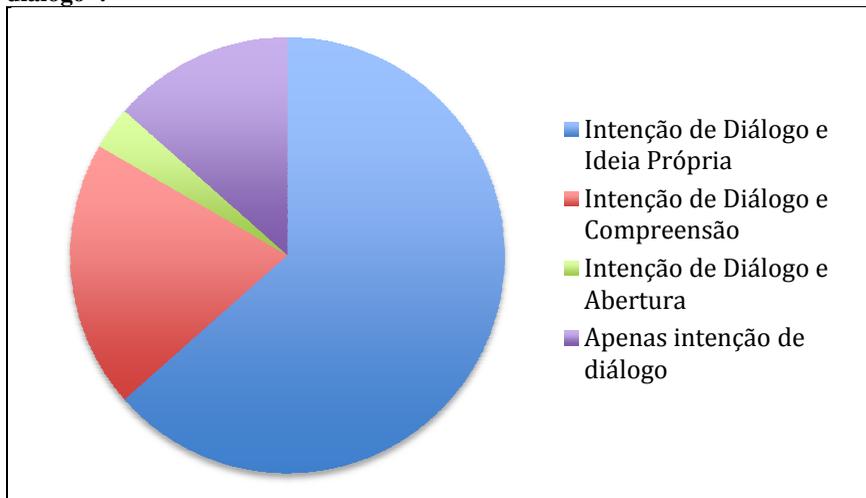
Rótulo: Abertura - revelação de incerteza própria; abertura para mudança de opinião.

Após a leitura e a rotulagem das mensagens, chegou-se ao seguinte cenário: 349 referências a *intenção de diálogo*; 306 em *ideia própria*; 97 em *compreensão* e 17 em *abertura*. Essas referências incluíam mensagens isoladas e compilação de conversas que se estendiam em vários *posts*, envolvendo múltiplos usuários (as mensagens nem sempre foram contabilizadas individualmente). Chamou a atenção o fato de que a interseção entre *intenção de diálogo* e *ideia própria* (271 mensagens) atingiu quase 80% da das referências de *intenção de diálogo*. Ou seja, grande parte das interações incluíam a defesa da perspectiva do autor. A interseção de *intenção de diálogo* e *compreensão* teve 25% da amostra de *intenção de diálogo*, enquanto que as sinalizadas em *abertura* e *intenção de diálogo* representaram apenas 4% das rotulações feitas em *intenção de diálogo*<sup>42</sup>. Da amostra total de *intenção de diálogo*, 17% referiam-se apenas a essa categoria (60 mensagens).

---

<sup>42</sup> A soma é superior a 100% porque mais de um rótulo foi atribuído às mensagens.

**Gráfico 1. Relação da interseção entre as categorias com "intenção de diálogo".**



Fonte: a autora, 2015

#### 4.3.1 Análise de *Intenção de Diálogo e Ideia Própria*

A partir da observação da relação de interseção de *intenção de diálogo* com as demais categorias, concluiu-se que a tendência predominante entre as mensagens encontradas é a de exposição e defesa do ponto de vista do autor (*ideia própria*). Com essa compreensão, passou-se à avaliação das mensagens quanto às formas de apresentação de ideias. Após a leitura dos *posts*<sup>43</sup>, foram destacados os seguintes aspectos a respeito das trocas realizadas:

- apoio à ideia do outro;
- chamada à participação;
- incitação à violência;
- posicionamento com argumentos;
- posicionamento com menosprezo/ironia/preconceito;
- prestação de informação pública; e
- questionamento.

<sup>43</sup> Amostras utilizadas: *Intenção de diálogo e Ideia própria*.

Para a criação dessas subcategorias de observação, novamente, esta pesquisa não se ateve à representatividade do viés em função da quantidade de *posts* constantes em cada grupo, mas, sim, às peculiaridades encontradas. *Apoio à ideia do outro* e *Prestação de informação pública*, por exemplo, tiveram dois e um registro, respectivamente. Ainda assim, julgou-se importante a menção de todas as perspectivas que podem estar associadas ao diálogo que aqui interessa (para além da troca informativa e da simples exposição pessoal).

É importante destacar que cerca de um terço das mensagens eram de mera exposição de ideia pessoal, sem complementação que permitisse a atribuição de nenhum viés de qualificação ao *post*. Tais mensagens não foram classificadas, uma vez que não se considerou, nelas, nenhuma contribuição para esta investigação. A seguir, alguns exemplos de mensagens que não foram subcategorizadas<sup>44</sup>:

- ❖ @geraldoalckmin\_ antes de ir, tem o meu aval para reprimir manifestação em caso de vandalismo. Não vamos deixar acabarem com a cidade.
- ❖ @LeiSecaRJ @alessandrof manifestação pacífica não pode prejudicar a população, senão, perde a credibilidade
- ❖ @SouCalmo @Estadao Tarifa urbana é da competência das PREFEITURAS. Vamos observar em São Paulo contra QUEM PROTESTARÃO": Haddad ou Alckmin

Para analisar as mensagens a partir das subcategorias identificadas, foram separados os *posts* isolados dos que formavam uma conversação, pois estes apresentam critérios diferenciados a serem observados – e serão apresentados em uma análise conjunta, de todos os indicadores, uma vez que envolvem nuances de todos os quesitos analisados.

Entre os *posts* isolados selecionados para estudo nesta etapa, a subcategoria que mais se sobressaiu foi *questionamento* (49 mensagens), seguida por *posicionamento com menosprezo/ironia/preconceito* (46), *incitação à violência* (19), *posicionamento com argumentos* (18) , *chamada à participação* (03) e *apoio à ideia do outro* (02).

A análise foi focada nas classificações atinentes à exposição e à conciliação de ideias (*questionamento*, *posicionamento com*

---

<sup>44</sup> Os exemplos de *tweets* constantes desta seção tiveram ortografia, pontuação e abreviações corrigidas para facilitar a leitura.

*menosprezo/preconceito/ironia, posicionamento com argumentos e incitação à violência*), isso pela afinidade destas com os objetivos da presente etapa de pesquisa, qual seja, avaliar a exposição argumentativa de ideias do usuário. Organizou-se a apresentação dessa observação da seguinte forma: *questionamento; posicionamento com menosprezo/ironia/preconceito e incitação à violência* (juntos por representarem o antiexemplo da comunicação que se almeja conhecer nesta pesquisa); e posicionamento com argumentos.

### **Questionamento**

Foram inseridas sob a classificação de *questionamento* as mensagens em que os usuários interagem entre si ou se dirigem diretamente a atores-chave e a autoridades do debate, com a intenção de discutir diferentes questões. Notou-se, por meio dos questionamentos suscitados pelos usuários, a concentração de temáticas centrais, entre elas, o posicionamento político do MPL – indagação motivada pela reportagem publicada no *site* da revista Carta Capital (mencionada anteriormente), que acusava o movimento de, voluntariamente, poupar o governador Geraldo Alckmin de suas reivindicações; a ação da polícia, seja com reprovações, seja com mensagens de apoio; e críticas ao grupo ativista por mobilizar manifestações sobre o aumento da tarifa e não agir sobre temáticas como corrupção, aumento de salários de governantes, educação, entre outras.

Também é relevante destacar, em função dos objetivos desta pesquisa, a possibilidade que a população ganha com as redes sociais, se não de se aproximar, de pelo menos expor seus pensamentos às camadas de governo e às pessoas públicas a partir do envio de mensagens aos perfis oficiais de autoridades. É o caso desses *tweets* em que o governador do estado de São Paulo e a jornalista Rachel Sherazade (apresentadora do jornal televisivo SBT Brasil, transmitido pela emissora SBT) são diretamente interpelados:

- ❖ @geraldoalckmin\_ Não vai dizer nada sobre a manifestação contra o aumento da tarifa?
- ❖ @geraldoalckmin\_ o pessoal vai poder usufruir de seu direito a democracia? Manifestação pode ter ausência de bala de borracha? O sr. vetou
- ❖ @RachelSherazade Vai chamar os Manifestantes de vândalos = em 2013? Ou será □ Oportunista de novo, privatizando o protesto com Coxinhas?

Mesmo se ignoradas pelos destinatários, esse tipo de mensagem tem o potencial de expor a cobrança da população em relação a determinado assunto, e de suscitar o mesmo comportamento em outros usuários, que, juntos, podem deflagrar processos ou, pelo menos, concretizar, entre a opinião pública, a instalação de uma pauta de debate.

A principal conclusão acerca das mensagens classificadas em *questionamento* é que quase todos os *posts* são uma forma de exposição da perspectiva pessoal, de maneira a provocar a reflexão do outro ou pressioná-lo a abordar uma questão. O *post* a seguir é um exemplo disso. Nele, o autor traz um dado a respeito da atuação da polícia (a presença de policiais que causam tumultos nas manifestações) para problematizar a questão do vandalismo nos atos, além da compreensão de que apenas manifestantes são responsáveis pelas depredações.

- ❖ Os PMs que depredaram camburão nos protestos de 2013 estão no ato de hoje? #PasseLivre #TarifaZero @PMESP? #PasseLivre #TarifaZero

Em apenas dois *posts*, encontrou-se questionamentos que, de fato, têm por objetivo encaminhar uma pergunta, ambos dirigidos à Prefeitura de São Paulo:

- ❖ @prefsp por que quem faz Etec não tem direito ao passe livre?
- ❖ @prefsp quem paga o passe livre?

Além de interagir com os atores-chave da questão (Polícia, MPL, governantes – instituições ou pessoas com poder de agência sobre as manifestações), os usuários também debatem com perfis que adquiriram autoridade no debate – aqueles que distribuem conteúdo que se torna relevante na rede, como o perfil do *site* sobre a atuação de movimentos sociais Passa Palavra e o do usuário @Stanleybuburin.

Selecionou-se outros exemplos mais representativos da tendência encontrada em questionamentos de utilizar a pergunta como recurso para exposição e cobrança de posicionamento acerca de uma perspectiva pessoal, conforme segue:

- ❖ @lucasrohan qual é a opinião do MPL sobre Maricá [cidade que implantou sistema gratuito de transporte urbano]? Não li nada. Parece até medo de parecer cooptado.

- ❖ @mpl\_sp Dessa vez será contra as tarifas do @geraldoalckmin? Trens, metrô, intermunicipais. Ou vocês todos só usam linhas municipais?
- ❖ @mpl\_sp De novo na frente da pref.? Depois vocês vêm me dizer q são apartidários? Que o mov. está abrangendo todas as tarifas? Vão para o Bandeirantes
- ❖ @Gabiell\_Luiz Pq o MPL só protesta em frente ao prédio da Prefeitura de SP e nunca em frente ao Bandeirantes, casa de Alckmin?
- ❖ @PMESP Se representam o Estado por que batem no povo?
- ❖ @passapalavra @mpl\_sp Tá certo fechar rodovias tirando o direito de ir e vir das pessoas ?
- ❖ @stanleyburburin: @dancaribe @passapalavra Pq o MPL de SP n passa perto do P d Bandeirantes onde fica o Alckmin?" Só coxinha no @mpl\_sp

### **Posicionamento com menosprezo/ironia/preconceito e incitação à violência**

Nas mensagens em que foram encontrados *posicionamentos com menosprezo/ironia/preconceito*, o preconceito é o elemento mais recorrente. Utilizado principalmente em mensagens que buscam desqualificar as manifestações, o MPL ou a pauta de reivindicação do movimento, associa a mobilização ao comunismo e à esquerda, com termos como burros, desocupados, vagabundos, safados, "militontos", *playboys*, povo asqueroso, entre outros.

Foram encontradas mensagens com menosprezo, preconceito ou ironia também entre postagens de pessoas que apoiam as manifestações, mas em número menor (dois exemplos).

### **Mensagens com preconceito e menosprezo a favor das manifestações:**

- ❖ @PMESP apoiam porra nenhuma. Atacam primeiro. Bandidos de farda também é bandido.
- ❖ @casa\_dos\_pobres Tá falando merda. A bandeira do MPL fala da tarifa do metrô e fora Alckmin.

### **Exemplos de mensagens com preconceito, ironia e menosprezo contra as manifestações:**

- ❖ @Annn\_LiRJ e esse povo ainda sabe fazer manifestação? Duvido, tudo burocratinha..

- ❖ @grealvarenga 1 ano e meio pagando menos 0,20 por passagem. Povo não raciocina.
- ❖ @FábioGGoulart Inteligência limitada a gente vê nessa manifestação. Gente que não tem visão de mundo. Isso é inaceitável. Isso não existe.
- ❖ @mpl\_sp @silvioluiz que bosta de movimento. Contra o estupro da Petrobras esses mesmos bandidos se calam
- ❖ @prefsp Simples. Quem tem vergonha na cara n tem Passe Livre. Quem tem caráter n deixa governo ser seu gigolô. Nem contribuintes seus cafetinos
- ❖ @fvanzo @biacall8 @pablo\_grilo Putz, como é q ainda tem gente q perde tempo com esse MPL. No fim das manifestações pra casa de S.U.V de mamãe

Nos diálogos encontrados com *incitação à violência*, as mensagens sugerem que a Polícia Militar bata ou atire nos participantes que realizam atos de depredação ou qualificam todo o movimento como uma desordem que deve ser reprimida com o uso da força por parte da PM. Foge a essa regra uma mensagem em que um usuário diz comemorar quando "um verme da PM" é morto.

### **Exemplos de mensagem de incitação à violência:**

- ❖ @LiAndorinha porrada nos vagabundos do #MPL. Quer transporte de graça? Vai de bike nessas ciclovias medonhas! Quero ver comprar uma, babacas
- ❖ @LeiSecaRJ @GiovaniBoechat Foda é manifestação atrapalhando o trânsito, sempre atropelo alguns que param na minha frente! Sorte q não estou lá
- ❖ @PMESP bala nos imundos, nós estamos com a polícia.
- ❖ @PMESP a polícia tem que descer o cacete, eles sempre se infiltram nos movimentos para tumultuar e fazer quebra-quebra.
- ❖ @PMESP @tottustu A polícia deveria descer o pau neles, sem dó! E aí prender todos e perguntar quem organiza/financia! Aposto no Gilbertin
- ❖ RT @pdevechi: @PMESP Pode descer o cacete nos vagabundos sem dó nem piedade! As pessoas decentes e trabalhadoras estão vendo (...)
- ❖ @natmaci a sorte deles é que estarei em Alphaville na hora do protesto, porque caso contrário teria muita violência

As mensagens com preconceito, menosprezo, ironia e incitação à violência representam, nesta pesquisa, o uso da comunicação no sentido mais antagônico ao seu potencial como instrumento democrático. Nessas postagens, vê-se manifestações de intolerância e o desejo de aniquilação do adversário, ao invés do reconhecimento da diversidade e a busca pelo consenso. Focou-se na observação desses exemplos na pesquisa com o intuito de conhecer as práticas de oposição àquelas que se considera inspiradoras para a formação crítica amparada por TDICs e de delinear, tal como encontrado, o espaço público de debate nas redes sociais.

### **Posicionamento com argumentos**

Nas mensagens que apresentam argumentos para sustentar uma determinada posição, enxergou-se a comunicação que pode levar ao entendimento, uma vez que fornece elementos para que as partes conheçam os fundamentos da visão do outro. Nessa seleção, foram localizadas mensagens de pessoas favoráveis ou contrárias às manifestações e às causas defendidas pelo MPL em uma condição de diálogo bastante diferente da apresentada anteriormente. A comunicação aqui descrita tem, por objetivo, expor e defender um ponto de vista, seja com uma interpretação pessoal ou com o fornecimento de dados. Considera-se que, ao buscarem justificar suas posições, as partes dão o primeiro passo rumo à busca do entendimento.

Algumas mensagens classificadas nesta categoria já apontam, também, elementos de busca da construção de um entendimento a partir do ponto de vista apresentado pelo outro (o que se verá em maior profundidade na análise do próximo indicador - *busca pela compreensão*), como o *tweet* a seguir:

- ❖ .@ALuizCosta o MPL não defende a estatização do transporte. Só ver a aula pública: <http://t.co/xvZgWFNNs9> #ContraTarifa

Notou-se, na análise dessas mensagens, que a exposição do embasamento do raciocínio motiva a continuação do debate e a construção partilhada de ideias. Em todos os *tweets* selecionados e expostos a seguir, por exemplo, há elementos para a formulação de novas perguntas ou para que a outra parte se posicione:

- ❖ @Tsavkko não existe tarifa zero, ora. não tem como. tudo tem um custo. o dinheiro virá de outras cobranças (igualmente do povo, btw).
- ❖ @CarlosPort só\_ acho um equívoco acharem que o MPL está lutando por mudanças de governo, já que eles são exclusivamente sobre passagens.
- ❖ @Morratentando @anarchoRevo @pedrolapera Sugiro abrir o link e verificar que não foi em São Paulo (olhe a bandeira). Obrigado pela interação
- ❖ @rubensramos Olha o exemplo de Maricá (RJ) <http://t.co/WMwXKMzTcu>

Destaca-se uma diferença marcante entre esse tipo de *post* e os que contêm *menosprezo*, *preconceito* e *ironia*. Estes últimos, por mais que também tragam os elementos que subjazem ao raciocínio do autor, desencorajam o debate, pois depreciam, de antemão, a opinião contrária. A resposta ao primeiro *post* a seguir, pertencente à subcategoria analisada anteriormente, por exemplo, implica que as pessoas que discordam dessa opinião já entrariam no debate sob o xingamento do outro, enquanto que, no segundo, não há menosprezo expresso à outra parte.

- ❖ @Julylsantos: Avisem aos VAGABUNDOS dessa manifestacao que com TRABALHO e sem CORRUPCAO todos teriam dinheiro p pagar as passagens de ônibus
- ❖ @Frouoo pra mim tá tudo certo, o pessoal faz décadas que luta pelo passe livre, mas é injusto pesar no bolso de quem não tem benefício.

#### 4.3.2 Análise de Compreensão do outro e Abertura

Classificou-se, sob os rótulos *Compreensão* e *Abertura*, as mensagens que demonstravam aquilo que se desejava observar por meio do terceiro indicador: a motivação para o entendimento. Foram categorizadas, em *Compreensão*, as mensagens que demonstravam que o autor havia levado em consideração a perspectiva do outro para construir seu raciocínio (concordante ou discordante da outra parte); e, em *Abertura*, as mensagens que expressavam incerteza a respeito de uma questão ou disponibilidade para mudança de opinião. Aqui, também foram separados os *posts* isolados das conversações mais extensas.

Encontrou-se, em *compreensão*, os seguintes subgrupos de mensagens:

- resposta a questionamento;
- esclarecimento;
- construção a partir da ideia do outro;
- constatação de incompatibilidade de opiniões; e
- compreensão seguida de reafirmação de sua perspectiva.

O subtipo mais recorrente entre as mensagens analisadas foi *compreensão*, seguida de *reafirmação de sua perspectiva* (mais de metade da amostra). Aqui, os autores demonstram que buscaram refletir sobre o ponto de vista do outro, ou ao menos o levaram em consideração, porém, mantêm as opiniões que já tinham.

A seguir, são dispostos alguns exemplos dessas mensagens:

- ❖ @BrunoEloi2 @biacall8 respeito o direito à manifestação. Discordo da pauta, mas defendo o direito de protestar, ainda q seja seletivo
- ❖ @acazzo @mpl\_sp ok...lembre se que a democracia é para todos, fica a seu critério
- ❖ @caiolopesq @VicDivino quando fizerem uma Manifestação no caso Petrobras eu juro que respeito, por enquanto não
- ❖ @aion\_caio @mpl\_sp @pablo\_ortellado @PMESP você sabe q não faz sentido chamar de nazi fascismo alguém mascarado pedindo passe livre, né? Obrigada
- ❖ @CarlosAraujo68 @MSavarese, isso que você acaba de dizer foi uma distorção. O MPL não disse isso sobre o passe pra estudantes.
- ❖ @ninja\_sp\_br @Vingador2015 Sou a favor de baratear os custos, mas passe livre não é possível. Seria beneficiar um grupo em detrimento de outro
- ❖ @gildevanviana @emirsader @\_brunopavan ok, mas o MPL batendo no prefeito e preservando o governador beneficia quem mesmo?
- ❖ @Constance\_J Não estamos falando só de 40 centavos a mais por passagem de ônibus. #DireitoàCidade. #ContraTarifa #ContraoAumento

O segundo subtipo mais recorrente, com pouco mais de um terço das classificações, é o da *construção a partir da ideia do outro*. A

distinção entre esse tipo de mensagem e o anterior é bastante tênue. No entanto, se na classificação anterior os autores demonstravam manter uma opinião apesar da ideia apresentada pelo outro, aqui, as pessoas apresentam seus posicionamentos em resposta à ideia do outro.

- ❖ @aiaiai63 Mas pelo que eu vi, a Juventude do PT se aproximou dos caras. E tem muita bandeira vermelha no protesto hoje
- ❖ @Tsavkko não existe tarifa zero, ora. Não tem como. Tudo tem um custo. O dinheiro virá de outras cobranças (igualmente do povo, por acaso).
- ❖ @Uly\_Faria como sustentar o congelamento da tarifa é uma questão. A tristeza é que escolhem sempre como opção tirar mais d quem já tem pouco
- ❖ @llucasmaciell ninguém estava protestando contra a Dilma, até porque quem altera a tarifa do metrô é o Alckmin, e a do ônibus é o Haddad
- ❖ @marcosvsvfreitas Não podemos generalizar, existe manifestantes (pro Brasil) e anarquistas (movimento passe livre) @SakaSakamori
- ❖ E quem não pode fazer um investimento mensal? Uma cota considerável quando soma o total - @rinconzl '© #ContraTarifahttps://t.co/ZKhnSvWcAq

Em *esclarecimento*, os autores das mensagens fornecem ou pedem mais explicações sobre um determinado assunto. Há a clara intenção de promoção do entendimento, se não para a chegada a um acordo, para, pelo menos, garantir que a mensagem tenha sido corretamente compreendida e que os termos negociados na discussão estão claros a todos.

- ❖ @DecaRGarcia @GABRIELPINHEIRO @PMESP @cadulorena não é tumultuar. Só estou falando que nos não temos ninguém por nós. Nem PT, PSDB, PDT Me desculpa
- ❖ @EuRobo36 @zezaestrela @kelfrenn @biacall8 @mpl\_sp Todos os políticos do PSDB? É isso que você quis dizer?
- ❖ @CarlosPort sim, eu concordo com isso! Eu estou falando das pessoas de fora, que acham que o MPL é pra resolver tudo, entende?

No caso a seguir, que registra uma pequena conversa entre dois usuários a respeito da relação do MPL com os governos municipal e

estadual, pode-se notar como uma mensagem de *esclarecimento* possibilita a compreensão necessária para a continuação do debate.

- ❖ @costafc mas não é o que estamos discutindo, né? Vamos lá: a pauta é voltada especialmente pra atuação do MPL, não?
- ❖ @costafc @camarada\_d Alckmin tem a pretensão de defender a si e ao capital a que serve. Só que no aumento da tarifa, pref. e gov. agiram juntos

Registrou-se, ainda, dois *posts* em que os autores respondem a questionamentos de outros. Aqui, encontram-se tanto respostas a questões pontuais (informativas) quanto posicionamento proferido em função de questionamento.

- ❖ @SearomMariana O reajuste segue critérios estabelecidos nos contratos. O cálculo utiliza índices segundo FGV e IBGE: <http://t.co/zQ4TKgkUKO>;
- ❖ @rsantostwitter @geraldoalckmin\_ @mpl\_sp nós, especificamente, não. Mas incompreensivelmente muita gente votou nele.

Já em *Abertura*, identificou-se três subtipos de mensagem: as que revelam incerteza pessoal; as que fazem alguma ponderação sobre uma questão; e as que incentivam o outro a se colocar. Chama a atenção o fato de que apenas 17 mensagens compõem a amostra total dos *posts* em que o usuário demonstra não ter uma ideia já concebida acerca do assunto – número bastante inferior a das que registram uma perspectiva definida pelo autor. E, mesmo nessas mensagens, há ainda a expressão de um ponto de vista próprio, embora com algum aspecto ainda em aberto:

- ❖ O @mpl\_sp é um movimento que luta por pauta justa e q apoio, @zezaestrela. Mas tenho dúvidas q o Bilheta Mensal minora tarifa @biacall8 @prefsp
- ❖ RT @pdralex: O que é meio difícil entender é gente que desancou o Fora do Eixo ficar do lado do MPL... Ou será que é tão óbvio que nem dá pra entender?
- ❖ @r\_afaemonteiro até onde eu sei, o MPL tem origem com jovens de classe média e alinhados mais à esquerda. Mas não acho que é oficial

- ❖ @OGloboPolitica Juro que não entendo, o pessoal faz manifestação por transporte como se isso fosse todos os nossos problemas ...
- ❖ O @bicodeurubu lembra que não é passe "livre" porque tem limitações. Mas fiquemos na questão: o MPL não deveria ser mais compreensivo?

Os *posts* que revelam abertura por meio do pedido de participação do outro são publicados pelo MPL. Neles, o movimento convida as pessoas que demonstram ter opinião bastante divergente da apresentada pelo movimento a participar das assembleias presenciais, nas quais as questões fundamentais do grupo são decididas.

- ❖ .@aiaiai63 @cyrusafa a PM alckimista impediu ato terminar na secretaria estadual de transportes. Cola nos atos, participe da assembleia!

A análise dos *posts* de motivação para o entendimento mostra que a discussão em torno do assunto, mesmo quando leva a ideia do outro em consideração (o que já é uma fração minoritária da amostra – 25% em *compreensão* e 4% em *abertura* dos *posts* com intenção de diálogo), é principalmente baseada na apresentação de pontos de vista dos autores. Mais de dois terços das mensagens analisadas incluíam a afirmação da perspectiva do autor.

#### 4.3.3 Análise das conversações

Foram registradas 45 trocas de mensagens contínuas entre usuários entre as amostras analisadas na categoria *agir comunicativo*. As conversas continham de duas a dez mensagens e envolviam até seis usuários diferentes. Esses excertos, provavelmente, não representam a totalidade da conversação, uma vez que tais mensagens passaram por dois processos de filtragem: no momento da captação do *dataset* (que se dá por meio de palavras-chave predeterminadas) e na separação da etapa de mineração por espaços de possibilidade. No entanto, servem como dados importantes para a próxima etapa da pesquisa, de análise de conteúdo dos diálogos (que será empreendida apenas no âmbito do projeto **Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento/** desenvolvido pela RPPE), que irá recuperar o rastro das interações provocadas pelos *posts* selecionados.

Em relação aos indicadores de observação, notou-se, em grande parte desses trechos de conversa, a presença de questionamento e debate, com troca argumentativa baseada em mensagens com expressão de ideias próprias. Há, também, alguns casos de posicionamento com *menosprezo/preconceito/ironia* e também de *compreensão e abertura*.

Selecionou-se três deles para apresentação, isso por apresentarem diferentes aspectos que interessam à presente análise.

### Quadro 1. Troca contínua de mensagens I

1. **@ALuizCosta:** @darvbr @fvanzo Particularmente, sou contra a tarifa zero em São Paulo. O orçamento do município não pode ser todo absorvido pelo transporte
2. **@ALuizCosta:** @darvbr @fvanzo E faz pouca diferença, nesse aspecto, quem opera os ônibus, empresa privada ou estatal. O MPL não faz sentido, ponto.
3. **@ALuizCosta:** @darvbr @fvanzo O MPL tem o direito de reivindicar pacificamente a tarifa zero. Mas não é uma reivindicação razoável e não tem meu apoio
4. **@Viniciusduarte:** @Tsavkko @fvanzo o ponto é outro, dr. Por q o MPL não está fazendo pressão pra conseguir os passes livres pra estudante nos outros modais?
5. **@ Tsavkko:** @viniciusduarte @fvanzo O MPL n faz pressão por passe livre para estudante porque é contra esse paliativo que, aliás, só vale escola-casa-escola.
6. **@Fvanzo:** @rafah\_ @ALuizCosta @darvbr não faz sentido passe livre com esse sistema de subsídio pra empresa particular. Aí precisaria estatizar.
7. **@wthorlay:** @fvanzo @biacall8 @pablo\_grilo Putz, como é q ainda tem gente q perde tempo com esse MPL. No fim das manifestações pra casa de S.U.V de mamãe
8. **@Passapalavra:** .@ALuizCosta o MPL não defende a estatização do transporte. Só ver a aula pública: <http://t.co/xvZgWFNNs9> #ContraTarifa
9. **@ALuizCosta:** @passapalavra Eu não disse que defende. Para mim, passe livre em São Paulo é uma reivindicação absurda, seja o transporte estatal ou privado
10. **@PassaPalavra:**@ALuizCosta e A tarifa-zero e a municipalização do transporte coletivo, por Paul Singer <http://t.co/R7gnUTYxqF>

Nesta conversa, registra-se uma discussão acerca da viabilidade do sistema de tarifa zero para o transporte urbano. Enquanto o usuário que introduz a questão manifesta opinião contrária à implantação do passe livre na cidade de São Paulo a dois contatos, outros quatro (não mencionados no primeiro *post*) juntam-se ao debate e, inclusive, apresentam outras perspectivas a serem discutidas (como o questionamento sobre a extensão da campanha pelo passe livre a outras modalidades de transporte e a necessidade ou não de estatização das empresas de ônibus).

Entre as dez mensagens trocadas, tem-se exemplos de exposição pessoal/ideia própria (interações 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9 e 10), construção a partir da compreensão do outro (4, 5, 6, 9), posicionamento com menosprezo/preconceito/ironia (7) e posicionamento com argumentos (5, 8, 10). Observa-se que os *posts* que geram respostas são justamente aqueles que apresentam argumentos. O *post* número 07, por mais que mencione perfis envolvidos na conversa, não obtém resposta registrada no *dataset*<sup>45</sup>. Outro aspecto a ser destacado é a entrada do perfil @PassaPalavra na conversa – identificado como autoridade do debate. Percebe-se nesse e em outros exemplos analisados a atuação dos usuários autoridades no sentido de fornecer dados que sustentam seu ponto de vista nas discussões travadas por outros usuários.

## Quadro 2. Troca contínua de mensagens II

1. **@cordismariae:** @cartacapital @pdralex participei de todos os atos, eles estão contra governo capitalista! Escolherem Haddad por causa da tarifa!!! Um show
2. **@\_brunopavan:** @pdralex A real é que a nova forma de organização social ainda está em aberto. O MPL aposta numa abordagem de "minha luta é só o transporte"
3. **@pdralex:** Sim, sim, @\_brunopavan, mas mesmo que seja só transporte a luta MPL: metrô e trem e (por outro vetor) ciclovias não são transporte?
4. **@brunopavan\_:** @AndrePioMartins @pdralex eu não acredito que fazer o jogo do PSDB estava nos planos. Mas alguém precisa se tocar disso dentro do MPL

<sup>45</sup> Não é possível apurar se houve resposta após o período de coleta de dados, ou sem o uso de palavras-chave que orientaram a extração das mensagens do Twitter.

**5. @pdralex:** O que é meio difícil entender é gente que desancou o Fora do Eixo ficar do lado do MPL... Ou será que é tão óbvio que nem dá pra entender?

Aqui, recortou-se a interação entre três usuários, motivada pelo comentário de @cordismariae, que fornece seu ponto de vista (respaldado por suas participações nas manifestações) sobre a acusação imputada ao MPL de, voluntariamente, poupar o governo do PSDB e atacar o do PT. O autor fala sobre o motivo de o prefeito de São Paulo ter tornado-se alvo das ações – com menção à revista que publicou a reportagem que dá origem à questão. A conversa, no entanto, desenvolve-se entre outros dois usuários (@pdralex, mencionado na primeira mensagem; e @\_brunopavan, não citado).

Na mensagem número 3, quando @pdralex demonstra ter recebido e compreendido o ponto de vista do outro para continuar sua argumentação (Sim, sim, @\_brunopavan, mas...), estabelece que a comunicação naquela conversa é de troca. Ao acrescentar um novo ponto de vista, induz seu interlocutor a refletir e a emitir sua opinião. Dessa forma, o diálogo evolui e, no último *tweet* registrado, tem-se a inclusão de uma nova questão (a presença de membros do coletivo Fora do Eixo no MPL) ao debate.

### Quadro 3. Troca contínua de mensagens III

- 1. \_NaoVaiTerCopa:** @danielvstam @mpl\_sp E por que você não vai lá e faz? Já que você tanto fala. Tem medo? Esta confortável com isso?
- 2. \_NaoVaiTerCopa:** @danielvstam @mpl\_sp Para falar você é o primeiro. Quero ver você ir às ruas. Por que não vai? Porque é mais um medroso.
- 3. @Danielvstam:** @\_NaoVaiTerCopa @mpl\_sp eu trabalho, não sei da sua vida, mas que você não trabalha porque deve estar lá senão esta também é medrosa
- 4. @\_NaoVaiTerCopa:** @danielvstam @mpl\_sp Não vai as ruas protestar por que? Porque é um capitalista como todos os outros que só pensa em seu umbigo. Não é mesmo?
- 5. @Danielvstam:** @\_NaoVaiTerCopa @mpl\_sp vai dormir querida , você não sabe o que diz. Deve estar com sono, você não está por que? Posta foto de gente torturada...
- 6. @\_NaoVaiTerCopa:** @danielvstam @mpl\_sp Isso te incomoda? Se sim é porque faz algum efeito em vc. Qual efeito? Pode me dizer?

**7. @NaoVaiTerCopa:** @danielvstam @mpl\_sp '... Pra quem só entende de jogo. Realmente não devo perder meu tempo. Boa sorte com seu fracasso.

**8. @Danielvstam:** @\_NaoVaiTerCopa @mpl\_sp pelo menos não fico postando fotos de corpos mal tratados e mortos pra subir na rede social e o fracassado sou eu

**9. @Danielvstam:** @\_NaoVaiTerCopa @mpl\_sp olha só vamos parar de discutir, você tem sua opinião e eu tenho a minha, me desculpe se falei algo que você não gostou

**10. @Danielvstam:** @\_NaoVaiTerCopa @mpl\_sp abraços e boa noite espero não te ver mais aqui, ok?

No último exemplo de troca contínua de mensagens, tem-se a interação dos usuários @\_NaoVaiTerCopa (perfil de militância antigoverno Dilma Rousseff) e @Danielvstam (usuário que se apresenta como torcedor do clube de futebol Palmeiras e tem a maioria de suas postagens relativa ao esporte). A conversa já inicia-se de forma agressiva, com a cobrança de @\_Naovaitercopa por @Danielvstam não participar dos protestos e, com base nisso, acusando-o de ser medroso e indiferente à realidade que o movimento deseja transformar (conversas 1, 2 e 4). A resposta de @Danielvstam também imputa uma depreciação de seu interlocutor (você não trabalha). A sequência registra uma série de insultos e ironias, baseados nos conteúdos publicados pelos usuários em suas páginas (e não relacionados ao tema do transporte). A conversa é encerrada com a constatação da incompatibilidade das opiniões de ambos e com o desejo de que não se encontrem mais na rede social.

Esse exemplo de conversa é trazido para demonstrar, a partir dos dados da presente pesquisa, como uma troca extensa de mensagens não resulta em debate e construção de ideias quando se dá sem a motivação para o entendimento. À medida que os interlocutores apresentavam acusações um ao outro, o tema inicial (a participação nas manifestações) não voltou a ser mencionado e toda a conversa deu-se com base em insinuações depreciativas sobre um e outro. Embora pudesse ser presumível, pretende-se demonstrar, com esse diálogo, que os elementos que se busca com o indicador motivação para o entendimento (*compreensão* e *abertura*) são essenciais para o desenvolvimento da comunicação que edifica novas bases de reflexão para seus interlocutores.

Notou-se, principalmente, que a presença da *compreensão* em uma conversa estabelece um modo de dialogar que propicia o

surgimento de ideias, o espaço para a negociação de pontos de vista e, se não a construção coletiva de consenso (que já requer também a *abertura*), permite, pelo menos, que ambas as partes conheçam a perspectiva um do outro e, com isso, ampliem sua compreensão e elementos para pensar sobre um determinado assunto.

#### 4.4 Considerações sobre os dados encontrados

A observação do conjunto de postagens estudado nesta pesquisa demonstrou a tendência predominante do uso das mensagens no Twitter para a exposição de perspectiva pessoal ou de alinhamento do usuário a uma vertente do debate. No entanto, considera-se que, mesmo assim, o processo comunicativo que se trava na rede social já coloca, *per se*, o usuário em um ambiente de troca de ideias.

Ao anunciarem suas posições, os envolvidos constroem, em conjunto, um cenário plural que estabelece diferentes aproximações a uma mesma temática. Mesmo que os textos não mencionem diretamente a ideia de um usuário, para seguir com a construção de um argumento, há, nas mensagens publicadas, um elemento de construção coletiva, à medida que todas as publicações que integram uma discussão passam a compor a gama de perspectivas associadas àquele debate.

Compreende-se que as características dessa plataforma (que limita os textos publicados a 140 caracteres) não favorece a troca dialógica mais intensa e a negociação explícita de perspectivas. Porém, pôde-se vislumbrar, no Twitter, uma ferramenta que propicia a ocorrência do agir comunicativo aos usuários que, voluntariamente, consideram a pluralidade encontrada para emitir seu posicionamento e situar-se no debate.

Talvez, o processo comunicativo das redes sociais faça com a que a negociação de ideias aconteça não apenas em um diálogo que envolva interlocutores determinados, mas, também, a conciliação que o usuário tece com todo o conjunto observado. De toda forma, entende-se que, quando houve a disposição para dialogar e construir a partir das diferenças encontradas, os usuários que se engajaram em uma conversação direta – com elementos como os classificados nesta pesquisa, como *posicionamento com argumento*, *compreensão* e *abertura* – tiveram, ainda, a oportunidade de problematizar as referências encontradas e de aumentar sua capacidade de reflexão acerca de um determinado assunto.

#### 4.5 Considerações sobre o método e o objeto:

Quando esta pesquisa avançava para a etapa final de análise de dados desta pesquisa, no início do mês de agosto de 2015, surpreendeu a publicação de um texto, no site Passa Palavra, em que um membro do MPL, Lucas Legume, anunciava acreditar que o movimento estava à beira do fim, em função de sua própria incapacidade de superar as contradições que se apresentaram após o destaque que o grupo teve com as manifestações de junho de 2013: "Após 11 anos de dedicação ininterrupta ao Movimento Passe Livre afirmo que o MPL chegou ao seu fim. Parece-me evidente que isso se deu após a maior mobilização da classe trabalhadora no Brasil dos últimos 30 anos." <sup>46</sup>

Se a primeira leitura deste texto suscitou reflexões sobre a validade do próprio objeto desta pesquisa, em seguida compreendeu-se que o que se expunha, uma profunda crise no MPL, pode ser parte de um processo coerente na rota daquilo a que o movimento se propõe.

Pela leitura do texto de Legume, percebe-se que, muito provavelmente, há discordância demais sobre as questões que emergiram quando o movimento alcançou maiores (e conseqüentemente mais complexas) proporções. Ainda assim, se entendeu que o MPL continua sendo uma referência importante para a pesquisa sobre movimentos sociais autônomos. A situação se revela como uma consequência da própria complexidade da tarefa a que se propõe o movimento. Ao embrenhar-se nesta tarefa, o MPL encontrou tensões a serem enfrentadas e, ao que parece, ainda não têm as respostas necessárias. No entanto, como escreve o autor do artigo:

Analisar o MPL é, necessariamente, olhar para os limites do movimento autônomo, pois ele foi o que de mais avançado existiu na tentativa de organizar um movimento social que se pautasse pela horizontalidade, autonomia e independência. O fim do MPL implica uma revisão de quais práticas pretendemos adotar para continuarmos em luta. (LEGUME, 2015)

Ou seja, pode ser que se trate de uma nova fronteira que foi aberta e concretizada, mas que agora traz outras questões para que possa ser mantida e ampliada.

---

<sup>46</sup> O Movimento Passe Livre acabou? Disponível em <http://www.passapalavra.info/2015/08/105592>, último acesso em 24 de setembro de 2015.

Para pergunta desta pesquisa (como os novos movimentos sociais podem contribuir para a formação crítica de sujeitos), o MPL continua fornecendo respostas - pertinentes ao atual estágio de desenvolvimento dos movimentos que se propõem a uma nova forma de organização. Qualquer movimento autônomo que surja agora no Brasil tem, hoje, o legado do MPL para se amparar. Não se trata, de forma alguma, de uma experiência que não atingiu seu objetivo. Mais do que isso: observar como o Movimento lidará com a conciliação dessas divergências poderá ser um relevante exemplo de aplicação do agir comunicativo e da democracia deliberativa (mesmo que eles não se concretizem, poderá ser o mais próximo que podem chegar do real neste momento).

Aqui, novamente um excerto do texto:

" A discussão democrática – fundamental para a oxigenação das mobilizações – abriu espaço para a rediscussão eterna das decisões, feita a partir da vontade individual de cada militante, como se um processo assim fosse democrático." (LEGUME, 2015).

Ou seja: a realidade vivida pelo MPL coloca em questão exatamente os preceitos que aparecem e nunca foram respondidos, embora tenham sido elaborados, em teoria (para citar apenas dois grandes teóricos, Jürgen Habermas, autor do conceito da ação comunicativa, e Boaventura de Sousa Santos, que propõe a *hermenêutica diatópica*<sup>47</sup>). O simples fato de um movimento ter chegado a este ponto pode significar um avanço. Legume pontua os desafios encontrados (grifos nossos):

Passamos a querer alcançar o consenso em todas as questões, nas estratégias do movimento, nas táticas de luta, nas formações a serem feitas, uma dinâmica que produzia reuniões muito longas e exaustivas. **Os problemas desenvolvidos foram vários: algumas decisões eram barradas por um grupo pequeno de militantes irredutíveis em algum ponto, militantes eram pressionados a concordar com uma posição para não inviabilizar o consenso, construía-se uma**

---

<sup>47</sup> Processo dialógico entre culturas distintas, que tem por objetivo o consenso que resulta no reconhecimento da diferença e do direito à diferença (SANTOS, 2003).

**posição que tentava contemplar duas vias completamente contraditórias para contemplar a todos. Como consequência dessa concepção peculiar de consenso, a discussão pública tornou-se um tabu.** Todas as discussões deveriam ser feitas internamente para que respeitássemos a construção coletiva e assim desenvolvíamos – sem perceber – práticas muito semelhantes às das organizações que criticávamos, enxergando como traição qualquer divergência aberta. (LEGUME, 2015)

Talvez, seja necessário que outro movimento surja para enfrentar e trazer respostas a estas questões. Ou, pode ser ainda que estas tensões façam parte do processo proposto pelo movimento.

O texto de Legume é ilustrado por imagens de funerais de Nova Orleans, que pela tradição são seguidos por bandas de jazz. Nestes rituais, o cortejo executava músicas fúnebres no trajeto de ida ao cemitério e, após o enterro, retornava com músicas otimistas para celebrar a vida que teve o falecido. Pode ser que esta seja esta a mensagem do autor: ainda que o MPL tenha encontrado seu limite, houve uma importante construção.

Embora o MPL continue ativo em seus perfis em redes sociais (principalmente os regionais), a crise exposta no texto de Legume demonstra que o movimento atravessa um processo justamente imbricado às tensões dos processos que almejava observar nessa pesquisa (a pluralidade, com a conciliação de diferentes ideias e o agir comunicativo, com a criação de processos dialógicos para tal). Assim, corrobora-se o entendimento desenvolvido nesse trabalho a respeito do potencial do estudo dos movimentos sociais contemporâneos em fornecer elementos para reflexões acerca da formação crítica de sujeitos.

A respeito da metodologia, pôde-se constatar, ao fim deste trabalho, a necessidade de alterações em alguns procedimentos do desenho de pesquisa realizado. O primeiro, seria a inclusão de uma etapa de eliminação manual de todas as mensagens não relativas à temática desejada no *dataset*, capturadas em função do uso das palavras-chave que orientam a captura de dados em outro contexto. Foi registrado um grande volume de posts sobre assuntos diversos, como uma mensagem de descontentamento sobre o preço de videogames importados no país (que continha a palavra protesto), discussões sobre o filme (comédia romântica) *Passe Livre*, entre outras. Algumas destas mensagens foram replicadas inúmeras vezes, de forma que poderiam ter comprometido resultados de análise de métricas que envolvem a

frequência de palavras utilizadas em wordclouds, se não tivessem sido identificadas e excluídas da amostra.

Outro procedimento que poderia ser revisto é a utilização do software WebQda para a classificação de posts. Compreendeu-se, durante a realização da pesquisa, que a utilização deste software se justifica quando há na pesquisa etapas de triangulação de dados em matrizes, o que não foi o caso. O simples procedimento de aplicação de rótulos a mensagens poderia ter-se dado de forma mais simples por meio de planilhas dinâmicas em softwares de manipulação de dados. Inclusive, essa opção traria um ganho qualitativo, uma vez que no Excel cada *tweet* permanece como uma unidade de dado separado, ao contrário do que acontece no software Word (exigido para a inclusão na plataforma do WebQda), que transforma todas as postagens em um único corpo de texto.

## CAPÍTULO V

### Considerações Finais

Este trabalho foi desenvolvido com a motivação de buscar elementos para reflexões acerca da formação crítica de sujeitos na ação política empreendida em espaços sociais *online*.

O percurso desenvolvido resultou de uma dialética de questionamentos, que abriam novos caminhos e frentes de investigação, em que o ponto de partida foi a indagação sobre como a educação poderia contribuir para a reversão da acentuação das tendências apontadas por Arendt (2013) e Bobbio (2010) de constrição aos desdobramentos da condição humana da ação na ordem social estabelecida e da redução da democracia a processos burocráticos de delegação de poder. Assim, buscou-se contextualizar o papel da educação para a formação crítica e compreender este problema a partir do estabelecimento da cultura digital no modo de vida contemporâneo.

Perseguiu-se, então, a compreensão a respeito de teorias que demonstram as contradições da ordem social vigente e definem o atual momento como um estágio de transição paradigmática (SANTOS, 2010). Assim, vislumbrou-se a internet como um relevante novo fator para a alteração da ordem social estabelecida, uma vez que vem alterando a forma de construção do espaço público (CASTELLS, 2003).

Passou-se então à busca pela compreensão da internet como campo de disputa cultural e político, momento em que optou-se pela realização de uma pesquisa sobre a ação política desenvolvida no espaço híbrido de confluência online/offline e deflagrada por um movimento social que propõe uma nova forma de organização social.

Almejava-se, com esta pesquisa, conhecer a qualidade do discurso trocado entre os participantes do debate sobre a ação política desenvolvida, de forma que foi necessário realizar um amplo estudo metodológico, que culminou com uma parceria com o LABIC/UFES e o desenvolvimento de um desenho de pesquisa para a investigação qualitativa dos diálogos selecionados para estudo, procedimentos e ferramentas de análise.

Essa abordagem dialética em relação à pergunta de pesquisa levou a uma constante revisão do percurso teórico, metodológico e de constituição do objeto empírico. Até o mês de abril de 2015, assumiu-se mudanças relevantes à constituição do projeto, uma vez que se optou pelo constante aprimoramento das condições de compreensão e abordagem do problema investigado.

A última alteração estrutural realizada foi a substituição do *dataset* a ser pesquisado (composto por *tweets* sobre a ação do MPL nos protestos contra o aumento da tarifa entre os meses de junho a outubro de 2013), que se encontrava na etapa de mineração por espaços de possibilidade, com biblioteca de termos constituída. A alteração do *dataset* selecionado deu-se em razão da identificação pelo LABIC de uma maior agência do movimento nas redes sociais nos protestos de janeiro e fevereiro de 2015 - o que de fato foi constado nas análises da interação do movimento com outros usuários da rede.

Os resultados teóricos e metodológicos da pesquisa realizada já foram compartilhados, a partir da publicação de trabalhos em eventos sobre análise qualitativa de dados<sup>48</sup> e educação<sup>49</sup>.

A respeito dos dados encontrados na pesquisa, constatou-se nas mensagens publicadas no contexto do caso estudado uma série de elementos que podem contribuir para a formação crítica de sujeitos e incorporados a práticas educativas. Entre eles, pode-se destacar: a exposição do usuário a diversidade de ideias; o conhecimento de estratégias para acolhimento de autoridades dos demais usuários no debate - que inspira contribuições acerca da construção e mediação de comunidades de aprendizagem); a ação de alguns usuários que ascenderam à condição de autoridades, a partir de seu posicionamento, demonstração de conhecimento e capacidade de interação - onde vislumbra-se a possibilidade de empoderamento de sujeitos; a presença de alternativas à mídia corporativa tradicional para a formação de opinião; e, finalmente, dados sobre a qualidade da comunicação que promove o diálogo, a troca de ideias e a ampliação de conhecimento acerca de uma questão.

A análise dos resultados encontrados demonstra que o acolhimento dos usuários no grupo pelas autoridades e atores-chave no debate encoraja a participação de outros e agrega membros a uma conversação. Entre as formas adotadas pelos atores-chave e autoridades pesquisados para interagir com usuários identificou-se algumas com especial potencial para promover o acolhimento:

---

<sup>48</sup> 5th Making Sense of Microposts Workshop - WWW Conference 2015, realizado entre 18 e 22 de maio em Florença, Itália; Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa, realizado entre 05 e 07 de agosto em Aracajú - SE.

<sup>49</sup> IV Seminário WebCurrículo, realizado entre 21 e 23 de setembro em São Paulo - SP; 37ª Reunião da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), a ser realizada entre 04 e 08 de outubro em Florianópolis - SC.

- Retransmissão de mensagens de usuários, com informações sobre acontecimentos;
- Retransmissão de mensagens de relatos pessoais e conteúdos audiovisuais produzidos por usuários;
- Retransmissão de mensagens com afinidade de opinião à sua;
- Debate com outros usuários sobre assuntos polêmicos (com fornecimento de dados e acesso a fontes de informação), independentemente da posição original apresentada pelo usuário

Identificou-se também que a realização da ação política a partir do espaço híbrido que se desenvolve na confluência *on-line/offline* faz com que os usuários passem por um processo que inclui relacionar acontecimentos e fazer ponderações sobre o conteúdo encontrado na rede (onde identificou-se a existência de perspectivas diversas) para emitir suas ideias sobre o assunto, contexto que estimula a reflexão e o questionamento.

Chamou a atenção a quantidade de usuários individuais entre as autoridades encontradas nas filtragens das categorias de espaço de possibilidade. As postagens realizadas por estes usuários que ganharam destaque no grupo revelam que obtiveram relevância a partir do conhecimento demonstrado a respeito da causa abordada e de sua disposição em fornecer seu ponto de vista sobre o tema para os demais membros da rede. Alguns destes usuários foram identificados em diversas conversas registradas ao longo da análise de *agir comunicativo*, em que ocorria a discussão de uma questão.

A possibilidade de ascensão de um usuário que não chega a se configurar como uma pessoa pública e não representa oficialmente um veículo de mídia ou um coletivo ativista demonstra a condição diferenciada do espaço público de aparência (ARENDETT, 2013; SILVERSTONE, 2007) que emerge da Web daquele estabelecido anteriormente, no contexto das mídias eletrônicas de radiodifusão. Outro dado que reforça esta compreensão é a supremacia dos veículos de produção de mídia independente sobre os da mídia corporativa entre as autoridades das filtragens por espaços de possibilidade analisados.

Embora tenha se identificado que entre as autoridades dos três *datasets* na etapa anterior à mineração por espaços de possibilidade os veículos de mídia corporativa tenham maior destaque, eles não deixam de dividir a condição de autoridades com usuários individuais e coletivos de mídia independente. Além disso, perdem posições entre as

dez principais autoridades de cada *dataset* ao longo do tempo (são quatro no primeiro; dois no segundo; e três no último).

A análise da manutenção das autoridades ao longo do *dataset*, aliás, é outro resultado relevante encontrado, uma vez que demonstra que o debate prescindiu de lideranças centralizadoras (apenas três perfis mantiveram-se na relação de dez principais autoridades ao longo dos três *datasets*).

Ainda sobre o que foi observado em relação às autoridades, considerou-se bastante singular a quantidade usuários com esta classificação na filtragem por espaços de possibilidade de Integração Social (quatro vezes superior ao das outras duas categorias, Diálogo e Confluência Online/Offline). Pondera-se que esse o resultado pode advir do fato de que os processos de integração social acontecem sob uma ordem diferenciada de obtenção de atenção e integração à comunidade. No entanto, não foi possível confirmar esta suposição por meio dos dados analisados.

As peculiaridades reveladas pelo estudo das autoridades, a propósito, sugerem a necessidade de uma maior compreensão sobre as dinâmicas de estabelecimento deste tipo de usuário e poderia ser um aspecto enfatizado em investigações futuras acerca da ação política desenvolvida em redes sociais, especialmente em relação à ampliação do conhecimento sobre os processos de empoderamento de sujeitos.

Caberia também uma investigação mais aprofundada acerca dos processos de formação de comunidades junto ao *componente gigante* identificado na análise conjunta dos três *datasets* em que se realizou esta pesquisa. Especialmente, em relação aos cinco grupos que congregam, juntos, 55% dos usuários. Embora o objetivo do indicador (verificar a existência de comunidades dentre os usuários que compõem o *dataset*) tenha sido alcançado, o conhecimento da dinâmica de formação destas comunidades poderia fornecer respostas relevantes sobre os processos de integração social em razão da pluralidade no caso estudado.

A análise da qualidade do diálogo (por meio da categoria *agir comunicativo*) permitiu vislumbrar a importância da exposição de opiniões fundamentadas em argumentos para o desenvolvimento de um debate. Revelou também que quando os participantes de uma conversa demonstram que levaram em consideração a ideia emitida pelo outro para construir seu raciocínio, a discussão tende a continuar e ser ampliada para outras temáticas e agregar outras pessoas.

Chamou a atenção, igualmente, a quantidade de mensagens encontradas com elementos de incitação à violência e desvalorização da opinião do outro, com base em preconceitos, deslegitimação agressiva

de ideias e ironia. Estas mensagens tiveram a mesma representatividade no conjunto de diálogos que aquelas que apresentavam exposição de ideias baseadas em argumentos e questionamentos. O conhecimento acerca desta forma de expressão na rede é de fundamental importância para docentes que se dispõem a usar a internet em uma educação comprometida com os direitos humanos. Assim, compreende-se que a perspectiva do discurso do ódio propagado em redes sociais é outro aspecto detectado na análise dos *datasets* observados que pode ser aprofundado em investigações futuras.

A pesquisa realizada até o momento permite uma primeira aproximação do campo da educação com a ação política desenvolvida na internet e fornece bases para a continuidade deste estudo por meio do projeto **Educação e Tecnologia: investigando o potencial dos espaços sociais virtuais para a formação do sujeito e a produção coletiva de conhecimento**, ao qual esta dissertação está vinculada. Dentre as contribuições deste trabalho para a continuidade da pesquisa pela RPPE, destaca-se a identificação de diálogos e posts que devem integrar a etapa de análise de conteúdo (não contemplada aqui) e a identificação de autoridades para realização de entrevistas.

Cabe destacar que se apresentam os resultados desse trabalho sem a intenção de fornecer um guia de uso para professores em sala de aula. Entende-se, nesta pesquisa, o professor como um sujeito que, se munido de conhecimentos a cerca do contexto comunicativo da cultura digital, pode estabelecer suas próprias formas de ação e figurar como um professor intelectual transformador, nos termos de Giroux (1997).

Reafirma-se o entendimento de que para utilizar a Web como um espaço de formação crítica, os professores devem, antes de tudo, conhecer este ambiente. Assim, como o professor comprometido com a educação transformadora de pessoas em sujeitos, proposta por Paulo Freire, deve conhecer as atuais formas de ação política no mundo.

Desta forma, esta pesquisa foi desenvolvida sob o entendimento apresentado por Shulman (1999) de que a pesquisa que fornece elementos a prática profissional contribui com padrões de prática, mais do que com regras e procedimentos.

Sendo assim, não se espera da pesquisa, na qual se apoia a prática profissional, que confira conhecimento certo, mas antes que ofereça guias para a prática. Ela oferece maneiras de reduzir a incerteza, mas não de removê-la. Ela oferece precedentes e exemplos, mais do que regras claras. Ela informa o julgamento, mas raramente

alivia o profissional de suas tribulações. Ela contribui com padrões (standards) de prática, mais do que regras de procedimento. Ao deslocar-se do conhecimento disciplinar para o terreno da prática profissional, muda-se de um domínio puramente intelectual para um no qual princípios teóricos, práticos e morais se conectam, colidem e convergem infinitamente” (Shulman, 1999, p.163 apud Ludke, 2001).

Assim, o vínculo que se estabelece entre o objeto empírico dessa pesquisa e o campo da educação se dá pelo enfoque adotado na pesquisa no empoderamento de sujeitos em processos de ação política e nas condições perseguidas para o estabelecimento do diálogo. A aproximação com o ambiente estudado se deu pelo viés da ação desempenhada pelas pessoas, e não no ambiente comunicativo. Observou-se a atuação de pessoas que, em seus diálogos, se envolveram em uma mobilização política. Em outras palavras, teve-se por foco a atitude das pessoas que participaram da ação. A contribuição aqui oferecida se dá no sentido de apresentar a professores como essa ação de desenvolveu e empoderou sujeitos, para que estes profissionais possam se apropriar disso em seu contexto.

Buscou-se, neste trabalho, reconhecer elementos que promovem a alteração da condição de participação dos sujeitos no debate e se constatou a importância da *pluralidade* e do *agir comunicativo* para a identificação de práticas como a aproximação entre os usuários de atores-chave que desencadeiam a ação; a emergência de alguns à condição de autoridade; a demonstração de reflexão dos participantes acerca de determinadas questões. Na pesquisa aqui desenvolvida, a internet foi observada como um ambiente de promoção de ação política, do qual o professor pode se valer com vistas à formação crítica de seus alunos.

Cabe destacar que há nesta abordagem uma substancial diferença em relação àquela adotada pelo campo da comunicação, que desenvolve estratégias de conhecimento das redes a partir da relação entre os usuários; das tendências de reconhecimento de argumentação favoráveis e desfavoráveis; das disputas de forças e perspectivas encontradas; entre outros aspectos atinentes à dinâmicas comunicacionais.

Também é importante registrar a compreensão aqui adotada de que a aproximação do ambiente de ação política por professores não deve se dar no sentido de difundir uma ideologia (ARENDDT, s.d), mas sim de

promover a formação crítica por meio da demonstração das condições dadas neste ambiente para que os alunos ajam e produzam seu próprio projeto a partir disso.



## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. **A crise na educação**. Gestão Escolar, s. d. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna\\_arendt\\_crise\\_educacao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2014.

BARTOLOMÉ PINA, Antonio Ramón. Comunicación y aprendizaje en la Sociedad del Conocimiento. Virtualidad, Educación y Ciencia, No 2 (2), 2011, p. 9-46.

BARTOLOMÉ PINA, Antonio Ramón; NERI DE SOUZA, Francislê; LEÃO, Marcelo Carneiro. **Investigações educacionais realizadas a partir do corpus latente da internet**. Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, 2013, p. 301-316.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom**. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política** (Vol. 1). Universidade de Brasília (2000).

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CANCIAN, Allan; FALCÃO, Paula; MALINI, Fabio. Ciberativismo e Manifestações Sociais. O #vempraru no Brasil. In: **7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Ciberultura**, 2013.

CANCIAN, Allan; GONÇALVES, Bianca; MEDEIROS, Jean; REIS, Nelson. **Oficina Gephi: Mapeando e analisando a vida nas redes sociais**. Disponível em: <<https://db.tt/z00cve04>>. Acesso em: 26 out. 2014.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

CASTELLS, Manuel. Internet e Sociedade em Rede. In: **Por Uma Outra Comunicação**: Mídia, mundialização cultural e poder. Dênis de Moraes (Org). 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHOWDHURY, Mridul. The role of the internet in Burma's saffron revolution. **Berkman Center Research Publication**, n. 2008-08. The Berkman Center for Internet and Society at Harvard University, 2008. Disponível em:

<[http://nclc348f13.pbworks.com/w/file/attach/68497884/Chowdhury\\_Role\\_of\\_the\\_Internet\\_in\\_Burmas\\_Saffron\\_Revolution.pdf\\_0.pdf](http://nclc348f13.pbworks.com/w/file/attach/68497884/Chowdhury_Role_of_the_Internet_in_Burmas_Saffron_Revolution.pdf_0.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2014.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: 34, 1992, p. 223-230.

FEENBERG, A. **Transforming technology: a critical theory revisited**. New York: Oxford University Press. 2002, 218p.

FELISBINO, Riberti de Almeida. O cidadão na democracia de Joseph A. Schumpeter e Robert A. Dahl. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 14, n. 2250, 29 ago. 2009. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/13421>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Leandro Q. **Medidas de centralidade em grafos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GADEA, C. A.; SCHERER-WARREN, I. A Contribuição de Alain Touraine para o debate sobre o sujeito e democracia latino-americanos. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 25, p. 39-45, nov. 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica de aprendizagem. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. Lessons From Paulo Freire. **Chronicle of Higher Education**. 10/22/2010, vol. 57 Issue 9, pB15-B16. 2p. Disponível em: <<http://eds.a.ebscohost.com/ehost/detail/detail?sid=c35a37ae-b0c7-4b509b3a49c23b4a5c1a%40sessionmgr4002&vid=0&hid=4108&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#db=a9h&AN=54945638>>. Acesso em: 24 out. 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Três modelos normativos de democracia**. Lua Nova, 1995.

\_\_\_\_\_. Guinada pragmática. In: HABERMAS, J. O pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990, p. 65-148.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato... [et. al]. 1. ed. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

LAPA, Andrea. **A Formação Crítica do Sujeito na Educação a Distância**: a Contribuição de uma Análise Sócio-Espacial. 302 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbanos e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

LAPA, Andrea; COELHO, Isabel C.; SCHWERTL, Simone L. As redes sociais como espaço público educador. **37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Florianópolis, 4 a 8 de outubro 2015. *In press*.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

\_\_\_\_\_. Pela Ciberdemocracia. In: **Por Uma Outra Comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder** / Dênis de Moraes (Org). 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Apud HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil** / Ermínia Maricato... [et. al]. 1.ed. - São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

LEGUME, Lucas. **O Movimento Passe Livre acabou?** Site Passa Palavra. Disponível em <http://www.passapalavra.info/2015/08/105592>. Último acesso em outubro de 2015.

LUDKE, Menga. O Professor, seu saber e sua Pesquisa. *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº 74, Abril/2001

MACHADO, Murilo Bansi. **Anonymous Brasil: poder e resistência na sociedade de controle**. [#dispersem-se], Sérgio Amadeu da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2013.

MALINI, Fabio. **O Comunismo das redes - sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**/ Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO), 2007 Xi, 333p.

\_\_\_\_\_. **As diferenças dos protestos nas mídias sociais**. Revista Info. São Paulo: Editora Abril, Abril de 2015.

MALINI, F.; CALMON, P.; MEDEIROS, J.; MALINI, M. (2015b) **Multiple points of view in #VemPraRua ReTweets: the perspectival method of network analysis**. Conference Twitter for Research, Lyon, 22 - 23 April 2015.

MARICATO, Ermínia... [et al]. **Cidades Rebeldes e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. ed. - São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In Por Uma Outra Comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder / Dênis de Moraes (org). - 3 ed -. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Tecnicidades, identidades, alteridades**: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In Sociedade midiaticizada / Dênis de Moraes (org). - Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

\_\_\_\_\_. **De los medios a las mediaciones**. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998.

\_\_\_\_\_. **Oficio de cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Chile-México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

MENDES JUNIOR, Wacler de Lima. **O sujeito arquiator: conflitos do discurso urbano e midiático**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. Disponível em: <  
<http://www.mpl.org.br/>>. Acesso em: 2014.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. **O Movimento Passe Livre Denuncia a atuação da Mídia nos Protestos Contra a Tarifa.**, 2015. Disponível em:  
<https://m.facebook.com/passelivresp/photos/a.176327119090214.45137.176309402425319/811361958920057/?type=1&p=0> . Acesso em outubro de 2015.

NEGRI, Antonio. **Para uma definição ontológica da Multidão**. Lugar Comum, n. 19, p. 15–26, 2004.

Neri de Souza, F., Almeida, P. (2009) **Investigação em Educação em Ciência baseada em dados provenientes da internet**. XIII Encontro Nacional De Educação Em Ciências. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco 24-26 de Setembro, Castelo Branco.

NÓVOA, A. **Nada será como antes**. Revista Pátio- Ensino Fundamental: “O futuro da sala de aula” (Entrevista) no. 72. Porto Alegre: Artmed Press, Novembro 2014.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **Podemos ser mais criativos ao adotar a inovação tecnológica em educação? Uma proposta em comunicação.** *MATRIZES* 1.1 (2007): 209-216.

PARK, Roberto. **On Social Control and Collective Behaviour.** Chicago: Chicago University Press: 1967. Apud HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato...* [et. al]. 1.ed. - São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

**Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Domicílios 2013 - Apresentação dos Principais Resultados.** Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em <http://cetic.br/media/analises/tic-domicilios-2013.pdf>. Último acesso em 17 de agosto de 2014.

**Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil [livro eletrônico] : TIC Educação 2012 = Survey on the use of information and communication technologies in Brazil : ICT Education 2012 / [coordenação executiva e editorial/ executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa; tradução / translation DB Comunicação (org.)].** – São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

PRETTO, Nelson de Luca. **O desafio de educar na cultura digital.** Revista Portuguesa de Educação. V. 24 n.1. Braga, 2011a.

PRETTO, Nelson de Luca. **Edutec Rio - Fala de Nelson Pretto. 2011b** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=myGU0IMtLEU>. Último acesso em 28 de agosto de 2015).

PINTO, José Marcelino de Rezende. **A Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas: Conceitos Básicos e Possibilidades de Aplicação à Administração Escolar.** Paidéia, FFCLRP -USP 1995, n.8-9, pp. 77-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/n8-9/07.pdf> - último acesso em 24 de outubro de 2014.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.**

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Volume 9, agosto de 2007. Disponível em:

[http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-](http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154)

[compos/article/view/153/154](http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154). Último acesso em 17 de agosto de 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade.** 13 ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural** / Boaventura de Sousa Santos (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

SOARES, M Salete P; SARTORI, Ademilde. **Concepção dialógica e as NTICs: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos.** V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 de setembro de 2005.

SILVERSTONE, Roger. **Media and Morality on the rise of the Mediapolis.** Cambridge: Polity Press, 2007.

SHULMAN, Lee. **Professing educational scholarship. In: Issues in education research: Problems and possibilities.** San Francisco: JosseyBass Publishers, 1999, p. 159-165.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura:** perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Scherer-Warren, Ilse. "Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI." *Política & Sociedade* 13.28 (2014): 13-34.

\_\_\_\_\_. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf](http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf)>. Último acesso em outubro de 2015.

TOURAINE, J. **Crítica da modernidade.** Petrópolis: Vozes. 1994.

VAINER, Carlos. **Quando a cidade vai às ruas**. In: Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil / Ermínia Maricato... [et. al]. 1.ed. - São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001